

MEU CORAÇÃO BATE FELIZ: SERESTA DO MUSEU

Maria Helena Versiani



Meu Coração Bate Feliz: Seresta do Museu

Maria Helena Versiani

Meu Coração Bate Feliz: Seresta do Museu

Maria Helena Versiani







Foto: Mailson Santana

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Presidente da República
JAIR MESSIAS BOLSONARO

Ministro do Turismo
MARCELO ÁLVARO ANTÔNIO

Secretária Especial da Cultura
REGINA DUARTE

Presidente do Instituto Brasileiro de Museus
PEDRO MASTROBUONO

MUSEU DA REPÚBLICA

Diretor
MARIO CHAGAS

Coordenadora administrativa e financeira
SILVIA FENIZOLA

Coordenador Técnico
MARCUS MACRI

Coordenação de Comunicação e Cultura
DANIELA MATERA

MEU CORAÇÃO BATE FELIZ: SERESTA DO MUSEU

Pesquisa e Texto
MARIA HELENA VERSIANI

Apoio à pesquisa
JOÃO TOZZI

Foto de capa
MAILSON SANTANA

Programação visual
HENRIQUE CARVALHO

Apresentação

A Seresta do Museu da República como *fratrimônio* e experiência de *museofilia*

I

O Museu da República afirma-se como um museu contemporâneo, comprometido com a cidadania, os direitos humanos, a arte, a memória, a história, o *fratrimônio* e a *museofilia*.

O atual Plano Museológico do Museu da República, que envolve também o Museu Palácio Rio Negro, é resultado da articulação entre o Plano Museológico de 2010, o Plano de Trabalho da atual direção do Museu da República e debates, conversas e análises realizadas com a equipe do museu, ao longo dos anos de 2018, 2019 e 2020.

Do referido Plano Museológico, encaminhado para aprovação da Diretoria Colegiada do Ibram, dia 18 de maio p.p., comemorando o Dia Internacional dos Museus, consta o registro de que no cotidiano do MR há uma prática social que re(e)xiste há 30 anos:

“Trata-se da Seresta do Museu. Ano após ano, dia após dia, mudam-se as gestões, a Seresta do Museu está ali, exercendo o direito republicano de existir, viver, cantar, ir e vir. A Seresta no Museu é um acontecimento que contraria radicalmente a ideia, atribuída ao presidente JK, de que o MR sairia do momento e entraria na história. A seresta é potência, é momento, é história, é memória e é devir. Ela tem presença cotidiana no Museu para além dos seus planejamentos e orçamentos. A seresta é ocupação republicana e contribui para ampliar os sentidos e significados do MR.”

O reconhecimento dessa prática musical republicana está presente no Plano de Trabalho que foi submetido à Comissão de Seleção do Edital nº 3/2017, chamamento público nº 3, de 28 de julho de 2017. Por que essa referência é importante? Porque ela indica que estamos cumprindo o planejado. A Exposição “Meu Coração Bate Feliz: Seresta do Museu”, inaugurada em novembro de 2019, cumpriu parte do planejado, agora estamos lançando um livro e em breve teremos um ou dois filmes. Tudo isso é muito bom.

II

Tão logo assumi a direção do Museu da República, em abril de 2018, convidei a pesquisadora Maria Helena Versiani para tocar o projeto de pesquisa das Serestas do Museu pensado, a princípio, como uma etnografia, mas logo depois reorientado para uma metodologia de história oral.

A dedicação intensa, sistemática e sensível de Maria Helena Versiani fez toda a diferença.

Ela viveu e frequentou as Serestas do Museu da República por mais de um ano, ela levou seu violão para a Seresta, ela fez amizades e transformou-se em referência amiga e bem querida das seresteiras e seresteiros do museu. Devo aqui cometer uma inconfidência: Maria Helena é pesquisadora rigorosa, mas também é amante da poesia, da música, da dança, da arte.

III

O avanço da pandemia produzida pela assim chamada Covid-19, a necessidade de cuidado e proteção de todas as nossas seresteiras e seresteiros, que há praticamente 30 anos reúnem-se, ininterruptamente, nos Jardins do Museu da República, a maioria com mais de 60 anos e muitas com mais de 70 e 80 e 90 anos, levou-me a suspender, a partir do dia 16 de março de 2020, a visita ao Palácio do Catete e a frequência ao Jardim Histórico do Museu. Hoje estou convencido de que tomei a melhor decisão, ainda que, a princípio, tenha produzido alguma contrariedade.

Recentemente recebi a notícia da morte, da partida pela Covid-19, do seresteiro e amigo conhecido como Rubinho do Bandolim. Perdemos um mestre, um amigo, um seresteiro de ponta.

IV

Na exposição “Meu Coração Bate Feliz: Seresta do Museu” as memórias do mestre seresteiro Rubinho do Bandolim estão presentes, assim como no livro que agora publicamos. O livro celebra o *fratrimônio* – a herança que se constrói e se partilha entre irmãos e amigos – e também celebra a *museofilia*, o amor e a amizade pelo espaço museal, em movimento, em permanente construção e reconstrução.

V

Parabéns para a equipe do Museu da República que em tempos de pandemia e tragédias cotidianas nos brinda com poesia, arte e celebração da vida. Eis aí um museu a serviço da vida!
Viva!



Mario Chagas
Diretor do Museu da República

Introdução

Este livro é fruto de uma pesquisa realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC/CNPq-IBRAM, em parceria com o bolsista João Guilherme Iatarola Mattenberger Tozzi. Apresenta uma genealogia da Seresta do Museu, evento cultural que ocorre no jardim do Museu da República, na cidade do Rio de Janeiro, durante as tardes e noites de terça-feira a domingo, desde o ano de 1991. São rodas de serestas, que duram, cada uma, em torno de duas a três horas, formadas espontaneamente por frequentadores do Museu e reunindo pessoas diversas para tocar, cantar e ouvir canções que compõem o vasto repertório da música popular brasileira, com incursões na música romântica castelhana, portuguesa, italiana e francesa.

A pesquisa pretendeu perscrutar sobre a origem e o desenvolvimento deste evento, observando os modos como ele foi criado; como se desenvolveu e é vivenciado; o que significa para os seus participantes; a sua importância cultural e social; e as suas relações concretas e simbólicas com o Museu da República.



Para desenvolvimento do estudo, recorreremos à metodologia da História Oral¹, privilegiando a realização de entrevistas e conversas livres com participantes da Seresta do Museu, aqui referidos como seresteiros do Palácio. A análise das entrevistas persistiu em captar a singularidade de cada depoimento, compreendendo os seus argumentos como uma elaboração narrativa e memorial, uma forma de revelar pontos de vista, e não como a expressão da verdade. Cada depoimento é percebido como uma estratégia discursiva, que se justifica

1 Entre outros: GOLDENBERG, 2004; ALBERTI, 2013.

em relação à experiência de quem a produz e que pode guardar o desejo tanto de revelar como de ocultar informações. Buscar os nexos entre discurso e experiência foi, assim, um esforço permanente na análise empreendida. Do mesmo modo, cada depoimento é percebido, não apenas como elemento da identidade de quem o produziu, mas também como indicador que ajuda a compreender lógicas partilhadas, presentes em experiências coletivas vivenciadas em determinados momentos da História.

Outra preocupação metodológica envolveu cuidados em relação à necessidade de garantir algum distanciamento dos pesquisadores em face do objeto de estudo, tendo em vista resistirem ao profundo encantamento que a convivência quase diária com a Seresta e seus participantes pode provocar, especialmente quando são revelados aspectos pessoais do vivido dos seresteiros. Projeções, empatias e outros afetos são inevitáveis no convívio humano, de modo que o pesquisador precisa estar metodologicamente instrumentalizado para o compromisso com a imparcialidade e a isenção possíveis, evitando julgamentos, preconceitos e outros imperativos que possam inviabilizar o trabalho científico.

As informações sintetizadas neste livro têm como fonte privilegiada os depoimentos coletados entre os seresteiros do Palácio. As exceções – relacionadas a informações complementares pesquisadas na mídia, no Arquivo Histórico do Museu da República, na bibliografia secundária e em entrevistas com atores sociais que não frequentaram e não frequentam a seresta – são acompanhadas da devida indicação das fontes utilizadas. Volta-se, assim, para o cotidiano das experiências individuais, percebendo-as, não apenas como elemento de identidade dos indivíduos, mas também como indicador que ajuda a compreender experiências coletivas vivenciadas em determinados momentos da História.

Resumidamente, a opção metodológica dá atenção especial aos seresteiros do Palácio, às suas maneiras de ver, sentir e viver, às suas memórias, em uma perspectiva muito instruída pelo entendimento de que as experiências dos indi-

víduos são elementos essenciais do fazer histórico.²

Entre os meses de novembro de 2018 a julho de 2019, foram entrevistadas 98 pessoas, direta ou indiretamente participantes da Seresta do Museu. Uma amostra expressiva, mas não exaustiva da Seresta. Alguns participantes preferiram não realizar entrevistas. Outros frequentaram o evento com intermitência difícil de assimilar nos planos de trabalho da pesquisa. Não obstante, estamos certos de que tais lacunas não chegam a comprometer as análises desenvolvidas, sendo ocorrências quantitativamente diminutas em face do conjunto das entrevistas realizadas.



Aspecto relevante no desenvolvimento da análise é a sua filiação ao campo da Museologia Social, que tem a especificidade-chave de comprometer os museus com a defesa da dignidade humana, “assentada na igualdade de oportunidades e na inclusão social e econômica”.³ Como diz o poeta e museólogo Mario Chagas, atual diretor do Museu da República: “A museologia que não serve para a vida, não serve para nada”.⁴ Assim, faz-se imprescindível neste estudo indagar como e em que medida a realização da Seresta do Museu influencia para a construção de um mundo socialmente melhor e para o enfrentamento de problemas sociais vivenciados pelos indivíduos na contemporaneidade. Uma premissa encontra, no Brasil, o pioneirismo da socióloga Waldisa Rússio concebendo os museus para além de quatro paredes, na interação com o mundo e empenhados em sua construção democrática.⁵ Tais postulados são precisos em afirmar que

2 A ideia de que determinada realidade existe tão somente na medida em que existem determinadas maneiras de senti-la e de vivenciá-la é desenvolvida em VERSIANI, 2014.

3 MOUTINHO, 2014, p. 423.

4 CHAGAS; BOGADO, 2017, Título.

5 BRUNO; ARAUJO; COUTINHO, 2010.

o museu, longe de constituir um edifício, deve ser compreendido como parte integrada a um território. O seu patrimônio já não se limita às coleções museológicas preservadas, mas inclui também as memórias, saberes, práticas, valores e os modos partilhados de existir em seu território. Importa aos museus a forma como eles se estabelecem, integrados a um ambiente onde convivem pessoas.

O presente estudo acompanha esse novo pensamento museológico e reconhece o Museu da República como uma instituição nacional que possui uma identidade territorial, esta qualificada na relação do museu com o seu ambiente e com as pessoas que o frequentam e que dele se apropriam. Um museu da República e também um território do exercício da cidadania.

Dentro desse entendimento, a Seresta do Museu desponta como um patrimônio do Museu da República. Uma prática cultural comunitária desenvolvida e vivenciada na instituição. Prática criadora de narrativas memoriais, fluidas, diversas, que instituem realidades e contam uma História. O reconhecimento da Seresta é seu direito. Compreendê-la é parte de compreender os processos sociais e comunitários em que o Museu da República está envolvido, e que lhe dá existência, feitiço e substância para o exercício da luta republicana.



O Museu da República ocupa o Palácio do Catete, edifício que guarda, entre outras, a memória de ter sido um palco aristocrático da música popular brasileira. Como sede da Presidência da República, entre 1897 e 1960, o Palácio do Catete abriu as portas para a música popular brasileira, nos idos do mandato do presidente Hermes da Fonseca (1910-1914). A segunda esposa do presidente, Nair de Tefé, primeira caricaturista brasileira e também pianista, promovia saraus no Catete que contavam com a presença luminosa de Chiquinha Gonzaga e Catulo da Paixão Cearense, mas que, para além de seus admiradores e entusiastas,

foram muito criticados por toda uma aristocracia convencida de que o Palácio não era lugar para a música popular, dita vulgar. Da tribuna do Senado, em 7 de novembro de 1914, Rui Barbosa, adversário político de Hermes da Fonseca, chegou a proferir discurso afirmando que o Corta-Jaca, maxixe composto por Chiquinha Gonzaga, era executado nas recepções presidenciais “com todas as honras da música de Wagner”, embora fosse “a mais baixa, a mais chula, a mais grosseira de todas as danças selvagens, a irmã gêmea do batuque, do catere-tê e do samba”.⁶ Contra toda crítica, porém, enquanto Nair de Tefé residiu no Palácio do Catete, os saraus seguiram animados.

Mais uma vez o Palácio seria palco de artistas populares, no período do segundo mandato presidencial de Getúlio Vargas (1951-1954). Vivia-se então a efervescência da rádio brasileira, que, entre os anos 1930 e 1950, foi o maior veículo de comunicação de massa do país. Dentre as várias emissoras inauguradas no período, a Rádio Nacional, criada por Getúlio Vargas em 1936, disputava a preferência popular. Eleito pelas urnas em 1950, Vargas promoveu shows no Palácio do Catete com estrelas da Rádio Nacional, como Ângela Maria, Elizeth Cardoso, Dircinha e Linda Batista e muitas mais.

Hoje o Palácio do Catete se distingue como lugar em que a força de eventos históricos passados se faz presente, iluminando o Museu da República como polo irradiador do que se reconhece como patrimônio musical do Brasil. A Seresta do Museu desponta como nova experiência, no Palácio, de afirmação da música popular como elemento forte da cultura brasileira.

6 Anais do Senado Federal, v. VII, sessões de 1 a 30 de novembro de 1914, p. 51. < http://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf/Anais_Republica/1914/1914%20Livro%207.pdf > (Acesso em 12/6/2019).

Era uma vez a Seresta do Museu

Vivaldo Figueredo, o Vivi, nasceu em 1º de abril de 1933, no leste mineiro de Manhumirim, município oitocentista que compõe o Circuito Turístico do Pico da Bandeira, no estado de Minas Gerais, e que se estruturou economicamente sobretudo com base no plantio do café.

De seu pai, Manuel Figueredo, pouco ou nada falou, mas partilhava boas lembranças da mãe, Maria de Assis Figueredo. Quando criança, enquanto a jovem lavadeira cuidava das trouxas de roupas, Vivi brincava ao seu lado de “tocar cavaquinho” em uma colher de pau, imitando um vizinho cavaquinista.⁷ A brincadeira acabou por convencê-la a comprar, com o pouco que tinha, um cavaquinho de verdade, o primeiro que Vivi ganhou, aos cinco anos.

Maria de Assis Figueredo teve nove filhos. Quando crescidos, todos se mudaram para a cidade do Rio de Janeiro, em busca de oportunidades de trabalho. Empregaram-se em serviços de escritório, domésticos e em restaurantes.

Em Manhumirim, Vivi completou o terceiro primário. Foi caseiro e fez biscates, muitas vezes passando longas temporadas de trabalho em cidades circunvizinhas. Sobretudo, aprendeu a tocar cavaquinho, sozinho, encontrando no instrumento uma paixão de viver. No chão mineiro por onde andava, era conhecido e muito admirado como seresteiro. Participava de festas e serenatas em caminhadas pela cidade e arredores. O seu parceiro de cantoria mais recorrente era o conterrâneo Mendes, ou Mendinho, que o acompanhava no pandeiro e também possuía belíssima voz. A dupla é mencionada em notícia, de novembro de 2017 do informativo online *Cidade Agora*, que informa sobre o falecimento de Vivi:

7 A história é confirmada em matéria de Maristela Fittipaldi, no jornal O Globo de 8/12/1992, p. 27, intitulada “Seresta no Jardim. Seu Vivi anima domingos no Museu da República com música ao ar livre”.

Há cerca de dez dias, Manhumirim perdia uma das suas figuras mais folclóricas e artísticas de todos os tempos: o Vivi. Seresteiro (sem nunca beber ou fumar!) para agradar famílias, solteiro e voluntário para ajudar os pobres, trabalhador nas casas de amigos, no seminário, nas atividades da igreja católica (sua grande paixão, a religião), fiel temente e amoroso a Deus, Vivi deixou familiares, fãs e simpatizantes no Rio de Janeiro, onde estava ultimamente. Mas, por mais de cinquenta anos (morreu aos 84), alegrou os lares, as ruas, as praças de Manhumirim, sempre tendo ao lado o fiel companheiro, Mendi-nho”.⁸

Àquele tempo, a experiência como músico não garantia a Vivi o pão de cada dia. Nunca soube cobrar por trabalho e não cobrava. Se recebia algum agrado ou pró-labore, era sem combinados prévios. Como Nelson Cavaquinho: “não negava um prato de comida ou uma bebida a quem quer que fosse, voltando para casa sem um tostão. Nunca se preocupou com ganhos ou bens”.⁹ Depoimentos de quem o conheceu convergem em dizer que demonstrava total falta de disciplina e de interesse por construir alguma poupança com o fruto incerto de suas apresentações musicais. Aquilo que porventura recebia, muito facilmente gastava, comprando pequenos presentes e alimentos para colegas e desconhecidos que encontrasse no caminho, ou simplesmente oferecendo o dinheiro pingado do dia. Vivia com simplicidade, de ofertas espontâneas.

A religiosidade teve importância extraordinária em sua vida. Muito católico, não fumava e não bebia álcool. Trazia o costume de orar em público com tanta intensidade que a todos impressionava. Desde menino, em Manhumirim e

8 <http://www.portalcidadeagora.com.br/noticia/2017/11/esquadrao-da-alegria-promove-natal-do-abrigo-em-manhumirim.html> (acesso em 21/12/2018).

9 BARBIO, Luciana. “De bar em bar, Nelson Cavaquinho fez mais de 800 músicas em seis décadas”, O Globo, 17/2/2016. <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/de-bar-em-bar-nelson-cavaquinho-fez-mais-de-800-musicas-em-seis-decadas-18695244> (acesso em: 17/12/2018).



Ao lado, Lourdes Dardana (foto de Flávio Cavalcante) e Vivi (acervo privado)



por onde andou, frequentou missas diárias e construiu sólidas relações pastorais. Alguns padres que conheceu tornaram-se amigos, apoiadores e referências de vida. No Seminário de Manhumirim, foi contratado como cuidador de dois sacerdotes.¹⁰ Vivi sentia-se pessoalmente comprometido com a tarefa de colocar a devoção a Deus e a todos acima das paixões pessoais, o que talvez tenha influenciado na sua opção de não se casar ou assumir relacionamentos amorosos, embora não lhe tenham faltado pretendentes.

Não se sabe muito bem por que empreendeu a cruzada de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, mas há evidências de que foi durante o ano de 1990.¹¹ Chegando ao Rio, viveu primeiro como morador da rua e seus infortúnios, guardando o sonho de tornar a vida um pouco música também em território carioca.

Certo dia, casualmente, conheceu Lourdes Dardana. Moradora do bairro de Vila Valqueire, na zona oeste da cidade, Lourdinha, como era conhecida, deslocava-se todos os sábados até o Catete para fazer companhia à D. Aracy¹², a quem prestava serviços de cuidadora nos fins de semana.

10 Essas informações foram obtidas a partir de trocas de mensagens com Padre Heleno Raimundo da Silva, de Manhumirim.

11 Padre Heleno conta que ingressou no Seminário de Manhumirim em 1990 e que Vivi ainda morava na cidade mineira. Em 20 de janeiro de 1991, porém, veremos que Vivi já morava no Rio, com rotinas e compromissos estruturados.

12 Não foi possível identificar o sobrenome de D. Aracy, embora ela seja bastante popular entre os seresteiros mais antigos do Palácio.

Dormia no apartamento de D. Aracy e aos domingos as duas costumavam passear no jardim do Palácio do Catete.

Era um domingo de 1991, dia 20 de janeiro de São Sebastião, padroeiro da cidade, e como de costume elas distraíam-se no jardim do Palácio. Sentou-se perto um homem de aparência maltrapilha, vestindo roupas largas, gastas e amassadas, deixando crer que muito conhecia a pobreza. Levava consigo um cavaquinho a tiracolo. Dona Aracy, conversadeira, tabulou um bate-papo e o desconhecido apresentou-se como Vivaldo Figueredo, ou Vivi. A prosa seguiu animada até que, desencapando o cavaquinho, ele perguntou à Lourdinha: “Você canta?”. “Sim! Adoro cantar!”.

Lourdinha canta desde criança. Nasceu e passou parte da infância em Vaz Lobo, bairro da zona norte carioca, e cedo fez sucesso em concursos de jovens talentos musicais promovidos por uma igreja local. Invariavelmente conquistava o primeiro lugar, o que lhe trazia também a alegria de um prêmio: uma boneca, um vestido bonito e outras recompensas que tinham grande significado para uma criança sem posses ou meios para comprar brinquedos e roupas de festa. O seu amor pela música era animado, não pelo costume de ouvir rádio, equipamento muito popular no Brasil entre os anos 1930 e 1950.¹³ Não possuía rádio quando criança, mas ouvia e inspirava-se em sua mãe que cantava enquanto arrumava a casa: hábito que a própria Lourdinha incorporou, adolescente, ao começar a trabalhar em residências de família.

A história de Lourdinha acompanha a de muitas estrelas: Dalva de Oliveira foi babá, arrumadeira, cozinheira e faxineira, tendo sido incentivada a cantar pelos patrões.¹⁴ Carmen Costa, antes de se tornar uma cantora famosa, trabalhou na casa de Francisco Alves.¹⁵ Elza Soares também trabalhou em casas de família

13 A popularidade do rádio no Brasil é abordada em SAROLDI; MOREIRA, 1984.

14 A RAINHA DA VOZ, 1997.

15 MUSICARIA BRASIL, 2017 <[https://musicariabrasil.blogspot.com/2017/06/carmen-cos-
ta-10-anos-de-saudades.html](https://musicariabrasil.blogspot.com/2017/06/carmen-cos-
ta-10-anos-de-saudades.html)> (acesso em: 9/1/2019)

antes de fazer sucesso como a “deusa da voz”.¹⁶ Agnaldo Timóteo foi motorista¹⁷ de Ângela Maria e a própria Ângela Maria durante anos, tal como Lourdinha, só se apresentou cantando em igrejas. Suas participações em programas amadores de rádio ocorriam às escondidas dos pais, que, muito religiosos e conservadores, condenavam a vida de artista. Um dia a indisciplina foi descoberta e acabou em surra. Mais tarde, para seguir na carreira de cantora, Ângela Maria precisou sair de casa, ao abrigo de sua irmã.¹⁸

Aos dezessete anos, Lourdinha mudou-se com a família para o bairro de Coelho Neto, zona norte do Rio, onde conheceu Neuza, vizinha que se tornou uma grande amiga. O pai de Neuza integrava uma banda de música e os ensaios aconteciam no quintal de sua casa. Ouvindo Lourdinha cantar, passou a convidá-la para as apresentações do grupo. Dizia à filha: “Lourdinha faz falta quando não canta conosco”. Por sua vez, Lourdinha “não queria mais sair” da casa da amiga.

Por isso, não teve dúvidas ao responder para Vivi: “Sim, adoro cantar!”. Ali mesmo, então, ele dedilhou algumas notas e cantaram juntos. Entre músicas, Vivi comentou que pediria autorização para tocar aos domingos naquele jardim. No mesmo dia, procurou por um funcionário do Museu, Anésio Silva, responsável pela supervisão do Palácio, onde trabalhava desde que o prédio era a sede da Presidência da República.¹⁹ Anésio levou a solicitação à Direção do Museu e, no domingo seguinte, 27 de janeiro de 1991, devidamente autorizado, Vivi deu início

16 CAMARGO, 2018.

17 VELOSO; SOUSA, 2009. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/agnaldo-timoteo-pereira> (acesso em 7/1/2019)

18 FAOUR, 2015.

19 O Palácio do Catete foi a sede do Poder Executivo brasileiro entre 1897 e 1960, ano em que a Capital do país foi transferida para Brasília e o Palácio passou a abrigar o Museu da República. Alguns criados e mordomos da Presidência moravam com suas famílias em dependências construídas ao fundo do terreno do Palácio, e seguiram como funcionários e moradores do Palácio após a criação do Museu da República – caso de Anésio e de sua família, os últimos moradores do Palácio nessas condições.

a uma série semanal de apresentações musicais no jardim do Palácio, entre 11h e 12h.²⁰ Mais adiante, por conveniências diversas, o horário das apresentações sofreu mudanças até se firmar no período entre 16h e 18h. O lugar do evento foi apelidado de “Montinho”: uma área plana em terreno mais elevado do jardim. Anos depois, em 1997, a execução de um projeto paisagístico deslocou a Seresta para o corredor entre o coreto e o chafariz central. Todas as apresentações encerravam-se com o público animadamente dançando um *pout-pourri* de sambas e marchinhas de carnaval, em que não faltavam clássicos como “Sassaricando”, “Mamãe eu quero”, “Ai que saudade da Amélia” e muitos mais.

O evento, batizado de Seresta do Vivi, teve, entre os seus primeiros ouvintes, D. Aracy e Lourdinha e também Iderê José do Nascimento, sua esposa Déa do Nascimento, Regina Coeli Avellar e seu esposo João Avellar. Todos, à época, frequentadores do jardim do Palácio. De início, Vivi cantava e tocava solo, mas sempre guardava algum momento para dizer carinhosamente: “Vamos ouvir a cantora ‘Lourdes Lourdinha!’”.

Foi também à amiga Lourdinha que ele contou que, chegando ao Rio de Janeiro, nunca considerou a possibilidade de procurar abrigo junto aos irmãos que moravam na cidade. Sentia-se bem ambientado entre os moradores de rua. Improvisava apresentações na praça do Largo do Machado, no Catete, e, segundo Lourdinha, os ganhos desse trabalho eram partilhados com seus companheiros sem teto.

A certa altura, Vivi recebia convites para tocar em festas particulares e sempre convocava Lourdinha, consolidando-se forte parceria. Porém, em 1998, Lourdinha apaixonou-se por Lázaro Rikils, que conheceu na Seresta e com quem,

20 Em 2 de agosto de 2019, conversamos com Vânia Bonelli, então coordenadora técnica do Museu Histórico Nacional, e que ocupava função equivalente no Museu da República quando do início da Seresta do Vivi. Ela confirmou que houve contato com a Direção do Museu e que a solicitação de Vivi foi autorizada, “considerando prioritariamente o objetivo de revitalizar os diferentes espaços do Museu, buscando sempre uma efetiva identificação com o visitantes”.

em 2000, se casou e viveu por cinco anos, até a viuvez. O casamento gerou nova rotina, que a afastou das apresentações particulares com Vivi, mas não do Palácio do Catete, onde ela segue cantando, muito aplaudida. Até hoje, o seu lugar é único no coração da Seresta.



Entre os que acompanharam a Seresta do Vivi desde o início, Regina Coeli Avellar e seu esposo, João Avellar, foram participações dedicadas e colaborativas. O casal morava no Catete e passear no jardim do Museu era parte de sua rotina, que encontrou a Seresta. Não cantavam ou tocavam um instrumento, mas fortaleceram o evento, como reunião musical pública relevante só possível quando há interação entre músicos e não músicos. Desfrutando a estabilidade de um emprego na Receita Federal, Regina assumiu a Seresta como projeto também seu, viabilizando gastos imperativos, desde a troca regular das cordas do cavaquinho de Vivi até o pagamento integral de sessões de fisioterapia para Lourdinha, o que a livrou de graves complicações motoras. Sobretudo, Regina agiu para a recepção fraterna dos que se aproximavam da Seresta, tornando-se uma espécie de mediadora. Porém, em 2007, por complicações de saúde, o casal se afastou do grupo. Em 2019, Regina faleceu, deixando saudades e a lição de que “é preciso ser de vez em quando infeliz para se poder ser natural...”²¹

Iderê José do Nascimento e Déa do Nascimento foram também presenças marcantes na Seresta do Vivi, em muitos sentidos. Musicalmente, Iderê era admirado por sua bela voz tenor e ainda passou a acompanhar Vivi no tantã e no pandeiro, enquanto Déa assumia o chocalho. Animadores da seresta, às vezes cantavam em dueto, comparecendo a cada evento como a um compromisso.

Iderê apelidou o “Montinho” de “Monte Pascoal: o lugar de descoberta da

21 Trecho do poema “O guardador de rebanhos”, de Alberto Caeiro, 1914.

Ao lado, Iderê e Déa. Foto: Ana Cas

Seresta do Vivi”. Conta que o início do evento teve relação com a participação de Vivi em um grupo carismático na capela do colégio Zaccaria, próximo ao Museu da República. O músico costumava aguardar pelo horário do compromisso religioso no jardim do museu e, na cadência dessa espera, veio a vontade de tocar um pouco por ali mesmo, veio a conversa com D. Aracy, o encontro com Lourdinha, a autorização mediada por Anésio, a estreia, os primeiros admiradores – tijolo por tijolo, a Seresta do Vivi.

Natural de Resende, município fluminense, Iderê mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro em 1952. Em 1954, casou-se com Déa e a partir de 1970 moraram no Catete, passando a frequentar o jardim do Museu e eventos ali promovidos. Construíram o hábito de ir a serestas e bailes. Dançar e cantar juntos marcava o compasso de seu casamento. Inclusive, quando nos receberam em sua casa para uma conversa sobre a Seresta, a todo momento o nosso diálogo foi animado pelo cantarolar de um refrão, o sopro de uma gaita, o tamborilar do pandeiro. Naquela casa, a vida é bordada de música.

Conheceram Vivi em sintonia fina com a alegria de viver a música. Tudo convergia para que o bairro, o jardim em que caminhavam diariamente, participasse dessa alegria. A neta do casal, Camile Nascimento, fez bonito registro da importância da Seresta do Museu para os avós, em trabalho acadêmico que projetou uma revista intitulada “Cultura”. Apresentada no âmbito do curso de Comunicação da Universidade Estácio de Sá, em 2013, a revista exhibe a seguinte manchete: “Música e diversão no Palácio do Catete”. Entre os pontos da matéria, Iderê comenta: “Cantar faz bem pra mente, eu estou aqui desde o início, começou pequeno, mas hoje o grupo é enorme”.



“Eu sou o primeiro violão do Palácio” (Castanha)

Começou pequeno e sem pretensão de crescer. Certo dia, passado pouco mais de um ano do início da Seresta, Vivi saía de uma missa, nos arredores do Catete, e cruzou com Castanha. O fato de estarem, os dois, carregando um instrumento musical – Vivi, o cavaquinho e Castanha um violão – suscitou entre eles uma breve troca de palavras: “Ah, você também toca”, “Toco”, “Onde?”... Ao final, Vivi deixou o convite: “Passa lá, no Palácio”.

Ivanaldo Cardoso Castanha, “o primeiro violão do Palácio”, como costuma lembrar, é pernambucano, de Recife. Pegou cedo no batente, desde os oito anos de idade vendendo cocada, bolo e tapioca pelas ruas da cidade, para ajudar sua mãe a criar os cinco filhos. Ao lado da labuta, ele conta que a música gravitava em sua vida como a lua em torno da Terra, e aos dezoito anos já compunha marchinhas, frevos, forrós e sambas. Hoje, contabiliza dois CDs gravados com canções autorais.

Visitou a Seresta do Vivi pela primeira vez em 1992, tornando-se frequentador. Depois vieram outros violonistas. Maestro Viana, Castanha conheceu através de seu médico, Dr. José Norões, que gostava do músico como de um filho. Viana procurou por Castanha na Seresta do Vivi e logo conquistou a admiração de todos os seresteiros. Na mesma época, o violonista Sr. Domingos, morador nos arredores do Catete, apareceu na Seresta, comentando ter lido sobre o evento em um jornal. Começou a participar e ainda convidou o amigo violinista Sr. Renato, egresso da Orquestra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Ou seja, uma trinca de bambas incorporava-se à Seresta.

Viana vislumbrou a possibilidade de organizar ensaios de canto coral, em seguida à Seresta do Vivi, no mesmo local. O projeto teve início, mas, em função de compromissos do maestro, acabou por dar lugar a uma segunda seresta, comandada por Castanha. Assim, em 1994, o Museu passava a abrigar duas

Castanha, Sr. Domingos e Adão. Foto: Acervo privado

serestas aos domingos.

Uma particularidade da Seresta do Vivi pode ter influenciado para o surgimento da nova seresta. A certa altura, Vivi acolhia a participação de outros cantores e cantoras, mas era ele quem definia as músicas e os tons a serem interpretados, dentro do repertório que ele próprio tocava. Os demais participantes deviam acompanhar Vivi, que não abria mão de liderar o evento. Isto foi razão para alguma crítica e aborrecimento, e aqueceu o desejo de alguns seresteiros por tocar com mais liberdade.

Para a nova seresta, Castanha convidou o cavaquinista Adão Quirino, que lhe foi apresentado por um amigo em uma roda de bar. Adão participou da Seresta até o seu falecimento em 2017, quando então Castanha cuidou pessoalmente de organizar uma digna cerimônia de sepultamento. Contou, para isso, com o apoio de alguns seresteiros e especialmente de Ana Maria Melo, cantora da seresta e sua companheira.



Ana Maria conheceu Castanha e a Seresta do Museu, em 1996, durante passeio ao Palácio do Catete. No curso da seresta, nutriu imenso carinho por Adão, um homem sem poses e muito só. Enfermeira experiente, dedicou cuidados ao cavaquinista, estimulando que ele cultivasse uma vida social saudável. Organizava eventos em dias de serestas para celebração do Natal e do aniversário de Castanha, e também para celebração do aniversário de Adão, com primores decorativos, quitutes e delicadeza. A solidariedade de Ana encontrou a de



outros seresteiros, especialmente Iderê e Julita, cantora da seresta que enfrentou problemas de saúde com fatalidade, em 2018, deixando entre os seresteiros do Palácio a marca de uma presença segura, elegante, assertiva.

Em 1995, já ocorriam conversas entre Iderê, Castanha, Viana e outros sobre uma terceira seresta no Palácio, quando um baile com orquestra, organizado pelo Museu da República, deu novo ânimo à ideia. Iderê lembra de dançar no jardim com Déa, sob a noite e as estrelas, encantado com a iluminação da festa. Dias após, a nova seresta foi autorizada, nas sextas-feiras, entre 19h e 22h. Mais uma vez, Anésio apoiou o projeto, sugerindo inclusive que a seresta ocorresse em cortejo na aleia central do jardim.

No dia 3 de novembro de 1995, teve início a terceira seresta, na área em frente à varanda interna do Palácio. Não em formato de cortejo, mas em roda – muito mais conveniente aos participantes com alguma dificuldade motora – e em comum acordo comandada por Iderê.

Na seresta de Iderê, cantoras e cantores revezavam-se, em uma espécie de caraoquê, informando a música e o tom de sua preferência. Os instrumentistas improvisavam o acompanhamento. Vivi não frequentava a seresta de sexta-feira, de modo geral reservando as noites para tocar em missas. Um novo violonista foi convidado: Mario Lima, que viria a participar de outros eventos dos seresteiros. Desde o início, Iderê estabeleceu: “Quem não chegar no horário, não vai cantar, só dançar”.

Durante dez anos, Iderê manteve-se na regência da seresta de sexta-feira. Em 2005, porém, optou por deixar o compromisso, que foi assumido por Castanha. Com menos obrigações, Iderê seguiria prestigiando e participando de todas as serestas, afastando-se apenas quando Déa requereu cuidados especiais. Permaneceu então ao lado da esposa, até que ela seguiu, em 18 de março de 2019, “para além do luar, onde moram as estrelas”²², após súbito infarto.

22 Trecho da letra de “Um ser de luz”, música de João Nogueira, Mauro Duarte e Paulo César Pinheiro .

Entre tantas memórias, hoje é certo dizer que Déa e Iderê são parte luxuosa da construção da Seresta do Museu, que há quase trinta anos faz história como prática cultural brasileira, carioca e comunitária.



A participação de Castanha nos eventos seresteiros reforça a representatividade da música popular nordestina. Nos anos 1940, quando a rádio já se havia consagrado como veículo de massa no Brasil, a difusão de gêneros musicais não oriundos do eixo Rio-São Paulo ganhou força. Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira teriam influência decisiva nesse processo, com o lançamento nas rádios de “Baião”, em 1946. Desde então, a música nordestina alcança todos os recônditos do território nacional, sem perda de sua identidade regional e influenciando várias gerações de compositores. Como diz a antropóloga Mundicarmo Ferretti (2012, p. 48), abriram-se as portas das gravadoras para um “gênero de música popular brasileira, nem urbano e nem rural, como até então se classificavam todos os outros”.

No Museu da República, não é raro Castanha iniciar a apresentação de uma de suas músicas, lembrando: “Com essa fisionomia, eu não posso dizer que sou gaúcho nem catarinense nem paranaense. Sou pernambucano e vou cantar um xote”. Ao lado do popular nordestino, sambas, boleros e outros ritmos são lembrados. Assim, na seresta de Castanha, como nas demais serestas do Museu, o repertório assume uma riqueza de estilos que não se enquadra nos limites de qualquer divisão geográfica e que, sem esforço, expressa a bonita diversidade da produção musical brasileira.

Castanha mudou-se para o Rio de Janeiro na segunda metade dos anos 1960, aos vinte anos de idade. Logo se inseriu no amplo mercado de serviços e vendas que agitava o centro da cidade e, entre 1978 e 2014, estabeleceu uma

empresa autônoma de equipamentos de segurança e proteção individual. À noite, dedicava-se aos estudos e obteve certificações na área de Relações Públicas e em Formação de Lideranças. Destacou-se no conhecimento de idiomas, especialmente o inglês e o francês, formação que concluiu com a oferta de uma bolsa de estudos em Genebra, na Suíça. Daquele país, guarda a lembrança de momentos consagrados à música, ao lado do amigo e compositor André Allan Morrissette.

Hoje, desde 2014, Castanha dedica-se exclusivamente à música. Está convencido de que a Seresta do Museu representa muito para as pessoas da terceira idade. “Os que moram perto”, ele diz, “preenchem, com a Seresta, uma lacuna, um vazio. Escutam violão, cavaquinho e cantam, em um lugar com segurança, onde não tem cachaça nem bebida. E ninguém é obrigado a pagar”. Observa que há espaço para a diversidade de frequentadores: “Tem o pessoal que curte o jardim pra caminhar e conversar, e tem também quem vem pela cultura, a música. Eu venho ao Museu para caminhar, sentar no jardim, curtir o palácio, as exposições”. Um ponto de tensão nas serestas que comanda é não gostar que o público converse alto, a seu ver um desrespeito com quem está tocando, cantando e ouvindo as músicas. Nesses momentos, pede silêncio e diz que sabe ser grosso quando a desconsideração é muita. Por isso, afirma, é alvo da antipatia e da inimizade de alguns frequentadores.



Desentendimentos e querelas, tão próprios ao convívio humano, ocorrem entre os seresteiros por razões diversas, não somente pelas conversas paralelas em momentos de cantoria. Há muitas críticas quanto a seresteiros que se comportam como se fossem os donos da seresta, estabelecendo regras de conduta bisonhas, descabidas, por exemplo arbitrando que ninguém pode rebolar nas

rodas. Nesses casos, têm lugar o constrangimento e a falta de cuidado com o outro. Desconsidera-se que a seresta é um evento público aberto a participações, em que todos têm função importante e horizontal, com margem para estar, ser e desfrutar cada momento a sua maneira. Todo desentendimento, contudo, acaba por transformar a Seresta do Museu em um exercício de aprendizagem em relação à construção de projetos coletivos. Soluções negociadas pelo grupo tornam-se pontos-chave de repactuações necessárias, absorvendo aspirações por mudanças possíveis e potentes: não só a Seresta do Museu sobrevive aos desentendimentos entre pares, como também se multiplica, pacificada, reinventando novas possibilidades, mostrando que toda ação cultural coletiva requer abertura para a arbitragem de conflitos e a conciliação de interesses.



Castanha diz que a seresta o “forçou” a estudar mais o violão. Desde que a frequenta, procura, como rotina, fazer aulas e tocar com outros profissionais, incluindo seresteiros do Palácio. Um reconhecimento desse esforço veio com a inclusão de seu nome entre os homenageados de uma agenda intitulada “Vitoriosos”, idealizada pela produtora cultural Janete Vieira de Sousa e lançada em 2015, ano do 450º aniversário da cidade do Rio de Janeiro.²³

23 Outro seresteiro do Palácio está entre os homenageados da agenda “Vitoriosos”: Ivan Correia de Lima, conhecido como Gogó de Ouro.

“Em meu sangue correm notas musicais” (Ditinha Viana)

A Seresta do Museu acontecia às sextas-feiras e aos domingos, quando Ditinha Viana, em 1995, começou a frequentá-la.

Maria Edith Viana Cappelli é natural da cidade do Rio de Janeiro, nascida e criada na Praça Onze de Junho. Logradouro nomeado em referência à data de uma das contendas da Guerra do Paraguai – a Batalha do Riachuelo –, a Praça Onze afirmou-se como lugar de luta e resistência cultural, símbolo da afro-brasilidade em território carioca e berço esplêndido do samba em sua forma urbana. Nos anos 1930 e 1940, na Praça Onze desfilavam as escolas de samba e os ranchos carnavalescos da cidade do Rio de Janeiro e era frequente o improviso de rodas de batucada e de capoeira. Entre 1940 e 1960, acompanhando o processo de criação e de remodelação da avenida Presidente Vargas, a Praça Onze desapareceu fisicamente, mas o seu nome se manteve como forma tradicional e popular de referenciar a antiga área ocupada pela praça e suas adjacências. Hoje, entre outras evidências de que nessa área permanece acesa a chama da excelência cultural, lá está o Sambódromo, atual passarela dos desfiles das escolas de samba do Rio, e também o Terreirão do Samba, equipamento cultural, com vasta programação ao longo de todo o ano, criado como espaço de preservação e valorização do samba.²⁴

Orgulhosa de suas origens, em 1998, Ditinha compôs a canção “Velha Praça Onze”²⁵ e, não sem saudade, lembra de fatos pitorescos acontecidos na região,

24 MOURA, 1983 e LOPES; SIMAS, 2015.

25 “Praça Onze. Oh! Minha velha Praça Onze, / Onde outrora abrigava os carnavais. / Era lá que desfilavam as escolas / E todos os desfiles principais. / Era samba no pé e no chão, / Da Praça Onze até o Obelisco, / A gente assistia sem confusão. / A festa de Momo, naquela velha praça, / Fazia o povo brincar com animação. / As cervejarias, que lá existiam, / Eram o encontro dos sambistas e foliões. / Havia corsos, mascarados e bons blocos de sujo, / Lança-perfumes, confetes e serpentinas, / Pierrots, colombinas e arlequins.”

alguns deles sintetizados em dois livros de memórias de sua autoria, publicados respectivamente em 1996 e em 2016.²⁶

Muito cedo, Ditinha deixou claro que não prescindiria da música. Aos dois anos, já cantarolava versos infantis, encantando seus familiares. Cresceu brincando de teatro com crianças vizinhas, em palcos improvisados e encenações para parentes e amigos próximos. Nessas apresentações, simulando o microfone com uma latinha presa a um cabo de vassoura, costumava reproduzir os programas de calouros, muito populares desde que as rádios invadiram os lares brasileiros. Os seus pais, fluminenses da cidade de Campos dos Goytacazes, por toda a vida apoiaram cada passo de Ditinha na direção da música. Na Escola Municipal República da Colômbia, onde concluiu o antigo primário, a menina entusiasmou-se com as aulas de canto, fruto da maestria de Villa-Lobos, que nos anos 1930 idealizou e implementou um projeto musical inovador no país, com a introdução do ensino de música e canto coral nas escolas públicas.²⁷ Aos doze anos, Ditinha integrava o coral da Igreja Nossa Senhora da Penha. Nas festas familiares, em que era praxe a contratação de um conjunto regional, invariavelmente ela participava da cantoria, interpretando sobretudo gravações de Carmen Miranda, cantora que muito admirava. Aliás, foi cantando “E o mundo não acabou”, música de Assis Valente gravada por Carmen Miranda, que Ditinha fez a sua primeira apresentação pública, em evento para calouros promovido como estratégia publicitária por uma loja de equipamentos musicais próxima à estação de trem da Penha, a Bazar Regal. A mãe de Ditinha decidiu levá-la e, naquela noite, a jovem, pré-adolescente, recebeu o seu primeiro prêmio de melhor intérprete. O segundo foi-lhe concedido aos catorze anos, em um concurso para calouros promovido pelo Circo Dudu, à época localizado no bairro de Santo Cristo. Novamente, emplacou um sucesso de Carmen Miranda, a marchinha “Taí”, composta por Joubert de Carvalho.

26 Os dois livros de Ditinha foram fonte privilegiada da pesquisa sobre a sua trajetória.

27 Ver SILVA, 1974.

A experiência musical acumulada desde pequena, entre brincadeiras e vivências, sedimentaram a carreira de Ditinha como cantora brasileira. Um caminho profissional que, segundo ela, seguiu passos naturais, uma tendência: “Os dons de um artista vêm de berço, já são revelados em criança e não depois de adulto, forçando com escolas para ‘isto’ ou ‘aquilo’. O artista ‘nasce’, não se faz” (VIANA, 1996, p. 14).

Ditinha costumava ir à Rádio Tupi, para assistir ao vivo às apresentações de grandes intérpretes. Desejava seguir a carreira artística e buscou espaço nas emissoras de rádio. Como ensina Guimarães Rosa, em seu “Grande sertão veredas”, o que se pede nessa vida é coragem. Assim, inicialmente optou pela própria Rádio Tupi, enfrentando o programa de calouros de Ary Barroso, apresentador com fama de irascível, irônico, dado a provocações e a humilhar os candidatos. Deixou a rádio com a conquista do segundo lugar. O passo seguinte foi o programa “Hora do Pato”, da Rádio Nacional, e Ditinha conseguiu o primeiro lugar! A conquista lhe valeu o convite para uma participação regular no programa “Canta Mocidade”, da Rádio Guanabara, o que representou na prática o seu lançamento como cantora. A partir de então, enfrentou uma rotina de programas de auditório e participações em emissoras da cidade, à época com o nome artístico de Ditinha Azevedo. Frequentou também uma escola para rádioatores criada na então Rádio Clube do Brasil e integrou o elenco do Teatro do Trabalhador – projeto desenvolvido nas dependências do prédio do Ministério do Trabalho, em frente à Rádio Mauá, conhecida como a emissora dos trabalhadores.

Naqueles anos, vivia-se em efervescência musical impulsionada pela disseminação de programas de calouros, concursos para jovens talentos, apresentações de orquestras e bandas. Ditinha participava de shows em clubes, associações, escolas de samba, em circos, rádios, teatros e restaurantes. Cantava em redutos da cidade badalados por personagens do meio artístico. De conversa em conversa, como no título da música de Lúcio Alves e Haroldo Barbosa, ela

construía possibilidades profissionais como cantora. Entre as experiências desafiadoras, foi chamada para substituir às pressas a cantora Heleninha em uma apresentação orquestrada. Em 1947, inscreveu-se em concurso promovido pela Marinha do Brasil para eleição da cantora de rádio favorita do país. Ditinha conta que suas concorrentes eram nada menos que Emilinha Borba, Leda Barbosa, Dalva de Oliveira, Odete Amaral, entre outras intérpretes de grande reputação. Ainda assim, classificou-se entre as dez primeiras, o que foi festejado com uma apresentação das favoritas, no Teatro João Caetano, para uma plateia que registrava a presença de Nelson Gonçalves, Linda Batista e outros grandes da música. Em 1948, participou da gravação ao vivo de dois discos, na Rádio Nacional, acompanhada, respectivamente, pela Orquestra de Léo Perachi e pelo regional de Benedito Lacerda.

Ditinha casou-se, em 1950, com Arrigo Cappelli. Estabeleceu nova rotina e se afastou por longo tempo da vida artística. Porém, a participação em eventos culturais na escola de seu filho reacendeu em Ditinha o prazer de compor. Nessa fase, criou uma série de cânticos religiosos, expressando a forte relação, no Brasil, entre samba e umbanda, religião brasileira que tem base africana, especialmente da matriz Banto. Os povos bantos representaram cerca de 2/3 dos africanos escravizados nas Américas e participaram decisivamente da construção do que chamamos de cultura nacional. O seu legado inclui a incorporação no continente americano de uma variedade de instrumentos musicais (cuíca, ganzá, reco-reco, berimbau etc.), a tradição de festas populares de rua e diversos elementos do culto banto aos seus ancestrais e orixás.²⁸



28 LOPES; SIMAS, 2015.

No início dos anos 1980, Ditinha retornou ao meio musical com novo nome artístico, Ditinha Viana, incorporando o sobrenome de seu pai. Logo emplacou a gravação de uma composição própria, “É tempo de carnaval”, dessa vez na voz da cantora Zilmar, em LP misto produzido para o carnaval de 1984. Ditinha visitou gravadoras e rádios para apresentar o samba, estreitando contatos profissionais e aos poucos voltando a receber convites para atuar como cantora. Ela conta que, quando o Sambódromo foi inaugurado, em 1984, várias emissoras instalaram serviços no local e o seu samba integrou a programação que animou a festa carnavalesca.

Nos anos seguintes, produziu nova gravação autoral, em parceria com a cantora Fátima Lemos. Participou da banca de jurados de um Festival de Música Popular, envolvendo alunos de todas as escolas municipais do Rio de Janeiro. Deu entrevistas para jornais e rádios, por vezes com a transmissão simultânea de suas gravações. Assumiu compromissos como cantora em bares e restaurantes, clubes, eventos festivos e shows de outros músicos. Hoje, afirma que possui em torno de oitenta canções autorais. Algumas homenagens recebidas incluem uma medalha de honra ao mérito em show de aniversário da Rádio Continental e tributo concedido pela Turma da Pesada, grupo de pessoas obesas do qual participava o Bola, Rei Momo do Carnaval carioca entre 1987 e 1995.

Em 1988, Ditinha realizou o sonho de gravar o seu primeiro compacto, intitulado “Gente da Gente”, e lembra de ouvi-lo com frequência em várias rádios. Certamente um momento especial da carreira de alguém que um dia declarou que em seu sangue “corriam notas musicais”.²⁹ Em 1994, incluiu algumas de suas canções em novo LP misto. O arranjo e a instru-



mentação ficaram a cargo de Kleber Matos, músico com larga experiência profissional que, anos depois, a convite de Ditinha, assumiria o violão em apresentações da cantora no Museu da República, tornando-se um produtor e arranjador querido e disputado por outros seresteiros do Palácio.

Ditinha mudou-se para o Catete, após o falecimento de seu esposo, em 1995, passando a frequentar a Seresta do Museu, da qual ouvira falar em outras reuniões seresteiras da cidade. Em 1996, deu início a um encontro musical com karaokê, em uma sorveteria na rua do Catete, nº 124. O evento ocorria semanalmente, às quintas-feiras, e contava com a participação dos novos amigos seresteiros do Palácio. Nos anos seguintes, Ditinha expandiu o projeto, realizando temporadas em outros espaços do Catete e adjacências. Em 1998, deu início a uma roda musical aos sábados à noite no Museu da República, com apoio de um pequeno grupo de seresteiros do Palácio. O evento transformou-se em nova e bonita seresta. Alguns anos depois, em 2000, Ditinha foi autorizada pela direção do Museu da República a fazer uma série de apresentações próprias em um quiosque-cafeteria que funcionava na instituição, convidando o violonista Kleber Matos para acompanhá-la. As apresentações ocorriam às quintas-feiras e transformaram-se depois em nova seresta no jardim. Naquele mesmo ano, Ditinha foi selecionada para participação na minissérie *Aquarela do Brasil*, da TV Globo, como cantora. Lembra que o diretor de seleção da emissora elogiou a sua interpretação, afirmando que ela era uma das “Aquarelas do Brasil”.

Em 2000, conheceu Dário Farias Melo, que a partir de então seria um companheiro de vida e de seresta. Gostaram-se e ajudaram-se. Para Ditinha, ele era um homem de boa índole, trabalhador, que lhe inspirava bons sentimentos e confiança. Para Dário, ela representava a materialização do sonho de construir a vida no compasso da música e de ter ao seu lado uma parceira e guerreira, na felicidade e na dor.

Hoje, Ditinha comanda duas serestas no Museu da República, às quintas-

feiras e aos sábados à noite. Na condução dos eventos, conta com o apoio de Dário, que participa também como cantor e tocando violão e pandeiro. Alagoinho, morador na cidade do Rio desde os anos 1970, cantar, compor e tocar sempre alegrou a vida de Dário, o que deixou o fruto de um CD que inclui composições próprias. Irmão do seresteiro Dalmo, através dele conheceu a Seresta do Museu, e na Seresta conheceu Ditinha. Com muito prazer, abraçou o compromisso de auxiliá-la na realização das suas serestas. Para além do amor à música, ambos partilham a opinião de que o Museu da República é um lugar especial, para cariocas e turistas, um ponto de encontro e de convivência de diferentes formas de expressão cultural. Nas palavras de Ditinha: “Lugar maravilhoso, alegre e terapêutico. Acredito que esse antigo Palácio da República do Brasil possa até ser uma dádiva divina”.³⁰

“A Seresta do Museu é o amor eterno” (Bia)

Beatriz Penha Espinosa concorda que o Museu da República é um lugar especial e adora passar momentos de boa conversa e devaneio em seu jardim. Filha de mãe espanhola e pai paulista de Itatiba, Bia viajou muitas vezes de São Paulo para o Rio de Janeiro, a partir de 1958, para visitar a irmã e o cunhado, que viviam na cidade. Em 1963, com dezoito anos, passou a morar com eles. O apartamento, de frente para a praia do Flamengo, permitiu que acompanhassem a construção do Aterro, aos poucos transformado em imensa área pública de lazer integrada à praia, reunindo várias espécies de árvores, nativas e exóticas. Assim, Bia chegou ao Rio de Janeiro com horizonte particular que a convidava a sonhar da janela.

30 VIANA, 2016, p. 21 e 22.

Em 1980, conheceu Homero Netuno de Carvalho, médico e coronel do Exército, com quem viveu durante dezessete anos. Caminhando ao seu lado por uma rua que ladeia o Museu da República, conheceu a Seresta do Vivi, em 1991. Bia conta que ouviram uma linda voz e a seguiram, como nas fábulas da sereia. Maravilhou-se. A música havia sido parte inesquecível de sua infância: desde menina cantava e participava de programas de calouros. Na calçada em frente à sua casa, costumava reunir um público de crianças amigas: enquanto ela cantava, sua irmã simulava com a voz o som de um instrumento musical. Assim, a Seresta do Vivi despontava para ela como um lugar de reencontro, memória afetiva, conectando porções mágicas e poéticas da sua história.

Tornou-se assídua na Seresta. Homero a acompanhava, mas enciumava-se ao vê-la tão ferosa na cantoria. Duas canções a faziam invariavelmente chorar: “Diez años”, do portorriquenho Rafael Hernández e versão de Lourival Faissal, e “La Paloma”, do compositor espanhol Sebastian Iradier.

A partir de 1995, ao lado de frequentar as serestas do Museu, Bia participava com a irmã de outros eventos musicais, incluindo programações organizadas por Ditinha na sorveteria do Catete, onde Bia começou a cantar. Era um modo de cadenciar a vida, e, a partir de 1997, de lidar com a tristeza de conhecer a viuvez. Em 1999, durante cantoria em um bar nos arredores do Catete, conheceu Antônio Jorge de Azevedo, o Jorjão, que se tornou um grande amigo e companheiro. Com ele percorreu várias rodas musicais e shows da cidade. A certa altura, passaram a tocar e cantar juntos no jardim do Museu da República, em área próxima ao



Bia e Jorjão. Foto: acervo pessoal

chafariz central, nas tardes de sábado. Os encontros atraíram passantes, até o desabrochar de nova seresta. Jorjão pediu que Bia assumisse a organização da cantoria e convidou o violonista José Braz de Souza, que ganhou a admiração de todos e o carinho especial de Jorjão e Bia.

A área central do jardim deixou de ser boa opção para a seresta do Jorjão, em 2012, quando uma folha de palmeira caiu e atingiu Bia com gravidade no rosto. O acidente foi superado, mas a seresta passou a acontecer em área não rodeada de palmeiras, em frente à varanda térrea do Palácio do Catete. Após o falecimento de Jorjão, em agosto de 2013, Bia assumiu a regência do evento.

Uma característica de Bia é o apuro na organização de tudo que faz. Decerto um traço pessoal que se beneficiou da experiência de anos de trabalho na administração de projetos em empresas de Seguros, desde 1963 e até hoje. No Museu da República, assumiu com habilidade a condução da seresta diurna de sábado e também, por vezes, a organização de celebrações natalinas e juninas e de aniversários de seresteiros. Preparando com regalo os enfeites e atrações, recolhe contribuições depois oferecidas aos homenageados. Um bonito cartão, com o nome de todas as pessoas amigas mobilizadas, é o carinhoso registro material eternizado desses momentos. Recentemente, em março de 2019, a seresta da Bia recebeu a visita de Jonas Júnior, que coordena a programação da Rádio PopRio, vinculada à Universidade Pinheiro Guimarães, no Catete. A convite, Bia e um grupo de seresteiros do Palácio foram à Rádio. Conversaram e cantaram, com transmissão ao vivo, afirmando a Seresta do Museu como evento de interesse comunitário.

Músicas românticas são o repertório preferido de Bia. Canções de amor e de dor, que embalam o sentir e o pensamento mais intenso. O passado deixa de estar tão distante e nos fala de sonhos perdidos, mistérios, noites de lua e outras magias, em tom maior e menor. Canções que parecem estar elas próprias apaixonadas. “Tenho apenas dois acordes e o sentimento do mundo”, com a licença

de Carlos Drummond de Andrade.³¹ Nesse diapasão, o fado tem lugar de honra. Bia canta a saudade, a nostalgia, como se fosse o mais simples, embora arrancado de dentro da alma portuguesa. Frequentou com a irmã a Casa do Minho, regional portuguesa, e a Adega do Valentim, onde se apaixonava ao som do Trio Guarani e do cantor angolano Antonio de Sá Moraes. No jardim do Museu da República, até hoje reserva momentos para o fado.

Após muita relutância, em 2015 permitiu-se novo romance, com Osório Ferreira de Araújo, dançarino de salão, frequentador das serestas do Museu. Foram tempos de bailes, música e dança, e a seresta seguia como prazer partilhado. Contudo, no compasso da vida e da morte, Osório faleceu em novembro de 2016, deixando crer que só mesmo quem ama conhece a perda.

O que é o amor? Um tipo de voz profunda que fala ao mais íntimo sentimento, quase sempre quando estamos distraídos. Rajada de lua, que se pode estilhaçar, mas quem se importa? Um pouco aleatório, inesperado, enamora, apaixonava, e, se vem depois a brusca distância, a tormenta. A cabeça amorosa é eterna e descontínua. Tem perfume e tem espinhos. Delicadeza e silêncio. “O amor tem quatro letras como Roma. Mas com certeza nem todos os caminhos passam por lá”, canta Gonzaguinha. Com certeza passam por Bia. Uma história de amor e música.



No início de 2018, ao lado de conduzir a seresta de sábado à tarde, Bia passou a colaborar na organização das serestas de quarta-feira, comandadas pelo amigo Miguel Zogahib. Este evento nasceu de um desentendimento na seresta do Jorjão, ocorrido em 2006, relacionado à forma como os instrumentos musicais deveriam ser afinados. Um violonista participante, Artur Robaina, conhe-

31 Paráfrase de verso do poema “Sentimento do mundo”, de Carlos Drummond de Andrade: “Tenho apenas duas mãos / e o sentimento do mundo”.



Miguel. Foto: Mailson Santana

cido por Gaúcho, irritou-se e saiu da seresta, dando início a uma pequena reunião musical entre amigos, nas quartas-feiras. Mais uma vez, o que começou como roda discreta aos poucos ganhou dimensão e volume, plantando-se nova seresta no jardim do Museu.

Anos depois, em 2016, sem explicações ou aviso prévio, Gaúcho deixou de comparecer ao evento. O seu temperamento impetuoso e inconstante, dado a rompantes, era bem conhecido entre os seresteiros e fez crer a todos que se tratava de um novo arrebatamento, possivelmente irrefletido, mas sem volta. Outra interpretação do ocorrido é a de que Gaúcho se afastou por problemas de saúde. Dulce Silva Puentes, amiga próxima do violonista, conta que a urgência de cuidar da saúde encontrou-o já um pouco cansado do compromisso com a seresta.

Participantes regulares da seresta de quarta-feira pediram que Miguel Zogahib, que cantava e tocava pandeiro e tantã no evento, assumisse a sua regência. Amazonense, graduado em Economia, com especialização em análises de seguros de carga marítima, Miguel ingressou por concurso nos quadros do Lloyd Brasileiro, onde atuou como técnico, supervisor e professor. Mudou-se com a família para o Rio de Janeiro nos anos 1960, estabelecendo residência no Flamengo e desde então frequentou o Museu da República, sendo presença colaborativa. Costumava dizer que cada participante tinha responsabilidade no bom funcionamento da seresta. Assumiu sua organização e o regulamento era claro: não podia haver lixo esquecido no chão, nem qualquer descuido ou algazarra.

Miguel gostava de escrever e deixou registros de seus pensamentos sobre o Museu da República:

Ontem, 24/09/18, no final da tarde e princípio da noite, do dia morno, pouco quente, tépido, iniciamos o nosso costumeiro encontro musical das 4^{as} feiras nos magníficos Jardins do Palácio do Catete - Museu da República. Ali se encontra gente com pendor para cantar. Outros para ouvir. Musicomania. Uns já antigos frequentadores. Outros, vindos pela vez primeira. Nada conheciam sobre o M.R. No desenrolar da seresta, jorros de alegria e contentamento brotavam com muita fluência nos rostos das pessoas que a tudo assistiam e aplaudiam com gosto. E dizendo: Quero mais! Aquela expressão: “Vou voltar”. Museu é cultura. Viva nosso Museu da República!

Quando recebia a visita de familiares, Miguel, além de partilhar os momentos de seresta, valorizava também que visitassem o Palácio e suas exposições. À amiga Bia, pediu que o apoiasse na condução do evento, e foi também a ela que recorreu quando precisou se ausentar, por problemas de saúde. Certificou-se em vida de que Bia o substituiria na responsabilidade com a seresta de quarta-feira. Assim, desde o falecimento de Miguel, em fevereiro de 2019, Bia comanda duas serestas no Museu: a de sábado à tarde e a de quarta-feira. Ao seu modo, registra em pequeno caderno a ordem de chegada de cada cantora e cantor nas rodas e é nessa ordem que convida, cada um, a escolher e cantar uma ou duas músicas, dependendo da matemática possível entre o número de intérpretes presentes e o tempo de seresta. Importante, diz ela, é não haver quem cante mais ou quem cante menos. Tudo deve estar bem afinado e equivalente no grupo, nada de privilégios. Por outro lado, às vezes não custa nem há injustiça em aquiescer com pequeno capricho de algum dos seresteiros, uma vontade a mais, transigindo excepcionalmente com ligeiro desvio de regra, sem prejuízo para o grupo.

A cada dia de seresta, Bia lembra que, quando jovem, gostava de pensar o próprio futuro envolvido em algum trabalho voluntário em benefício dos idosos. Assim, a Seresta do Museu veio também ao encontro desse sonho, hoje semeado entre depoimentos agradecidos de pessoas idosas participantes e também de

jovens, que costumam dizer: “Vou trazer minha mãe, minha avó” ou “Isto aqui é uma razão de viver!”. Bia resume: “A Seresta do Museu é o amor eterno”.

“Pede a ele pra cantar outra vez!” (Lourdes Ferraz)

Maria de Lourdes Silva, conhecida como Lourdinha Ferraz, frequentava e cantava em todas as serestas do Museu, quando, em 2012, foi instigada por amigos seresteiros a criar uma seresta na terça-feira. Costuma receber cada novo visitante das serestas com um sorriso largo e bonito, que abraça. Muito sociável, deixa a primeira impressão de que é feliz em se relacionar com o próximo. Aceitou o desafio de organizar a nova seresta. Os desafios, no correr do tempo, ela tratou com desembaraço, cada um lhe servindo mais como lição contra uma vida de monotonia do que como peleja intransponível.

Quando menina, completou o primário, mas o pai não a deixou seguir nos estudos: “A mulher não pode saber escrever, para não escrever cartas para o namorado”. Ela, então, dedicou-se aos serviços de casa e, como diz, antes de chegar à adolescência já matava galinhas e cozinhava para as refeições em família. Deixando ver que sempre teve “um pé nas artes”, improvisava pequenas enquetes teatrais nas ruas de sua cidade natal, Recife, e assim arranjava alguns trocados para comprar balas e doces. Ela conta que aos quinze anos foi coroada miss Pernambuco. Pouco depois, mudou-se para o Rio de Janeiro com a família, passando a residir em Nilópolis, município da Baixada Fluminense, onde morava a sua irmã e o esposo.



Nilópolis é parte da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, por vezes lembrada como “cidade-dormitório”, por apresentar pouca oferta de emprego formal. Região com péssimos indicadores em termos de serviços públicos – educação, saúde, transporte etc. –, mas que, pela proximidade com a cidade do Rio, desponta como opção de residência mais barata para quem mira o mercado de trabalho carioca.³² Na mesma semana em que Lourdinha chegou a Nilópolis, o seu cunhado lhe conseguiu emprego no serviço de café de uma lanchonete, no centro da cidade do Rio. A distância entre moradia e trabalho era grande, exigindo que ela pegasse um trem e um ônibus, na ida e na volta. Embora muito jovem e sem nenhuma familiaridade com a vida frenética da então Capital do país, Lourdinha recebeu as primeiras orientações sobre como se locomover no Rio, arriscando-se sozinha já no primeiro dia de trabalho.

Tirou de letra o percurso e as novas obrigações. E ainda, no trajeto de ônibus diário que o batente exigia, conheceu José Ferraz, que se tornaria o seu esposo. Ela tinha dezesseis anos quando se casaram. Moraram em Paracambi, outro município da Região Metropolitana do Rio, mudando-se depois para o bairro da Tijuca, na zona norte carioca. No curso do tempo, Lourdinha passaria a trabalhar em um salão de beleza.

A música para ela começou cedo. Traz a lembrança do irmão mais velho, em Recife, chegando a casa com letras de canções anotadas em pequenos pedaços de papel. Passavam então momentos preciosos, ele lhe ensinando a cantar. Àquela época, não havia rádio ou televisão em sua casa, e aprender as canções preferidas do irmão foi a sua primeira inesquecível vivência musical. Tempos depois, ela conta que foi à casa de uma amiga e lá havia um rádio ligado. Ficou atônita, obstinadamente procurando ao redor do aparelho onde estava escondido o

32 Dados sistematizados a partir do cotejamento de indicadores do IBGE e da Fundação Seade mostram que, entre 1940 e 1980, ocorreu um crescimento populacional em Nilópolis de 578,5%, contra um crescimento na cidade do Rio de Janeiro de 188,6% (OSORIO; RABELO; VERSIANI, 2017).



Lourdes Ferraz. Foto: Mailson Santana

homem, dono da voz que cantava. Quando a música terminou, disse à amiga: “Pede a ele pra cantar outra vez”! Mais tarde, no Rio de Janeiro, ela própria cantaria algumas vezes no programa Onde Canta o Sabiá, da Rádio Nacional. Em março de 2014, uma nova experiência musical: Lour-

dinha foi convidada a cantar na solenidade de posse dos novos integrantes da Academia Mundial pela Paz, Letras e Artes/RJ, vinculada ao Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais. Hoje, cantar, dançar e pintar quadros expressivos do cotidiano e de festejos populares estão entre os fazeres mais desejados de Lourdinha. Alguns dos seus quadros já foram expostos em mostra individual, no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.

Lourdinha morava na Tijuca quando, entre 1995 e 1996, conheceu o Museu da República. Quem não ouvira falar do Palácio do Catete, que durante anos fora a sede e a residência da Presidência da República? Local do trágico suicídio de Getúlio Vargas? Ela decidiu por uma visita ao jardim do Palácio e ao atravessar o portão principal foi logo abordada: “Você veio para a seresta?”. Assim, sem imaginar a importância que isso teria em sua vida, Lourdinha conheceu a Seresta do Vivi. Gostou, e o tempo lhe ensinou a viver a experiência com extroversão e alegria.

A primeira tentativa de realizar uma seresta nas terças-feiras aconteceu em 2012, mas o projeto foi suspenso temporariamente por desavenças entre os seresteiros em torno da organização das cadeiras. Uma história que começa nos primórdios da Seresta do Vivi, quando cada participante precisava levar de casa para o Museu a sua própria cadeira e assim garantir assento. Alguns seresteiros,

então, coletaram contribuições, sendo compradas em torno de dez cadeiras. Após a Seresta do Vivi, eram guardadas em área reservada do jardim do Museu, envolvidas com corrente e cadeado.

Tempos depois, em 2012, ano eleitoral, uma candidata à Câmara de Vereadores do Rio dispôs-se a doar algumas cadeiras para a seresta. O fato gerou desentendimentos entre os seresteiros quanto ao destinatário da doação. Foram doadas vinte cadeiras, entregues no Palácio e recebidas por Lourdinha Ferraz. Ela conta que, a partir daí, aconteceu de encontrar cadeiras quebradas por sabotagem e uma vez, inclusive, o cadeado protetor arrombado, o que a desgostou a ponto de adiar o projeto da sua seresta. Vendeu as cadeiras para outros seresteiros, mas a confusão não acabou, porque as cadeiras doadas à Seresta eram de péssima qualidade e começaram a quebrar com o uso, trazendo a ameaça de acidentes mais graves. Surgiu então, mais uma vez, a ideia de fazer o rateio da compra de novas cadeiras. Castanha fez a tomada de preços e Ana Maria recolheu as contribuições. Houve quem não contribuísse, mas, afinal, as cadeiras serviriam a todos, indiscriminadamente. Hoje, há muito mais cadeiras, por compras feitas pelo próprio Museu da República, que faz uso desses assentos em seus eventos, porém, nos dias de seresta, vários são disponibilizados aos seresteiros.

Ainda em 2012, Lourdinha Ferraz retomou a ideia de criar uma seresta nas terças-feiras. Dessa vez, o projeto vingou e amadureceu. Como marca pessoal, ela oferece um cafezinho ao público. Mais que gentileza, é o seu modo de cultivar cada momento. Cafezinho gera bom humor, bem sabe quem trabalhou em balcão de café, ou, parafraseando o seu filho, o poeta Eucanaã Ferraz, “ensina a estar de pé”.³³ No caso de Lourdinha, ensina também o arrasta pé. Quando a

33 “Sumário”, de Eucanaã Ferraz: O poema ensina a estar de pé. / Ficando no chão, na rua, o verso / não voa, não paira, não levita. // Mão que escreve não sonha / (em verdade, mal pode dormir à luz / das coisas de que se ocupa) – Poema publicado em *Cinemateca*, São Paulo : Companhia das Letras, 2008.

seresta modula um forró, ela dança e dança. Parece dizer: “Eu era triste, agora tenho o forró”! Se estar em movimento, fortalece o corpo e ajuda a enfrentar as adversidades do tempo, dançar é isso com alegria: “Dance, dance, senão estamos perdidos”, convida Pina Bausch.³⁴



Em estudo sobre a função do movimento na atenção primária à saúde, a fisioterapeuta Cláudia Vaz Pupo de Mello (2012) sugere que a vida pode ser compreendida a partir da imagem de um rio, por onde as águas fluem abundantemente. E essa ideia de fluidez e de permeabilidade das águas é associada ao corpo humano que se move contra a rigidez, com liberdade e em desenvolvimento harmônico. Um corpo em movimento, que mobiliza boas energias, contra as tendências mecanizadoras que fazem dele um objeto de controle, nos termos de Michel Foucault, “um corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece (...)”.³⁵ Por sua vez, Vincenzo Rossi parece falar de Lourdinha Ferraz quando diz: “O corpo é um veículo para o movimento, e o movimento não parece preferir melhor companhia que a música”.³⁶

Observando o modo de desenvolvimento de Lourdinha, o seresteiro Augusto Cascon logo se enamorou. Certo dia, ela lhe ofereceu um cafezinho, ele respondeu: “Sabe o que eu quero? Você”. Carioca e frequentador de longa data dos eventos e exposições do Palácio do Catete, Augusto há cerca de seis anos começou a frequentar a Seresta do Museu, incentivado por sua filha. Uma forma de ocupação e divertimento, desfrutada primeiro na seresta de terça-feira, e hoje em

34 Folha de S. Paulo, 27/8/2000. < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2708200008.htm> > (Acesso em 19/4/2019).

35 FOUCAULT, 1999, p. 163.

36 ROSSI, 2006, citado por MELLO, 2012, p. 15.

todas as serestas.

Com o filho, Eucanaã Ferraz, Lourdinha extremou as ligações íntimas, complementares, entre música e poesia, desde sempre artes siamesas. Uma foto com sua mãe o inspirou: “(...) Hoje sei que de nós muito se foi nas águas / ou ficou ali no aluvião em torno dos olhos mirando / o muito e fundo que não pudemos. Mas se mãe e filho / intactos sorriem com ternura com ternura respondemos / sim fomos felizes”.³⁷

“Você não pode imaginar o que significa a seresta para a vida dessas pessoas” (Helen)

Uma “pessoa especial” – como disse uma vez o violonista Sr. Domingos –, Helen Ruth Malheiros de Souza se envolveu muito com o projeto seresteiro no Museu. A Seresta do Vivi já acontecia há dois anos, quando a conheceu. Paraense, de Belém, desde menina sonhava morar no Rio de Janeiro, cidade que aprendeu a amar nas telas de cinema. Concluiu o Curso Normal aos dezoito anos e tornou-se professora no colégio em que estudou. Depois, ingressou na Escola de Teatro da Universidade Federal do Pará. Após três anos de curso, surgiu a oportunidade de uma excursão promovida pelo teatrólogo Paschoal Carlos Magno, no âmbito de um Festival de Teatro para estudantes universitários de todo o Brasil. Corria o ano de 1971 e Helen participara com colegas de turma do espetáculo “Vereda da Salvação”, de Jorge Andrade, apresentado no Teatro da Paz, de Belém. O seu papel, muito elogiado, tinha como momento clímax a expressão, sem palavras, do sofrimento de uma mãe diante do drama de ver o filho ameaçado de morte. A peça foi selecionada para o Festival, e Helen viajou

37 Trecho de poema “Kodak”, de Eucanaã Ferraz.

com o elenco para o Rio de Janeiro. Hospedados na Aldeia de Arcozelo, uma fazenda histórica no município de Paty do Alferes, apresentaram-se no Teatro de Arena local.

O irmão de Helen morava no Rio e ao final da excursão ela lhe comunicou que não voltaria a Belém. Corajosa e confiante, buscava emprego em território carioca, para garantir a própria subsistência e ajudar a família. Não era a primeira vez que Helen abraçava a liberdade de decidir e agir, entre escolhas difíceis e a lida com perdas. De início, morou com o irmão, mas logo se estabeleceu com independência e base profissional no Rio. Formou-se em Administração de Empresas e Ciências Contábeis, atuando na Aeronáutica, na Federação de Indústrias do Rio de Janeiro e também como profissional autônoma. Ao final dos anos 1980, a sorte lhe acenou com a oferta de um apartamento no Catete. Morando no bairro, a certa altura, em 1993, programou visitar o Museu da República, onde, ouvira dizer, havia uma bonita seresta.

Era uma vez a Seresta do Vivi. Helen percebeu no primeiro instante o quanto aquele evento musical afetava a todos os participantes: “Você não pode imaginar o que significa a seresta para a vida dessas pessoas”! A idade avança e ensina sobre o mundo, a experiência e a sabedoria, mas ainda assim o idoso enfrenta o peso da depreciação social. O que vem após a juventude não raro é associado à decadência, à inutilidade, negando-se ao idoso o reconhecimento de que ele foi além, construiu potência com as lições da vida, acumulou conhecimento. O seu direito de conduzir o próprio destino e de exercer a plena cidadania é com frequência cerceado.

Mas não era assim na Seresta do Vivi. Ali, os idosos protagonizavam a cena. Eram os artistas, produtores de cultura. Renovava-se a sua percepção de si mesmo e a sua interação com o mundo social. No aconchego do jardim de um museu, encontravam música, sociabilidade e autoestima.

Helen passou a frequentar a seresta, e Vivi dizia que ela era a sua empresária. De fato, Helen ajudou para que a seresta acontecesse do modo como Vivi

desejava. Por exemplo, contra os que diziam que não era bom restringir o repertório da seresta às canções e tons que o próprio músico escolhia, Helen argumentava que Vivi, autodidata, aprendera cavaquinho de ouvido, sozinho, com técnica própria; sendo ele a conduzir a seresta, era justo que preferisse o repertório que sabia tocar.

Vivi encontrou em Helen também alguém que assumia a sua defesa quando era alvo de preconceito: outra face vulnerável da sua experiência de ser pobre e negro na cidade do Rio de Janeiro. Ocupando a base da base da pirâmide social, Vivi conheceu a hostilidade gratuita, inferiorizado pela estupidez e arrogância de um país marcado por quase 400 anos de escravidão e até hoje atravessado pelo racismo e o segregacionismo. O mesmo país que, moldado na africanidade, fez-se culturalmente forte e rico de saberes, e que até hoje canta a sua tristeza, a sua saudade e o seu amor.

Na contramão do preconceito, Vivi conheceu a generosidade de admiradores que o ajudaram em momentos cruciais da vida. O Vivi da Seresta, Vivi de Manhumirim, tornou-se assim parte da cultura que não sucumbe e que encara a intolerância. A sua música não foi só entretenimento, mas também uma prática de resistência e luta que reinventava, no jardim do Museu da República, novos horizontes de vida e trabalho.

Em torno da Seresta do Vivi formou-se um grupo sólido, nuclear, não estritamente fechado, mas que se diferenciava como um clube de amigos. Com o apoio desse grupo, Helen estruturou toda uma prática de coleta de recursos para celebrações de aniversários e datas comemorativas, e também para despesas de súbita necessidade, como a que viabilizou delicada cirurgia nos olhos de Vivi, em 2003. Na Seresta, Helen também participava em duetos com Iderê: ele cantava, ela declamava “Eu sei que vou te amar” e o “Soneto da fidelidade”, de Vinícius de Moraes.

Possivelmente por seus movimentos na direção de agregar o grupo em torno de propósitos comuns, Helen foi incentivada a organizar excursões com

os seresteiros. A princípio, por cidades do estado do Rio, em que eram visitadas especialmente as fazendas históricas da Região do Vale do Café. O ônibus fretado, para alegria geral, contava com a presença de Vivi animando a viagem. Hoje, Helen organiza viagens nacionais e internacionais para um público diverso. Reconhece, contudo, a importância de Vivi e de sua seresta no processo de construção dessa nova ocupação profissional.



Desde 1994, participantes da Seresta do Vivi e de viagens promovidas por Helen, Celeste Maria Maciel Aydelkop e Max Aydelkop construíram com o músico uma relação singular. Com eles, Vivi encontrou ambiente familiar no Rio, com todos os apetrechos de harmonia, afeto, diálogo, apoio na solução de problemas, confiança, bem-estar.

O casal mora no Catete e conheceu a Seresta durante passeio no jardim do Museu da República, e logo Celeste contratou Vivi para uma cantoria no aniversário de seu pai, Sr. Gildásio Alves Maciel, que, em pouco tempo, com sua esposa, Maria Celeste Maciel, também frequentavam a seresta.

Nos primeiros contatos, uma prosa aconchegante foi razão a mais para que estreitassem a convivência. Vivi tornou-se frequentador do apartamento de Celeste e Max, partilhando histórias de sua infância e juventude em Manhumirim, casos e causos divertidos, o cotidiano religioso, os sonhos e até alguns de seus romances, quesito em que o músico era particularmente discreto. Uma das histórias por ele várias vezes repetida era a de um presidiário de Manhumirim, conhecido como Zé Galdino, com fama de malfeitor. Vivi visitava Galdino com frequência, levando-lhe pequenos lanches. Acreditava que era um bom homem, e também um super-homem, dotado de poderes especiais: a polícia atirava e ele

agarrava a bala do revólver com a mão. Se a bala batia na roupa de Galdino, não furava. Histórias fantásticas, que mostravam a crença de Vivi em uma dimensão humana cientificamente inexplicável. Para ele, era plausível a existência de forças superiores, sobrenaturais, incompreensíveis se pensadas dentro do que se convencionou chamar de natureza humana.

Vivi inclusive parecia esperar que algumas soluções para a sua vida fossem impulsionadas por movimentos de um outro plano de existência. Confiava, por exemplo, que ganharia uma fortuna na loteria esportiva. Confiava e listava uma série de presentes que daria aos amigos e conhecidos quando fosse premiado. Um apartamento para o filho de Celeste e Max, em frente à praia onde o jovem jogava futebol; uma van para Helen organizar as suas viagens; um sino para a Igreja de Manhumirim; um sítio para o seu irmão Antônio e muitas outras aquisições para doação ao próximo. Convencido de que essas possibilidades eram só uma questão de tempo, visitou alguns imóveis à venda e chegou a se comprometer com a compra de um deles, sem nenhum tostão no bolso e, mais incrível, sem conferir os resultados da loteria esportiva. Jogava e depois simplesmente aguardava confiante pela misericórdia divina.

É possível que, por não ter sido agraciado com a fortuna que viabilizaria tantos sonhos e

Um furto com final feliz

Em 1997, Vivi sofreu grande baque: perdeu o seu cavaquinho. O acidente aconteceu após ele esquecer o instrumento apoiado à parede externa de um edifício próximo ao Museu da República. Acomodou o cavaquinho para uma breve conversa com a seresteira Bia e com Marcelo Penha, sobrinho dela, porém distraiu-se e os três saíram do local sem que Vivi levasse consigo o cavaquinho. Quando percebeu a desatenção, voltou, mas não a tempo de evitar a infeliz ocorrência. Alguns seresteiros logo se mobilizaram para a compra coletiva de um novo cavaquinho para Vivi, mas não foi necessário. O músico foi agraciado com a honra de herdar o cavaquinho de Valdir Azevedo, mestre que compôs, entre outras canções inesquecíveis, Brasileirinho e Pedacinho do Céu. O presente foi-lhe entregue pela esposa do grande músico, D. Olinda, que conheceu Vivi na Paróquia Santos Anjos, no Leblon. Tornaram-se amigos e, quando D. Olinda ficou doente, Vivi a visitou até o último suspiro da amiga.

promessas, ele tenha recusado o convite do Conselho do Patrimônio Histórico e Cultural e da Casa de Cultura de Manhumirim, para participar, em março de 2008, da celebração dos 84 anos de emancipação política do município. O convite expressou o desejo de incorporar à programação uma homenagem ao cidadão Vivi de Manhumirim, em ato público de agradecimento e reconhecimento. Em março do ano seguinte, novo convite para que ele fizesse parte da galeria dos manhumirienses em destaque nos festejos do Dia da Cidade. O convite dizia: “O povo espera por você”. Porém, Vivi declinou. Para ele, não era ainda o momento de retornar a sua cidade natal.

O estado de saúde de Vivi preocupava. Celeste, psicóloga, e Max, médico, providenciariam a cirurgia de olhos do músico, em 2003, quando diagnosticado com buraco de mácula – contando sempre com a coleta de recursos organizada por Helen, dessa vez entre seresteiros e também outros amigos. No pós-operatório, Vivi passou um mês no apartamento do casal. Em outro momento, sofrendo de diabetes, desenvolveu uma ferida no pé de difícil cicatrização, e mais uma vez Celeste e Max orientaram o seu tratamento. Dez anos depois, o músico sofreu um AVC, com riscos de sequelas que impactariam a sua capacidade de cantar. O casal se dedicou, e também Yvone, então enamorada do músico, que o acolheu em casa por dez dias, período de sua recuperação.

Tantos cuidados decerto são evidências de grande afeição, mas são também maneiras de compreender com maturidade a importância de zelar pela boa saúde e pelo mínimo bem-estar, ao menos naquilo que dependa de ações pessoais. A esse respeito, Ana Cláudia Quintana Arantes, geriatra com especialização em gerontologia e cuidados paliativos, traz sucinta análise sobre os fenômenos fisiológicos, psicológicos e sociais relacionados ao envelhecimento do ser humano.³⁸ Só não envelhece quem parte cedo. E com tal pensamento, Arantes valoriza mais a qualidade do que a duração da vida. E é nessa perspectiva que as

38 <<https://www.youtube.com/watch?v=zcj5DVTciIw&feature=youtu.be>> (acesso em 23/1/2019).

Vivi, Lourdes Dardana, Helen e Celeste.
Foto: acervo privado

atenções recebidas por Vivi envolveram, não somente cuidados em momentos de enfermidades, mas também providências em geral, como a emissão dos seus documentos de identificação, o que possibilitou inclusive que ele passasse a receber uma remuneração mensal de aposentadoria.

Quando conheceu Celeste, Vivi morava em condições bastante vulneráveis. Àquela altura, não mais ao relento da rua, mas em uma clínica de cirurgia plástica, localizada em Botafogo, zona sul da cidade. O abrigo surgiu com a ajuda do Padre Motinha, já falecido, à época responsável pelas missas da Paróquia Nossa Senhora da Glória, no Largo do Machado. Ao saber que Vivi não possuía teto certo, no máximo valendo-se aqui e ali de trabalhos temporários de vigia³⁹, apresentou-o ao dono da clínica, frequentador de suas missas, que propôs ao músico um contrato de comodato, cedendo que dormisse em pequeno quarto reservado na área externa do prédio principal da clínica. Há comentários de que, na prática, Vivi não apenas dormia no local: recolhia o lixo do estabelecimento, acendia as luzes durante a noite e outros fazeres, sem que formalmente estivesse configurada a existência de um acordo de trabalho.

Em 2007, a clínica foi fechada. Imediatamente, Celeste e Helen mobilizaram-se em busca de nova moradia para o músico. Não existe mar calmo quando não se tem onde morar. Embora Vivi houvesse relevado o drama de viver sem teto, desde sua chegada ao Rio de Janeiro, sabemos que a moradia é dimensão



39 Na matéria “O passado corrigido” de Maristela Fittipaldi, publicada no O Globo, de 2/6/1992, p. 19, Vivi aparece como vigia da Capela da Divina Providência, em Laranjeiras, bairro próximo ao Catete.

da vida indissociável ao cidadão pleno de direitos. Um lugar para descansar e recompor forças. Quem não tem onde morar está à margem, em situação de exclusão social, o que infelizmente não é raro no Brasil. Maria Alice Rezende de Carvalho discute com densidade essa questão articulando as noções de cidade e cidadania; a experiência de morar na cidade e a experiência de exercer a cidadania. Conclui que no Brasil “o valor-cidade é escasso, não se estende a todos” (CARVALHO, 2009, p. 226).

No caso de Vivi, a solução encontrada foi o aluguel de uma quitinete, à rua Bento Lisboa, no Catete. A engenharia não foi simples, envolvendo o aluguel do imóvel por Celeste, formalizado em nome de Max, para Vivi morar, sendo que mensalmente Helen e um grupo da Seresta reuniam recursos para rateio da locação. Ou seja, um aluguel solidário, assistencial, entre amigos, em benefício de Vivi e de sua Seresta. Complementando o aluguel, Celeste e Helen procuraram equipar a quitinete com alguns acessórios úteis, como relógio, ventilador e outros. Celeste abastecia minimamente a geladeira do músico e providenciava alguma faxina no local.



Certa vez, por alguns dias, Vivi acolheu a seresteira Vera Lúcia Lacerda em seu apartamento. Conterrânea da Região de Manhuaçu, naquele momento atravessava dificuldades financeiras.

Vera mudou-se de Alto do Jequitibá, ex-distrito de Manhumirim, para o Rio de Janeiro, no ano 2000. Trabalhou e segue trabalhando como acompanhante de idosos. Tem familiares em Alto do Jequitibá, incluindo três filhos e quatro netos que faz questão de visitar ao menos uma vez por mês. Quando morava por lá, não conheceu Vivi pessoalmente, mas ouviu muito falar dele, por terem

amigos em comum, incluindo o seu tio Deolindo, acordeonista amador.

Já morando no Rio de Janeiro e sabendo por amigos que Vivi comandava uma seresta no Museu da República, um dia foi até lá. Sentiu, então, que participava com o músico de um tipo de parentesco, modelado por compartilhamentos culturais, envolvendo passados e memórias comuns. Uma identidade relacionada ao que Fernando Catroga (2007, p. 14) chama de “interiorização dos sentimentos de pertença”.

Trabalhando no Rio em condições financeiras inseguras, Vera provava, com Vivi, um tipo de coesão, que situava o seu vivido presente no processo maior da sua história de vida. Algo que a antropóloga Eunice Durham (1984) discute enfatizando a importância do sentimento de familiaridade em contextos urbanos onde imperam tendências impessoais. Partilhar experiências e passados despontaria como um modo de resistir às pressões sociais competitivas e individualizantes. Sem idealizar as vivências em grupo como práticas isentas de conflito, o que decerto não são, Durham observa que é estratégico reconhecer-se como parte de um mesmo passado para a construção de si mesmo como pessoa que participa do viver coletivo. Assim, na Seresta do Vivi, Vera reelaborava o passado, presente e futuro, sentindo-se parte de algo digno e especial.

Confirmando depoimentos de Antonio, irmão de Vivi, e de Damacil, seu amigo de infância, Vera comenta que o músico fazia bicos e trabalhos de curta duração na cidade mineira. Torrava café para várias famílias e para o bar central da cidade, encerava o chão de muitas casas, tocava na Rádio Manhumirim, realizava serestas e serenatas com Mendes. Como recompensa, costumava receber um prato de salgados ou doces. Muito guloso, Vivi tinha apetite para fazer vários lanches seguidos. Café da manhã, almoço e jantar eram-lhe oferecidos diariamente pelos moradores da cidade. Por outro lado, ele próprio ajudava e presenteava a todos de maneira generalizada. Vera lembra da atenção do músico à sua afilhada, Lídia Maria Nazaré Alves. Hoje, Lídia é professora e integra a Academia de Letras de Manhumirim. Entre as lembranças do padrinho, conta que ele

sempre observava quando ela, ainda menina, precisava de sapatos novos. Vivi cuidava pessoalmente de substituí-los, em um tipo de rito que a divertia muito: calçava Lídia com os sapatos novos e jogava os velhos para o alto.

Já ele próprio andava descalço em Manhumirim, mesmo quando adulto. Por nenhuma razão colocava sapatos, nem em ocasiões festivas ou cerimoniais. Os seus conterrâneos até hoje perguntam se usou sapatos no Rio de Janeiro. Usou sim, mas, entre as muitas e deliciosas histórias do seu passado em Minas Gerais, em certa ocasião o time misto do Vasco esteve em sua cidade e os jogadores ficaram entusiasmados com o futebol de rua de Vivi. Craque de bola, ele foi convidado para um amistoso com os profissionais. Única exigência: usar chuteira. O jogo começou e Vivi jogou tão mal, tão mal, tão mal, que lhe foi autorizado ficar descalço. A partir daí, jogou tão bem que foi convocado oficialmente pelo Vasco. A mãe de Vivi, porém, não aprovou a ideia dele ir com o time para o Rio de Janeiro, argumentando que era ainda um menino, menor de idade.⁴⁰ Desde então, Vivi, informalmente, incorporou “Danilo” ao seu nome, em homenagem ao volante do Vasco à época, Danilo Alvim, considerado um dos melhores jogadores que passou pelo time. Algumas reportagens na mídia inclusive referem-se a Vivi como “Danilo Vivaldo Figueredo”.⁴¹

Em 2017, Vera postou em seu facebook algumas imagens da Seresta do Vivi. De imediato, vários conterrâneos enviaram-lhe mensagens, indagando sobre o músico. Um radialista de Manhumirim sugeriu que Vera produzisse uma gravação da Seresta, para transmissão na rádio. Vivi concordou, mas alguns contratempos adiaram o feito (remarcação de datas; incursões de pessoas no meio da

40 Notável da Associação Manhumiriense de Letras, Márcio Pereira Lino, deixou bonito texto de homenagem intitulado “Maestro Vivi”. Destaca que Vivi promovia peladas com a garotada em Manhumirim, especialmente com os garotos mais pobres, e que os dirigentes esportivos da cidade desejaram contratá-lo. Porém, era preciso que ele calçasse chuteiras, e ter algo lhe apertando os pés acabava com toda a sua maestria com a bola.

41 O nome aparece também em correspondência de 7/11/2008, enviada a Vivi pela Casa de Cultura de Manhumirim, em que o músico é chamado de “Sr. Danilo Vivaldo”.

gravação; pedidos de Vivi para que a gravação fosse refeita...). Antes do projeto ser concretizado, em 10 de novembro de 2017, o músico partiu. Foi encontrado sem vida em seu apartamento, após a lida com problemas cardíacos que se agravavam de tal modo que ele caminhava nas ruas com um banquinho a tiracolo para descansar de quando em quando. Vera, ao lado da perda do amigo, guarda no peito a tristeza de não ter levado a termo o bonito projeto de memória.

Naturalmente, a despedida de Vivi não deixaria de contar com a disposição afetuosa de Helen, que procurou angariar recursos e agir para que ele não fosse sepultado como indigente, entregue à solidão burocrática do Instituto Médico Legal, sem ritual religioso e amigos por perto. O sepultamento ocorreu em 11 de novembro de 2017, no cemitério do Catumbi. Bonitas missas de Sétimo Dia foram organizadas, por Helen e por padres do Rio de Janeiro e de Manhumirim.

Helen ainda idealizou reservar um espaço dentro da Casa de Cultura de Manhumirim para uma exposição permanente de itens representativos da trajetória e importância do músico. Conversou com Vera que consultou Lúcia (afilhada de Vivi) que se dispôs a mediar, na cidade, o possível e necessário à realização da exposição. Enquanto a questão não avança, resta a certeza de que a história de Vivi traz o sopro das Minas Gerais, as raízes de Manhumirim, a cultura musical e a solidariedade de seu povo. Um projeto expositivo de Vivi encontrará significados especiais em perceber a cidade de Manhumirim por inteiro – casas, igrejas, seminário, praças, costumes, campo de futebol, plantações etc. – como um território cultural privilegiado do músico.



O tributo final de Helen foi dar continuidade à Seresta do Vivi no Museu da República, no mesmo dia e área do jardim. De início, coordenou a nova



Na foto de cima, Santoro, Sant'Anna e Oswaldo.
Abaixo, Vera e Helen. Fotos: Mailson Santana



seresta ao lado de Gilmar Luiz Santoro, que já acompanhava Vivi no tantã. Mineiro, como o cavaquinista, da cidade de Recreio, na Zona da Mata, Santoro veio para o Rio de Janeiro em 1973. Morou com parentes, mas logo encontrou trabalho no ramo de Seguros, passando, no correr dos anos, de agente administrativo a analista de sistema sênior. Casou-se pela primeira vez em 1979 e, em 1993, enfrentou a viuvez e a condição de estar sozinho para os cuidados de quatro filhos. Passados três anos, aceitou a ajuda de sua mãe e de sua irmã, proporcionando aos filhos uma vida melhor estruturada em Minas Gerais. Tempos difíceis o aguardavam no Rio de Janeiro. Sentindo-se muito só, a depressão o abateu. Morava no Catete e certo dia buscou alento em uma caminhada nos jardins do Museu da República. Antes, levava os filhos ao parque do Museu, mas desta vez conheceu a Seresta do Vivi. O repertório remetia ao gosto musical de seu pai, o que o emocionou. Assim, coração marejado de saudade, voltou à

Seresta nos domingos seguintes. Ao seu modo de assistir à cantoria, tamborilava o ritmo sem instrumentos nas mãos, o que não passou despercebido ao seresteiro Lázaro Rikils, que lhe ofereceu um tantã. Este foi o início das participações mais efetivas de Santoro na Seresta. Hoje, ele avalia que a Seresta do Museu tem a força de uma boa terapia ocupacional, um lugar para fazer amigos e encontrar motivação para sair de casa. Ali conheceu a sua segunda esposa, Marta Ramos Raposo, cúmplice e incentivadora dos seus prazeres musicais.

A partir de janeiro de 2019, Santoro optou por seguir sem o compromisso da co-regência na seresta e Helen assumiu o projeto. Assim, desde a despedida de Vivi, quem vai ao jardim do Palácio do Catete aos domingos, de 15h a 17h30, entre o Coreto e o chafariz que repousa ao centro de uma aleia de palmeiras, pode ainda aproveitar, se não a Seresta do Vivi, com certeza um de seus frutos. O chafariz exhibe o grupo escultórico “O Nascimento de Vênus”, criado pelo escultor francês Mathurin Moreau, em fins do século XIX: agora também a deusa do amor e da beleza pode apreciar a seresta.⁴²

“A lua furando o nosso zinco salpicava de estrelas o nosso chão”⁴³

A realização de serestas tem história secular no Brasil.⁴⁴ Diferente da serenata, que é uma prática boêmia e romântica em que o músico toca, canta e declama ao sereno para galanteio de sua amada⁴⁵, a seresta não é dedicada a uma pessoa em especial. Reúne instrumentistas, cantores e público, em espaços fechados ou a céu aberto, em roda ou cortejo, e sem a exigência de equipamentos eletrônicos. Não há regra rígida em relação aos instrumentos. O violão decerto tem lugar de honra, mas sem exclusividade.

42 Hoje, oito serestas compõem a Seresta do Museu. Porém, há sinais de nova seresta em gestação. Aos domingos, pela manhã, Marcelino da Cunha Augusto e sua esposa Jurandyra Gomes da Cunha promovem um encontro musical, entre 10h30 e 11h30, e alguns participantes seguem em roda depois desse horário. Contudo, esses encontros ainda reúnem poucas pessoas e não são reconhecidos por Marcelino e Jurandyra como uma nova seresta. Ainda não...

43 Trecho da Canção “Chão de Estrelas”, de Orestes Barbosa e Silvio Caldas.

44 FONSECA; FERNANDES; DUTRA, 1986.

45 CASCUDO, 2001.

No estado do Rio, a prática seresteira encontra forte tradição em Conservatória, distrito da cidade de Valença, lembrado como a “Capital Mundial da Seresta”.⁴⁶ A Seresta do Museu recria essa tradição, com especificidade. Acima de tudo, é uma experiência prazenteira, para descanso e recreio de todos os participantes. Ambiente que requer espontaneidade, descontração e abertura para improvisos e descompassos.

A condição de ser/estar em Seresta rompe fronteiras hierárquicas, e todos, profissionais e amadores, são importantes para a existência do evento coletivo, ainda que as singularidades de cada participação sejam reconhecidas. A Seresta tem uma dimensão performática, com a execução ao vivo de um repertório musical, por vezes entrelaçado por declamações. Existe para sublimar a música, não os músicos. Cantoras e cantores dividem a cena em igualdade de condições, revezando-se nas interpretações. Todas e todos são também ouvintes, no trânsito cambiante seresteiro, e o protagonismo é partilhado. Assim, a participação de cada seresteiro é graduada de tal modo que o talento de um cantor não é reconhecido apenas em função da sua competência musical, mas a partir do modo como ele se faz presente na Seresta, dissolvendo sua interpretação nas demais, misturando-se também à audiência. Um excelente intérprete sem dúvida é admirado, mas não garante o sucesso do evento, que antes está relacionado ao prazer de ser compartilhado. A seresta só existe e interessa na medida em que haja vozes e escutas sucessivas. Por mais virtuosa, uma determinada interpretação não pode prolongar-se demais em relação às outras, sob pena de atrapalhar o evento. É o compartilhamento de performances o medidor da potência da seresta.

Todos devem ouvir. O que não significa que a audiência se mantém compenetrada na escuta, em absoluto silêncio. O sentido comunitário da seresta dispara possibilidades de ser/estar junto, que envolvem muitas formas de troca afetiva. Conversas entre os ouvintes são naturais, ainda que inoportunas. O

46 Entre outros, ver: SOUZA, 2010.

silêncio, como o canto coletivo, acaba por ser também um pouco diluído no compasso das interações do evento. Por isso, são esperados instantes de intensa concentração e outros de desatenção ou alheamento. Olhares atentos e cochilos. Calmaria e agitação. Harmonia e conflito. O tamborilar discreto de dedos marcando o ritmo e o movimento que dá vazão a uma dança frenética. Em todos os casos, a música desponta como fator de integração social.

O repertório da Seresta do Museu passeia pela diversidade e riqueza da música popular brasileira. Canções que embalaram os primeiros cordões carnavalescos do Rio de Janeiro, como “Ó abre alas”, composta por Chiquinha Gonzaga, em 1899; sambas e marchinhas, gêneros populares no Brasil, bem representados por estrelas como Sinhô, Pixinguinha, Francisco Alves e Araci Cortes, esta última por muitos considerada a nossa primeira grande cantora popular. Ouve-se também Ernesto Joaquim Maria dos Santos, o Donga, que consagrou a primeira gravação de samba no país, com o lançamento de “Pelo Telefone”, em 1917. Os clássicos da “Época de ouro”, quando a rádio, nos anos 1930, popularizou toda uma nova geração de chorões e artistas: Jacob do Bandolim, Ary Barroso, Noel Rosa, Lamartine Babo, Braguinha, Ataulfo Alves, Dorival Caymmi, Geraldo Pereira, Lupicínio Rodrigues, Nelson Gonçalves, Orlando Silva, Carmem e Aurora Miranda, Aracy de Almeida, Dalva de Oliveira e outros mais. A eles juntaram-se, no correr dos anos 1950, representantes do “samba canção”, como Antônio Maria, Dick Farney, Lúcio Alves, Dolores Duran, Cauby Peixoto, Marlene, Emilinha Borba, Elizete Cardoso e Ângela Maria. No mesmo período, o advento das modas de baião, com fase áurea na segunda metade dos anos 1940, trouxe Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, influenciando craques como o sanfoneiro Dominginhos. A Bossa Nova ganhou força no ocaso dos anos 1950, interpretada por músicos como João Gilberto, Antônio Carlos Jobim, Vinícius de Moraes e Nara Leão, e sguiram-se tempos de revalorização do samba, em que vimos despontar Cartola e Nelson Cavaquinho, Paulinho da Viola, Clementina de Jesus, Elza Soares, Beth Carvalho, Clara Nunes e tantos mais. A Jovem Guarda



estreia na TV Record, em 1965, um programa comandado por Roberto Carlos, e tem início a era dos Festivais, projetando músicos como Milton Nascimento, Elis Regina, Edu Lobo e Chico Buarque. Todos os momentos musicais e mestres mencionados, entre outros mais, são lembrados e suas canções interpretadas na Seresta do Museu.⁴⁷

Não há exagero em dizer que participar da Seresta do Museu alegra a vida e fortalece a autoestima. A sensação de pertencimento ressignifica o dia-a-dia de muitos seresteiros. Para além da música, oferecer e receber afeto desponta como um condicionante do envelhecer feliz. Amizades, romances e casamentos ocorrem na Seresta a perder de vista. Os participantes, majoritariamente da terceira idade, percebem a si mesmos como agentes produtores de arte, lazer e felicidade. A cada encontro seresteiro, há algo novo a fazer e aprender. Desenvolvem-se habilidades, como decorar canções, enfrentar a timidez e soltar a voz, entre outras formas de estimular o corpo e a mente. Depoimentos dos próprios seresteiros do Palácio confirmam: “Comecei a cantar de intrometida

47 SEVERIANO; MELLO, 1997 e 1998.



Nas fotos ao lado, em destaque nas rodas: Alice e Gercina.

Fotos: Mailson Santana

e acabei achando que era cantora” (Dulce).⁴⁸ “Essas senhoras que vêm todos os dias ver a seresta, gostam de ver a gente cantar, aplaudem. Isso é muito bonito pra nós e muito cativante, porque a gente sabe que a gente cantando está agradando as pessoas” (Madalena). “A música tem um poder transformador. Promoveu na minha vida uma transformação grande” (Emília). “Muitas pessoas vêm aqui com recomendação médica, e têm doses homeopáticas de música para sua vida. É terapêutico” (Adilson Werneck). “Cansei de ver senhoras chegarem de cadeira de rodas, aí começa a música e elas levantam, com ajuda das pessoas que estão ao lado” (Maria Emília). “A música é arte e cura” (Rubinho). “Isso é um divertimento pra mente, pra esquecer muita coisa ruim que às vezes a pessoa vive.” (Gabriel). “Isso cura as pessoas” (Bené). “Essa seresta é uma terapia que vale mais ou tanto quanto um plano de saúde” (Jair Mariani). E o atual diretor do Museu da República, Mario Chagas, afirma:

Até os médicos estão recomendando passear no Museu da República para sair da depressão. O novo Museu tem potencial de cura, o que é extraordinário. (...) Tenho consciência que esse Museu pode produzir felicidade. Esse é o nosso foco. Aqui é um espaço seguro na cidade, se a gente puder contribuir com mais felicidade, melhor. Estou convencido que os museus são espaços de poesia, de sonho, de cura. A minha utopia é que seja assim, gerando benefícios sociais”.⁴⁹

Especialistas argumentam que a música é um recurso poderoso em trata-

48 Depoimento de Dulce, publicado na Retratos: A Revista do IBGE (PERISSÉ; MARLI, 2019, p. 21).

49 Entrevista concedida ao Jornal Bafafá, Ano 18, n. 144, Jun. 2019, p. 11.

mentos de saúde.⁵⁰ A divulgação de seus estudos tem sido acompanhada pelo incremento do uso da música para fins terapêuticos e de reabilitação neurológica, envolvendo funções mentais como memória, concentração, desenvolvimento motor, sincronização. Pesquisa coordenada por neurocientistas do Instituto Max Planck de Neurociência e Cognição Humana⁵¹ de Leipzig, Alemanha, opera com a hipótese de que ouvir música aciona uma região cerebral que é menos atingida por enfermidades como o Alzheimer, potencializando conexões alternativas com o mundo ao redor. Assim, apesar de ser uma força devastadora da memória, o Alzheimer não impede que parte dos pacientes conservem as suas memórias musicais, mesmo nas fases mais tardias da doença, porque a música é armazenada em uma área do cérebro diferente das que abrigam outras memórias. Assim, a música desponta como fator de reconstrução de identidades. “Eu me sinto fortalecida quando eu canto”, afirma a seresteira Maria do Carmo. “Cantar dá força, cria um algo a mais dentro de você”, concorda Socorro. E o maestro Villa-Lobos poeticamente ensina: O Brasil é um dos países mais privilegiados do mundo. O povo tem uma intuição musical profunda. Tudo canta sem querer. O mar, o rio, o vento, a criatura. O povo brasileiro deve cantar. (SILVA, 1974, p. 118)



Um evento transformador de vidas e também um laboratório de histórias de vida. Entre os seresteiros do Palácio, há vendedor, professor, freira, cantora de cabaré, doméstica, costureira, motorista, servidor público, músico, assistente social, enfermeira, acompanhante de idosos, turistólogo, historiador, agente administrativo, artesão, cozinheira, camelô, laqueador, artista plástico, dona de

50 Entre outros estudos, ver SACKS, 2007.

51 JACOBSEN et al, 2015. <<https://doi.org/10.1093/brain/awv135>> (acesso em 25/5/2019).

casa, velejador, pintor de paredes, decorador, pedreiro, psicóloga, médico, fotógrafo, corretor, fisioterapeuta, ascensorista, maratonista, pipoqueiro, assessor político, cabeleireira, atendente de bar e outras mais profissões. Observada a proveniência dos seresteiros, a Seresta reúne, novamente, ampla amostra, alcançando todas as regiões do país, capitais, pequenas cidades e localidades no exterior. Modelada pela diversidade de formas de inserção territorial e de modos culturais de viver, assim é a seresta.

Boa parte dos seresteiros aportou em território carioca na segunda metade do século XX, quando teve início intenso processo de urbanização do Brasil. De acordo com Luiz César de Queiroz Ribeiro (2009, p. 240): “Entre os anos 1940 e os anos 1970 deu-se uma aceleração enorme e o país saiu de uma distribuição da população em que 60% a 70% moravam no campo e chegou à década de 70 em situação exatamente inversa – 70% da população moravam na cidade”. Nesse cenário, a cidade do Rio constituiu um centro urbano dinâmico, experimentando forte concentração populacional. Entre os anos 1940 e 1960, apresentou um crescimento demográfico de 85,8% e, entre 1960 e 1970, esse crescimento foi de 28,6%. Nos dois períodos, a Baixada Fluminense e o município de São Gonçalo – em que significativa parte dos moradores trabalham na cidade do Rio – apre-

Abaixo, em destaque nas rodas, De Paula e Jorge Melodia. Fotos: Mailson Santana



sentaram juntos um crescimento demográfico explosivo de, respectivamente, 362,7% e 77,3%.⁵²

Todos os seresteiros que chegaram à metrópole do Rio nessa época influíram para que a Seresta do Museu seja um caldeirão cultural marcado pela diversidade de experiências e pessoas: cada qual com as suas peculiaridades, paisagens inesquecíveis, alegrias, sofrimentos. Juntos produzem música, sociabilidade, felicidade, conflitos e mediações. Ensinam sobre a natureza plural e diversa do que é antrópico.



Entre os seresteiros do Palácio, há quem situe a Seresta do Museu como parte de um modo dinâmico de viver a música. Encontraram cedo o caminho da boemia musical, de seresta em seresta, participando de festivais, programas de rádio e bailes da vida. Pelas mãos do acaso ou de amigos, incorporaram com prazer a Seresta do Museu à rotina, mas já traziam a mala cheia de música. Em outro polo de experiência, chegaram aqueles para quem a Seresta do Museu foi a primeira ponta de um iceberg dedicado à música, abrindo novos horizontes de vida e de cantorias. Sem a Seresta do Museu, viver não teria sido uma combinação delicada de acordes, ritmo e melodia.

O que é humano tem espaço nos museus

Pesquisar sobre a Seresta do Museu envolve perscrutar as relações entre o Museu da República e a comunidade de seus frequentadores diários, percebendo

52 Dados do IBGE e da Fundação Seade, analisados na obra OSORIO; RABELO; VERSIANI, 2017.

que no domínio complexo da administração museal convivem lógicas formais e informais. Não é possível analisar a Seresta observando-a como um grupo estanque, reduzido às suas características internas de formação e composição. Antes, deve-se observá-la à luz de suas relações com o território que ocupa e a instituição que a sedia. A Seresta do Museu é parte integrada, lúdica, cultural, do Museu da República.

Sendo uma prática em benefício da vida, a Seresta encontra sentidos especiais em ocorrer dentro de um museu. Todos os benefícios produzidos em escala comunitária a partir da Seresta demandam por afirmação em escala social maior. São valores relacionados à dignidade humana, que dialogam com o universo dos direitos sociais. “Tudo o que é humano tem espaço nos museus. Eles são bons para exercitar pensamentos, tocar afetos, estimular ações, inspirações e intuições”, lembram Chagas e Storino (2007, p. 6). São bons, portanto, para a ação política. Justificam-se como lugar de cidadania e inclusão, polifônico, aberto e atento às questões de seu tempo.

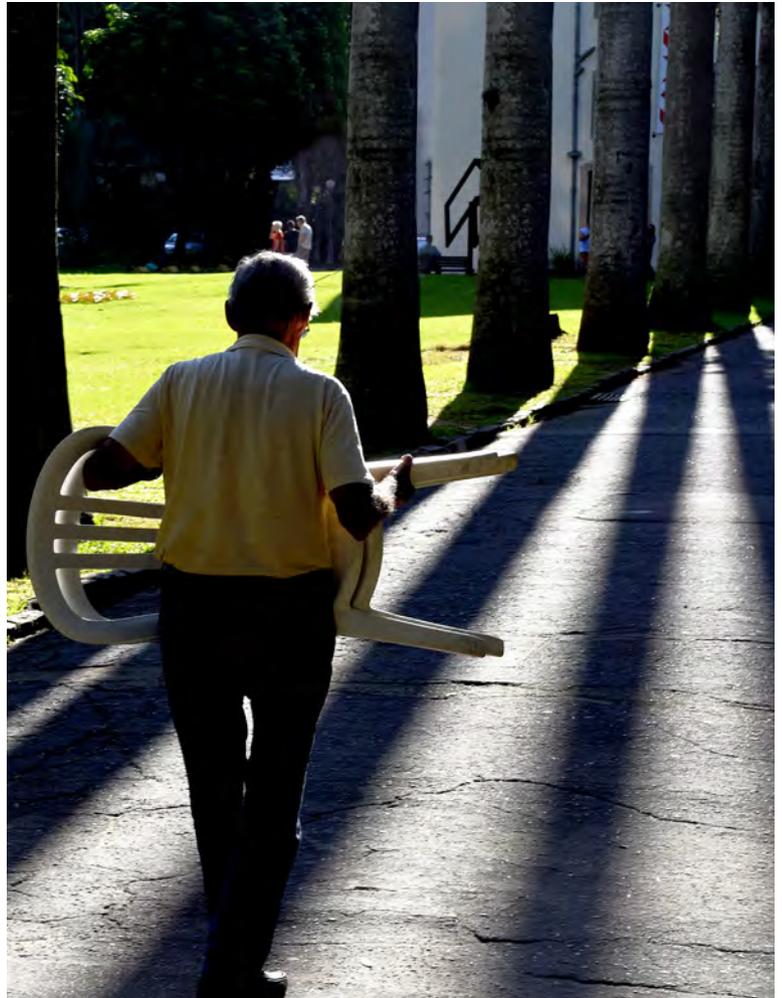
Operando no campo da preservação de bens culturais – objetos, memórias, práticas – que expressam maneiras republicanas de viver, o Museu da República reconhece a Seresta como processo comunitário socialmente potente na afirmação do direito à vida, à memória, à cultura e ao museu. Assume a Seresta como um patrimônio que descortina possibilidades dinâmicas de memória social. Os participantes da Seresta são guardiões de memórias que constroem sentidos para o Museu da República. Se a Seresta é uma forma de apropriação comunitária do Museu, é também parte do que lhe dá existência, feitiço e substância para o exercício da luta republicana. Ademais, a Seresta do Museu ensina que o Museu da República está longe de ser um espaço estrito de preservação e exposição de objetos: é espaço de interação e de práticas sociais complexas e sensíveis no campo do patrimônio cultural.

Há algumas décadas o debate museológico faz o bom combate à visão do

museu tradicional, que se limita a preservar e expor objetos.⁵³ Sobretudo desde os anos 1970, um novo conceito de Museologia está em debate, reivindicando o engajamento político da instituição. A cultura é percebida como um direito do cidadão e, as ações públicas no campo da cultura, um instrumento estratégico de desenvolvimento, inclusão, promoção de autoestima e valorização da vida. Um museu existe para a transformação do social, articulado às pessoas e aos territórios e não somente às coleções e aos objetos museológicos. Nessa perspectiva, o diálogo do Museu da República com os visitantes habituais da casa – e com os seresteiros do Palácio – ganha absoluta relevância.

Foto: Mailson Santana

53 PRIMO, 2006.



“Aqui me tens de regresso”⁵⁴

Os seresteiros do Palácio sentem-se em casa no Museu da República, mesmo aqueles que não moram na vizinhança. Frequentemente, comportam-se como anfitriões de quem se aproxima da Seresta, demonstrando muita familiaridade com a casa. Se existe no imaginário social alguma associação entre seresta, sereno, boemia e noites de lua, a Seresta do Museu desponta, sobretudo, como um espaço caseiro, um quintal, em que a intimidade de uma casa é pressentida. Essa casa é o Museu da República, monumentalizado como sede da Seresta, um templo do rito seresteiro, onde são conectados sonhos, fazeres e sentimentos, que todos os participantes parecem desejar eternizar. Por isso, quando perguntaram ao seresteiro Miguel como conheceu a Seresta do Museu, ele não vacilou: “Eu nasci aqui”.⁵⁵ E Maria Isabel brinca: “O jardim [do Palácio do Catete] é o meu quintal. Sou filha de Getúlio”.

Não poucos seresteiros chegam ao Museu da República bem cedo e passam horas no jardim até o momento de serestar. Dedicam oito, às vezes dez horas por dia a ser/estar no Museu. Quem nunca entrou no prédio principal do Palácio do Catete, não deixa de sentir forte ligação com o Palácio. Mario Chagas comenta o assunto lembrando o carioca que nunca visitou o Pão de Açúcar, mas que associa o morro à sua cidade. Não precisou fazer o passeio de bondinho para gostar do Pão de Açúcar e produzir sentidos especiais de pertencimento em relação a ele.⁵⁶

Os seresteiros do Palácio vivem o Museu da República, ainda que alguns deles não frequentem exposições e outros eventos programados pela casa. Inserem-se no Museu, a partir de determinadas motivações e percepções, em que a existência da instituição não é banal. Ao contrário, o ambiente museal

54 Trecho de “A volta do boêmio”, de Adelino Moreira.

55 Depoimento publicado na Retratos: A Revista do IBGE (PERISSÉ; MARLI, 2019, p. 21).

56 Ideia desenvolvida por Mario Chagas em conversa livre com a autora.

é elemento forte da Seresta e para os seresteiros; algo que lembra as palavras da escritora canadense Alice Munro, quando diz: “Na sua vida existem alguns lugares, ou talvez apenas aquele lugar, onde alguma coisa aconteceu, e aí estão todos os lugares”.⁵⁷

“A coisa mais legal que houve foi esse palácio pra nós (...). Se não existisse o palácio onde que a gente ia ficar, onde a gente ia cantar, onde é que a gente ia ter alegria?” (Madalena). “Os Jardins do Palácio do Catete são, indubitavelmente, lugares aprazíveis, onde encontro aprazimento, contentamento e onde apporto com muita frequência, há muito tempo” (Miguel). “O lazer no parque do Museu encontra a natureza, segurança, bom ambiente, sem bagunça” (Salobinho). “É um espaço democrático, as pessoas se sentem seguras aqui dentro. É um espaço humanizado, você tem muito verde, tem a natureza muito exuberante. Tudo é um convite pra você ficar aqui” (Emília). “Esse charme, essa vegetação, a natureza, o ambiente... não tem em outro lugar. Aqui a gente fica super à vontade, é tudo de bom” (Arléa). “Tem tudo a ver a música com o Museu da República. De forma alguma poderia acontecer em outro lugar, do jeito que ta aqui ta bom demais, nem mais nem menos.” (Israel). “Digo pra todo mundo que esse jardim é meu, o uso é à vontade, mas é meu. Isso aqui é um paraíso” (Maria Antônia Bouzon).

Compreender as relações entre pessoas e espaços não é matéria sem complexidade, e alguns estudos no campo da Geografia Humanista são inspiradores nesse esforço. Na década de 1970, o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan lançou a publicação “Topophilia: A study of environmental perceptions, attitudes, and values”, traduzido para o português em 1980, por Livia de Oliveira.⁵⁸ O termo topofilia é um neologismo que alude a “todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (TUAN, 1980, p. 107). A obra valo-

57 Versos de Alice Munro, publicados em *Felicidade demais: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Traduzido por Alexandre Barbosa de Sousa.

58 *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*.

riza a influência de elementos culturais nas diferentes maneiras de perceber os espaços, lembrando que, ainda que possuindo órgãos sensoriais comuns, as pessoas têm percepções diferentes dos lugares que habitam, percepções estas instruídas por seus modos culturais de viver. No entanto, Tuan ressalta que há também aspectos subjetivos que levam a experiências espaciais muito particulares e intensas. Para o autor, é a associação entre sentimento e ambiente que produz o sentido do lugar. E a maneira como as pessoas percebem o ambiente e agem nele tem a ver com toda uma composição de fatores expressivos de uma experiência cultural e também pessoal.

O Museu da República é o ambiente que fornece estímulo sensorial à Seresta do Museu. Há muito simbolismo envolvido nessa relação. Decerto a imagem do Museu para os seresteiros do Palácio não é a mesma para os que pesquisam na casa ou para as crianças que brincam no parque, por exemplo. Aos olhos dos seresteiros, o Museu da República é o espaço e a imagem de um modo de viver que sugere outro neologismo, que não *topofilia*, mas sim *museofilia*.⁵⁹ A noção de museofilia conectaria o sentimento com que os seresteiros do Palácio se relacionam com o Museu da República, construindo-o como o seu lugar e singularizando-o como o seu território cultural.

59 Proposta por Mario Chagas, a noção de “museofilia” foi apresentada à autora em conversa livre sobre a Seresta do Museu.





Foto: Mailson Santana

QUEM FAZ A SERESTA DO MUSEU

“Minha vida é um palco iluminado”⁶⁰

Para a realização deste livro, foram entrevistadas 98 pessoas. Todas essenciais aos achados da pesquisa. Ainda que fuja ao escopo do trabalho lançar luz, individualmente, sobre cada história de vida enredada na Seresta do Museu, temos a convicção de que nenhuma experiência coletiva se faz independente das ações pessoais: a Seresta do Museu é bordada pelos fios de todos os seresteiros do Palácio, a partir de suas vivências, convivências e modos de chegar e estar na Seresta. Neste tópico, organizamos uma breve apresentação, em ordem alfabética, de cada seresteiro entrevistado, que não tenha sido citado diretamente no curso dos capítulos do livro. O conteúdo das apresentações resume exatamente os aspectos de cada trajetória que os próprios entrevistados valorizaram partilhar.



Ailton Joaquim Sant'anna é carioca e conheceu o Palácio do Catete à época do segundo mandato presidencial de Getúlio Vargas (1951-1954). O seu pai pintava as paredes do Palácio e Sant'anna o ajudava, tendo conhecido Vargas pessoalmente.⁶¹ Quando concluiu o serviço militar, trabalhou na Rede Globo, como secretário de segurança, e voltou ao Palácio – a essa altura sede do Museu da República – para acompanhar uma gravação no local. Hoje, aposentado, vende latinhas “para fazer um dinheiro a mais, por conta de seus netos”. Sobrinho de Ataulfo Alves, frequentava com o tio a Rádio Nacional, bem cedo se arriscando como músico e compositor. Tocou violão ao lado de grandes estrelas, como Beth Carvalho, Jamelão e Nelson Cavaquinho, porém só ganhou dinheiro na música com trabalhos em boates e bares. Os seus cds, ele conta que custeou com apostas. Conheceu Ditinha Viana na Rádio Nacional, tempos depois tocando em evento por ela promovido. Certo dia, leu uma matéria de jornal sobre a Seresta do Museu. Foi conferir e tornou-se participante. Sant'anna diz que a Seresta “é uma grande coisa”, mas também um lugar “de muita inveja e concorrência”. Uma história fantástica, literalmen-

60 Trecho de “Chão de Estrelas”, de Orestes Barbosa e Sílvio Caldas.

61 Nas entrevistas, ganha evidência a força do imaginário de Getúlio Vargas associado ao Palácio do Catete. Entre todos os presidentes da República que residiram no Catete, apenas Vargas é mencionado.

te, que ele jura ser verdadeira, tem assustado alguns seresteiros. É que uma estátua dentro do Palácio do Catete se mexe, garante Sant'anna: "Quase matou uma senhora do coração".

Alda Duarte Dias garante: "Estar no jardim do Museu, esperando a Seresta, é um lazer. As pessoas vêm, almoçam, voltam. Tem gente que fica direto, cadeirantes. Vem gente até de Niterói, Icaraí". Carioca, criada na cidade mineira de Belo Horizonte, aos dezoito anos, contra a vontade de sua mãe e gerando desentendimentos em família, Alda mudou-se para o Rio de Janeiro, morando com suas tias. Sempre gostou de visitar museus e uma amiga lhe contou que o Palácio do Catete estava aberto ao público. Assim, programou-se e, há cerca de dez anos, conheceu o Museu e de quebra a Seresta do Vivi, no coreto. Encantou-se, com o Museu e com a Seresta. Ela diz que, em sua vida, a música sempre esteve presente. Sua mãe "acordava e dormia cantando". Seus irmãos e tio "eram instrumentistas" e faziam shows que não raro ela própria apresentava. Na primeira vez que Alda se aproximou da Seresta, a seresteira Evinha convidou que se sentasse e apreciasse. Súbito, sem que esperasse, foi chamada a cantar, estreando com muita timidez e nervosismo. Após a experiência, porém, passou a frequentar e a cantar em todas as serestas do Museu. Afirma que o evento a salvou de uma forte depressão, que veio com o fim de um relacionamento amoroso. Sentia-se muito sozinha e pensava em suicídio. A Seresta a animou a sair de casa e se divertir. Hoje, frequenta também outros locais de entretenimento para idosos, patrocinados pela Prefeitura, onde faz yoga, dança e várias outras atividades.

Alfredo Pereira Lima não perde a Seresta do Museu, que conheceu por acaso: passeava com frequência no jardim do Palácio do Catete e encontrou o grupo de músicos ("Não há ninguém no Catete que não queira essa amizade, essa miscigenação, todo mundo tocando, se alegrando. Eu não toco, nem canto, mas aprecio"). Alfredo é conhecido como Poeta. Muito interessado em História Antiga, Filosofia e principalmente Literatura, orgulha-se de ser "o primeiro poeta a tocar na era astral, escrevendo sobre o assunto antes que o Homem pisasse na lua". Em seu blog "Pereira Lima - O Poeta do Milênio" é possível encontrar alguns de seus escritos, entrevistas e projetos. Natural do Ceará, mudou-se ainda pequeno para o Rio de Janeiro, nos anos 1930. Os pais abriram uma pensão nas proximidades do Palácio do Catete. À noite, a sua mãe tocava piano para os hóspedes, o que alimentou em Alfredo o gosto pela música. Conheceu o Museu da República desde a sua criação, em 1960. Ao se casar, morou em Niterói, porém voltou a morar no Catete após o falecimento de sua esposa. Ele chega cedo ao Museu, diariamente, e aguarda pelo horário da Seresta. Estar no Museu é para ele um modo agradável de passar o dia. A Seresta, ele diz, "me proporciona companhia... uma coisa muito boa".

Quando, em 1962, deixou Missão Velha, cidade do Ceará, **Antônio Elias Sobrinho** era



menor de idade. O seu pai lhe disse que ir para o Rio de Janeiro o tornaria um “homem de futuro”. Formou-se em História pela Universidade Federal Fluminense, onde antes trabalhou como servente, e obteve título de mestre na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Lecionou no ensino municipal e estadual. Sempre morou nos arredores do Museu da República e garante que a instituição é uma referência de lazer no bairro e adjacências. Passeando no jardim, em fins dos anos 1990, descobriu a Seresta do Museu. Percebeu que poderia cantar e nunca mais deixou de frequentar o evento. Acredita que grande parte dos frequentadores não tem outras oportunidades de entretenimento e é ali que “se enturmam”. Para o próprio Elias, a Seresta do Museu representou muito, sendo o lugar em que cantava e fazia amigos. Hoje já não é assim, ele construiu outras alternativas de lazer, porém tem consciência de que estar entre os seresteiros do Palácio foi essencial no seu processo de socialização.



Antonio Porto Perez mora distante do Museu da República, em Olaria, zona norte carioca, mas há cerca de dois anos foi levado pela sogra de sua filha à seresta da Bia, de sábado. Desde então, frequenta várias serestas do Museu, especialmente nos fins de semana. Natural de Nova Lima, Minas Gerais, Tony passou os primeiros anos da infância em Barra Mansa, estado do Rio. De família circense, nasceu nos bastidores de um circo e diz que não nasceu: “estreou”. Cantava no circo e, autodidata, “devorava os livros”. Aos doze anos foi interno no Abrigo do Cristo Redentor de São Gonçalo. Um ano e meio depois, voltou para Barra Mansa e empregou-se em um Cine Teatro onde também passava as noites. Apresentou-se para o serviço militar e logo conseguiu emprego na cidade do Rio, em serviços gerais e de pessoal em emissoras de tv. Tony cantou na noite por 52 anos, com passagens por orquestras, bandas, rádio e televisão. Casado há 54 anos, a sua amada esposa não frequenta a Seresta do Museu, porque nos fins de semana organiza com a filha um coral religioso. “A Seresta é como um palco”, diz Tony, lembrando que sua vida e o palco sempre andaram lado a lado. Lamenta apenas a falta de alguma sonorização e microfone. Pensa também em realizar trabalhos musicais ao lado de outros seresteiros do Palácio. Observa muita gente solitária na Seresta: “Aqui é onde eles conhecem as pessoas, conversam. Alguns não sabem cantar, mas querem cantar, pois é uma maneira de extravasar o que está dentro deles, sufocando. Por isso os apresentadores não escolhem quem deve cantar”.



A carioca **Arléa Pinto Gil** mora nos arredores do Museu da República e seus filhos brincavam no jardim da instituição. Professora primária e de Ciências, em 1993 sofreu forte baque com a perda de sua mãe. Uma amiga, então, lhe falou sobre a Seresta do Vivi, como uma distração. A música, na vida de Arléa, de fato era uma distração, cultivada com prazer e apreço. Como boa professora, organizava tempo para ouvir os seus cds, pesquisando e decorando as letras de

cada canção. Conheceu a Seresta do Vivi no Montinho e vem acompanhando o nascimento de todas as demais serestas do Museu. Ela conta que várias pessoas frequentam o evento há muito tempo. Como ela própria, começam e seguem frequentando. O seu modo de serestar é discreto, da plateia, prestigiando as interpretações. Delicadeza e carinho são palavras que expressam o seu convívio com os seresteiros do Palácio: “É tudo de bom. Não é só ficar ali ouvindo. Já nos conhecemos. Esse convívio é fantástico”.

Benedito Marques Corrêa, o “Salobinho da Bahia”, tem registros de suas interpretações no canal do Youtube e orgulha-se de Jair Rodrigues e Chiquinha Gonzaga (irmã de Luiz Gonzaga) terem gravado duas de suas composições: “Laço de fita” e “Meu assum preto 2”. Natural da cidade baiana de Prado, mudou-se para o Rio de Janeiro ainda jovem, no início dos anos 1970. Em Prado, integrava um conjunto musical e a sua intenção era seguir a carreira no Rio. Estabeleceu-se na casa de uma tia, no bairro central do Catumbi, e seu primo tratou de lhe mostrar os espaços musicais em que circulavam vários artistas. Salobinho conta que conheceu o compositor Adelino Moreira e dele recebeu o convite para tocar em uma casa noturna de sua propriedade, em Campo Grande, zona oeste da cidade. Trabalhou por quase dois anos no local, fazendo a abertura, com voz e violão, das apresentações principais da casa, que incluíram shows de Nelson Ned, Nelson Gonçalves e Agnaldo Timóteo. Desde então vive como músico. Há cerca de três anos, durante uma apresentação em restaurante na Lapa, conheceu Castanha. Convidado, hoje integra o grupo de instrumentistas de várias serestas.

A pianista **Clarice Kamliot** é carioca. Coordena, na Tijuca, zona norte do Rio, a Escola de Música Oficina, criada como cooperativa de amigos músicos há cerca de 27 anos. Entre outras participações, tocou com a Orquestra Tabajara e em turnês com Sívuca, Eliana Pittman, a banda Golden Boys e, durante onze anos, integrou o grupo de músicos de Leci Brandão. Em uma das apresentações com a cantora, conheceu Kleber Matos, que a convidou para o primeiro de muitos trabalhos que fariam juntos. Multi-instrumentista, Kleber produziu vários cds independentes de seresteiros do Palácio, atuando como produtor musical, arranjador e violonista. Clarice lembra do comentário de um técnico de som do estúdio em que costumavam gravar, referindo-se à competência e ao astral do Kleber: “Pelé só existe um!” Foi Kleber também quem a levou à Seresta do Museu, onde hoje participa tocando escaleta. Juntos, encontraram a parceria sob medida do baterista e seresteiro Adilson, que deixou bonitos registros do trio em CD. Quando Kleber se foi, em 2017, para além da tristeza e saudade, deixou entre os seresteiros o sentimento de que ele é insubstituível. Clarice viveu por dezoito anos com Kleber e, em 2018, fez bonita homenagem póstuma ao ex-marido: um dvd intitulado “Homenagem ao maestro Kleber



Matos”, com gravações do músico, que incluem depoimentos de amigos e registros de apresentações com Bibi Ferreira e outras estrelas. Na contracapa do DVD, Clarice resumiu:

Músico brilhante, compositor, arranjador, cantor, poeta. Com mais de quatro décadas na música e arranjos para mais de quatrocentos cds, foi um líder natural e incansável incentivador de novatos ou experientes. Paciente, divertido contador de “causos”, tricolor apaixonado por História, formado em Economia e devorador de livros que tratassem de biografias. Desse querido companheiro que nos deixou aos 61 anos estão sentindo falta aqueles que tiveram o privilégio de conviver. Até seus instrumentos parecem estar esperando para serem dedilhados. Violão de 6, 7, 10 e 12 cordas, cavaquinho, guitarras, baixo, bandolim, charango, teclado, percussão. Todos pareciam sérios e felizes brinquedos em suas mãos (...).



Cláudio Oliveira Marques experimenta um tipo especial de entusiasmo com a vida e a arte abraçado ao seu violão. Natural de Crateús, no Ceará, ele tinha dezoito anos quando se mudou para o Rio de Janeiro, onde moravam sua irmã e seu cunhado. Custeou a passagem de ônibus com a venda de uma boa safra de feijão, milho, abóbora e outros produtos plantados por seu pai. No Rio, serviu ao Exército e depois alternou experiências profissionais até se firmar na corretagem, ramo em que atua até hoje. A pescaria foi um prazer cultivado entre amigos, mais tarde substituído pelo violão. Cláudio conheceu a Seresta por volta do ano de 1994, em visita casual ao Museu da República. Inicialmente, assistia ao evento, sem compromisso nem assiduidade, porém, estreitou amizade com Adão e Castanha e, por insistência daquele, levou o violão ao Museu, sendo então convidado por Castanha a participar de sua seresta, na qual segue tocando e também em outras. Tocou com Vivi na Rádio MEC e em outros eventos, mas considera Adão e Castanha os seus “maiores incentivadores na música”. A Seresta do Museu lhe deu coragem e autoestima para dedicação profissional ao violão.



Cleuza Luiza de Castro nasceu na mineira Juiz de Fora, mudou-se com a família para o Rio aos doze anos e se orgulha de ser “carioca pra danar”. Chegou ao Rio com emprego em uma fábrica de ampolas, atuando depois no controle de estoque de uma fábrica de bijuterias, em que se destacou por saber ler. Morava no Encantado, bairro da zona norte, deslocando-se de trem para trabalhar. Ela e a irmã gostavam de cantar e se inscreviam em programas de calouros de Juiz de Fora. A irmã ganhava muitos prêmios, mas Cleuza era tímida, “não soltava a voz”. Na

Seresta do Museu, isso mudou: “é um lugar de diversão, e todos são acolhidos sem julgamento”. Era 2014, embora morando longe do Museu da República, foi à Seresta porque uma amiga viúva pediu sua companhia. Incentivada a cantar, especialmente pelo violonista Gabriel, passou a frequentar todos os dias de Seresta, interpretando um bonito repertório que privilegia os sambas-canção.

Dalmo Farias Melo, alagoano de Piaçabuçu, quando criança subia em árvores do quintal de sua casa para cantar músicas de Orlando Silva, Francisco Alves, Silvio Caldas, Carlos Galhardo e outras que ouvia em alto-falantes da cidade. Observando o inusitado, uma vizinha alertou sua mãe: “Oh, Dolores, esse menino vai ser um seresteiro apaixonado”. Décadas depois, nos anos 1960, mudou-se para o Rio de Janeiro, trazendo na bagagem a experiência de integrar, como saxofonista, uma banda de sopros e percussão que se apresentava por várias cidades de Alagoas. Trouxe também o ofício de bom alfaiate, e só deixou a profissão quando foi aprovado em concurso para a Eletrobrás, onde atuou por trinta anos. Certo dia, em passeio com o amigo e seresteiro Braz a uma seresta em Niterói, conheceram o seresteiro Rogério, que lhes falou da Seresta do Vivi. Dalmo foi ao Palácio do Catete quando a Seresta ainda acontecia no Montinho, mas aborreceu-se com Vivi, que insistia em decidir sobre os tons das suas interpretações musicais. Embora chateado, não se afastou do Palácio, tornou-se morador do bairro e passou a frequentar todas as serestas. Dedicava-se também à pintura e, se os seus quadros remetem às paisagens que traz consigo onde quer que esteja, a música também parece uma marca de nascença. A sua esposa, namorada “inesquecida” da juventude em Alagoas, Vanúzia Calheiros Farias Melo confirma que Dalmo nunca deixou a menor dúvida quanto ao prazer de serestar.

“Se um dia a Seresta acabar, tem gente que vai entrar em depressão profunda”, afirma **Denise Gaspar da Silva**. Carioca, há cerca de trinta anos visita o Museu da República: “Um lugar muito agradável”. Morava na Tijuca, a boa distância do Museu, mas habitualmente levava as crianças de sua família para passeios na instituição. Observava a Seresta, sem participar. Em 2019, mudou-se para o Catete e começou a interagir mais com os seresteiros. Costuma fazer curtas gravações, organizando uma memória audiovisual do evento. Incomoda-se apenas com o que chama de “picuinhas” da Seresta, criticando os participantes que “se adonam” do evento afirmando máximas como “A Seresta é minha” e constrangendo pessoas. Graduada em História, Denise viu-se enfrentando um quadro de esclerose múltipla, doença inflamatória crônica, autoimune, que impacta a vida nos termos de uma batalha a cada dia. Hoje, ela milita para a conscientização social em relação a essa enfermidade. Para Denise, a Seresta é música que canta histórias e toca corações.





Divair da Silva Pamplona Beltrão, a Diva, mudou-se para a cidade do Rio como professora universitária aposentada. Natural da Ilha de Marajó, no Pará, cresceu em casa de palafita e, na época das chuvas, tomando banho nos degraus de casa, onde também pescava. O seu pai caçava para alimentar a família, e com dificuldade proveu estudos para ela e a irmã, em Belém. Nessa cidade, Diva se casou e teve três filhos, porém experimentando a dor indizível de perder um deles, com dezoito anos, em um acidente de carro. Os outros dois mudaram-se para o Rio de Janeiro, por razões acadêmicas, e Diva decidiu que estaria perto na primeira chance. Moradora do Catete, começou a frequentar a Seresta do Vivi, no Montinho, e estreou cantando na seresta do Castanha. Desde então, canta e dança nas serestas com a alegria de quem foi embalada pelo colorido e sedução do carimbó. O seu pai tocava violino e violão em festas na Ilha de Marajó, ensinando às filhas o prazer e o valor da música, lição que acabou por ser também legada aos filhos e neto de Diva (o filho integra o grupo Caipirando e o neto é baterista do grupo Ponto de Autoridade). A Seresta também foi importante para a irmã de Diva, que esteve por oito anos internada, até o seu falecimento em 2016. Lúcida, mas se comunicando apenas com os olhos, ela ouvia diariamente gravações das serestas que Diva levava ao hospital, o alento naquele período de tristeza. Diva diz: “Já sofremos muito aqui, várias perdas, de tanta gente que a gente gosta”. E completa: “A Seresta é uma benção, um bálsamo pro coração das pessoas, que às vezes são muito carentes”.



Mineira, da cidade de São João Evangelista, **Dulce Silva Puentes** decidiu viver no Rio de Janeiro nos idos de 1958, aos dezoito anos. Obteve colocação na área administrativa do Ministério da Guerra, casou-se aos 21 anos, foi mãe e visitou a Seresta do Museu a convite de uma amiga que morava nos arredores. O seu primeiro contato foi com a seresta do Jorjão e lá começou a cantar em público. Conheceu Gaúcho, que se tornou mais que um grande amigo e seu professor de violão, a quem passou a acompanhar nas rodas e seresta por ele conduzida nas quartas-feiras. Hoje, Dulce estuda flauta e canto, e guarda o sentimento de ter sido Gaúcho quem introduziu a música em sua vida, para sempre.



Edmilson de Moraes Silva, conhecido como Edi, nasceu na cidade do Rio. Visitou o Palácio do Catete quando ainda era a sede da Presidência da República, em excursões com um professor de sua escola. Em sua casa, também era estimulado a percorrer espaços culturais. O seu pai, tio e primos tocavam e cantavam juntos em festas e rodas. Cultivavam o hábito da música e da vida ligada à arte. Edi interessou-se pelo violão, mas hoje domina outros instrumentos, especialmente baixo e cavaquinho. Morador do Rio Comprido, zona norte carioca, concluiu graduações em Direito e Música, na Universidade Estácio de Sá, e atuou como funcionário

público, hoje aposentado, do Ministério da Saúde. Tocou com o grupo Os Navegantes, em casas luso-brasileiras, mas nunca viveu de música. Convidado a dar aulas de teoria musical e violão na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, um amigo cavaquinista lhe falou sobre a Seresta do Museu. Assim, há cerca de quatro anos, pelo menos uma vez na semana, ele participa do evento, mais frequentemente na seresta do Castanha, que também foi seu aluno. Para Edi, a Seresta do Museu “faz muito bem”: “Para as pessoas de minha idade, dos quarenta anos em diante, é uma higiene mental. Eu vejo e fico observando. Elas ficam alegres, elas brincam e cantam músicas alegres e brincalhonas e passam horas tranquilas ali”.

Elizabeth Lousada Farias da Silva tem vida musical ativa. Fez aulas na Escola de Música Villa-Lobos, participando do coral da instituição. Com o grupo, menciona apresentações no Teatro Municipal, Forte de Copacabana, Sala Cecília Meirelles e em Conservatória. Assídua na Seresta do Museu, diz que frequentá-la é “exercício para aprimorar o canto” e “alternativa muito mais saudável do que ficar parada dentro de casa”. Quando jovem, estudou em colégio interno e lembra de brincar de ser cantora com as colegas. Adulta, trabalhou em serviços domésticos e metalúrgicos, mas a música seguiu como o prazer maior. Hoje, dedica-se exclusivamente ao canto. Carioca, mora em Laranjeiras, bairro próximo ao Museu da República, e, caminhando no jardim da instituição, conheceu a Seresta. Beth lamenta não ter gravado um cd. De conhecidos, ouve que só falta a mídia descobrir “a voz que deus me deu”! O mais importante, afirma, é cantar, e “cantar na Seresta é uma terapia pra alma”.

Para **Evinha Câmara**, a Seresta do Museu “é uma benção que o idoso tem”. Natural de Paiva, em Minas Gerais, quando tinha cinco anos, um primo a visitou e contou que, no Rio, ele atravessava o mar para chegar ao Pão de Açúcar. O pai de Evinha perguntou então o que era “mar” e o primo respondeu: “Uma lagoa grande”. Assim, Evinha passou a imaginar-se sentada à beira da lagoa comendo o Pão de Açúcar. Com o primo, mudou-se para o Rio aos catorze anos e, após algumas trocas de endereço, fixou moradia em frente à Praia de Botafogo, zona sul da cidade. Empregou-se como doméstica e, para que o pai, alcoólatra e violento, não a obrigasse a voltar “para a roça”, a sua patroa lhe arranhou um casamento. Ficou casada por 22 anos e subitamente o marido desapareceu. Anos depois, casou-se novamente, vivendo mais 22 anos ao lado do segundo marido, até o seu falecimento, em 2008. Conheceu a Seresta do Vivi ainda no Montinho, mas só começou a cantar no evento quando viúva. Hoje possui três cds gravados. Percussionista, toca também um pouco de violão e compõe. Como atriz, faz apresentações teatrais na Casa de Convivência e Lazer Dercy Gonçalves, além de produzir peças e poemas.

Fátima Jacintho de Assis, nascida e criada em Marechal Hermes, bairro da zona norte do





Rio, desde pequena deseja ser cantora. Antes de suas primeiras incursões no mundo da música, formou-se fisioterapeuta, profissão que exercia à época em que conheceu o seresteiro Rubens, em 2011. O encontro deu-se quando Fátima se arriscou em um programa de calouros na Rádio MEC. Bem classificada, recebeu a recomendação de um funcionário da rádio que procurasse Rubinho para realizar o sonho de gravar um cd. Afinal, ela diz, tudo deu certo e o seu cd foi um sucesso de vendas, no Rio e em São Paulo. Fátima conheceu a Seresta do Museu com Rubinho, nos idos de 2012, e esbanja alegria com um repertório de primeira linha que “não deixa o samba morrer, não deixa o samba acabar”.



Antes de se aposentar, o advogado **Fernando Aguiar Loretti** trabalhava na Eletrobrás, mas o seu prazer era cantar e tocar piano. Em 1992, decidiu investir o valor recebido por uma rescisão de contrato na criação de um programa de rádio. Atuou como radialista na Rádio Carioca AM até o ano 2000, como produtor e apresentador do Programa Show de Talentos. Atuou também por dez anos como apresentador de formaturas e seminários nas empresas Light e Furnas. Atualmente, tem um canal no youtube com mais de quinhentos vídeos, incluindo interpretações da sertesteira Marisete e dele próprio, em que canta, toca e transmite mensagens. Conhecer Marisete mudou a sua vida: viúvo, após 55 anos casado, ao lado da nova companheira encontrou ambiente propício para realização do sonho de cantar, compor e trilhar com absoluta liberdade o caminho da música.



Flávio Ferreira Cavalcante é cearense, de Fortaleza. Aos dezessete anos visitou a cidade do Rio, onde o seu irmão morava, em Copacabana. Recebeu dispensa do serviço militar e não quis mais sair da cidade. Aprendera o ofício de fotógrafo, conseguindo ocupação como laboratorista fotográfico no Rio. Mudou-se para o Catete e o casamento lhe deu a felicidade de duas filhas, que costumava levar para passear no jardim do Palácio. Hoje, além de cantar nas serestas, registra os seus momentos e personagens, “unindo trabalho e lazer”. Avalia que a Seresta é um divertimento para as pessoas idosas: “Fundamental, fantástico. Se você tirar, degola um monte de gente...”.



Gabriel Prazer de Lima nasceu em Pocinhos, na Paraíba, mudando-se para o Rio de Janeiro em 1973, aos 24 anos. De início, morou com o irmão e atuou no ramo da construção civil. Hoje, aposentado, trabalha na área da administração condominial. Ele conta que canta e escreve letras de músicas desde 1978, porém nunca gravou as suas canções. Foi músico e assistente de programas de serestas na Rádio Roquette Pinto e no Abrantes Futebol Clube. Cantou em dois grupos musicais: Céu Azul e Mister Som, este último uma banda de forró. Com os seresteiros do Palácio Adilson, Jotagê, Oswaldo e Serginho, forma um grupo de samba e seresta. Conheceu

a Seresta do Museu por volta de 2005, levado por amigos que não mais frequentam o evento. Estreou na seresta de Castanha, cantando. Hoje, arrisca-se no violão e tornou-se também o que denomina “professor de tom”, ajudando pessoas que gostam de cantar a encontrar os tons das suas interpretações. Para ele, “a coisa melhor do mundo é você poder ajudar os outros, principalmente pessoas de idade” e “a Seresta do Museu leva alegria aos participantes”.

Gercina Benício de Moraes, também conhecida como Neném, nasceu na Serra da Jurema, no agreste de Pernambuco, e mudou-se com a mãe para Recife aos dois anos de idade, após a morte súbita e prematura de seu pai. Quando moça, trabalhou na fábrica “Camisaria Especial”, até se mudar para o Rio de Janeiro, aos dezessete anos. Inicialmente, morou com uma amiga, no Catete, trabalhando no ramo da costura. Especializou-se em tapeçaria. Apaixonada por samba, tornou-se passista da Império Serrano. Certo dia, por infelicidade, ao engolir pequeno pedaço de carne, feriu-se gravemente, o que lhe trouxe o transtorno de quase perder a fala. O seu médico receitou que cantasse e fizesse exercícios de fonoaudiologia, e uma amiga lhe falou sobre a Seresta do Museu. Pela primeira vez, Gercina cantou para uma plateia de desconhecidos e, muito elogiada, há mais de vinte anos participa do evento. A vida lhe reservaria também o desafio de outros problemas de saúde, que comprometem a sua mobilidade e o seu prazer de dançar: “O maior desgosto da minha vida!”. Ela conta que aos oito anos de idade pulava a janela de casa para dançar o maracatu. Também gostava de cantar e era cantando que trabalhava, “para passar o tempo”. Mas não acompanhava as amigas ao programa de Ari Barroso, na Rádio Tupi, porque o modo grosseiro do músico no trato com os candidatos a desanimava, inclusive influenciando para que não cogitasse de ser cantora. Hoje, sente dor intensa e contínua em função da saúde comalida, mas não deixa de cantar no Palácio do Catete e de colecionar fãs. Uma de suas interpretações como cantora foi registrada no filme “Transeunte”, dirigido por Eryk Rocha, sobre a vida de um aposentado que anda pelas ruas e bares da cidade do Rio e assim aprende a conviver com a perda e a solidão. No repertório de Neném predominam os boleros clássicos: “Gosto de samba pra dançar, pra cantar gosto é de seresta”. Ela conta que, na semana de sua estreia na Seresta do Museu, foi tomada por súbito impulso criativo e compôs sete canções originais, com melodia e letra, hoje eternizadas em dois cds autorais, gravados com o apoio do violonista e seresteiro Kleber Matos.

A carioca **Gilda Maria Santos Sodré** conheceu a Seresta do Museu, nos idos de 1995, em visita à instituição. Um sentimento de eternidade, um evento para sempre. Mora perto do Museu da República e afirma que a Seresta “é lazer, relaxamento, um evento muito bom para fazer novas amizades...”.





Ilka Cardoso Brazil completou cem anos e pode-se dizer: cem anos de música! Ela comenta, com encantadora serenidade: “Sempre gostei de música”. Aprendeu a tocar violão ainda menina, sozinha, dedicando-se por toda a vida, amadurecendo as próprias descobertas com aulas práticas, inclusive encontrando professores entre os seresteiros do Palácio. Carioca, morava com os pais e cinco irmãos em área de difícil acesso de Jacarepaguá, e ainda jovem, foi exemplo e incentivo para que os irmãos reconstruíssem a vida em bases melhor estruturadas. Formou-se e atuou como professora primária e servidora pública do Correios e Telégrafos e do Ministério da Marinha. Residia nos arredores do Museu da República quando, em 1994, nasceu o seu bisneto. O jardim do Museu tornou-se então um lugar recorrente de passeios e distração, paisagem e parque para o recém-nascido, e a boa surpresa de encontrar também a Seresta do Vivi: “Nunca mais parei de vir!”. Acompanha todas as serestas plantadas no jardim do Museu, e já foi a “fotógrafa oficial” dos eventos. Ao lado das seresteiras Marisete e Marlene, por longo período formou um grupo para apresentações em trio. Com saudade e reconhecimento, confessa: “Sinto imenso e especial carinho por Vivi”. Para Ilka, a Seresta é, acima de tudo, entretenimento e diversão. É também um modo de rememorar o lugar da música em sua vida, eternizando-o.



Iolanda Felippo De Luca nasceu na Calábria, Itália, sendo criada pela mãe, que perdeu aos sete anos de idade, e depois pela tia. Guarda a lembrança de um convívio familiar amoroso e feliz, e de considerar os primos como irmãos. O pai morava no Brasil, mas não o conheceu. Após a Segunda Guerra (1939-1945), com medo de um novo conflito mundial, a família decidiu rumar para o Brasil, onde viviam outros parentes. Iolanda tinha dezesseis anos. Desejosa de conduzir a própria vida, insistiu até compensar a falta de estudo formal com um curso de costura e moda. Durante cinco anos e ainda muito jovem, combinou a labuta na costura com todos os cuidados dispensados à avó enferma, enfrentando sozinha pesada rotina. Após o falecimento da matriarca, investiu a pequena parte recebida como herança em lhe proporcionar digno funeral. Sempre ocupada com as necessidades da família, conheceu o rapaz, com quem viria a se casar, durante a cerimônia de sepultamento de uma tia e com ele mudou-se para o Catete, em 1953, a partir dos anos 1960 passando a visitar o jardim do Palácio. Da janela de seu apartamento, olhava as serestas do Museu e perguntava a si mesma: “Que tal descer, Iolanda? O que você está fazendo na janela? Não é melhor descer?”. Um dia desceu. Era uma quarta-feira de seresta do Miguel, que se tornou um grande amigo. Passou a frequentar todas as serestas.



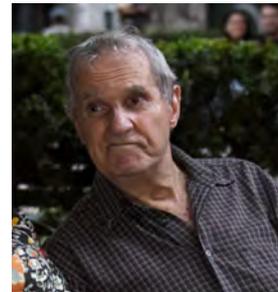
“Tenho visto só coisa boa na seresta. Tinha uma senhora aí que estava em um buraco danado, agora canta à beça”, diz **Iracema Martins**. Carioca, Iracema visitou o Palácio do Catete

pela primeira vez aos sete anos de idade, quando a sua mãe tentou e conseguiu com uma assistente do presidente Getúlio Vargas uma vaga em internato para ela e o irmão. Ela, porém, acabou por ficar sob os cuidados de um tio. Nos anos 1990, já adulta e trabalhando como funcionária pública no Ministério da Aviação, soube da Seresta do Vivi, no Montinho, por uma sobrinha, mas só a frequentou após o falecimento de seu ciumento marido. Para ela, a Seresta do Museu é um lugar, não apenas de música, mas para fazer amizades. No convívio com amigos seresteiros, passou a participar também de outros eventos musicais da cidade.

Iris Braga Machado nasceu na cidade do Rio de Janeiro e sempre morou nas vizinhanças do Palácio do Catete. Ele passeava no jardim do Palácio quando encontrou a Seresta do Vivi, passando a frequentá-la. Hoje, partilha na Seresta momentos especiais com Diva, sua companheira, que conheceu em um baile no Clube da Aeronáutica. Há catorze anos, participam juntos da Seresta do Museu.

Isabel Cunha Delfino é piauiense, da cidade de Amarante. Aos cinco anos, mudou-se para Teresina com a mãe, professora e dirigente escolar por quem Isabel demonstra imensa admiração e que hoje é lembrada, em um museu de sua cidade natal, por formar professores e escritores cidadãos de Amarante. Ao lado do exemplo como educadora, a mãe de Isabel dedicava-se ao teatro e ao bandolim, e a menina cresceu ouvindo música, ela própria depois integrando o coral de uma igreja local. Em 1954, aos vinte anos de idade, mudou-se para a casa dos avós, no Rio de Janeiro. Estudou contabilidade e trabalhou em banco, até que, incentivada pelo marido, ocupou-se exclusivamente dos cuidados e educação de sua filha, então com dois anos de idade. Desde 1974, Isabel mora na vizinhança do Museu da República, onde muitas vezes passeou com a filha e os netos. Recentemente, após uma vida de felicidade ao lado do marido, Isabel, com muita tristeza, conheceu a viuvez. Uma vizinha, sobrinha da seresteira Iracema, contou-lhe então sobre a Seresta do Museu. Isabel foi ao evento e hoje diz que a tristeza e a desesperança estão superadas. Sente-se bem na Seresta, entre amigos. Já se arrisca na cantoria e garante: “É tudo muito bom. A música é a coisa mais linda do mundo. Que continue sempre!”.

Israel Alves Corrêa mora nos arredores do Palácio do Catete. Natural de Caruaru, Pernambuco, em 2005, aos 41 anos de idade, lançou-se sozinho rumo ao Rio de Janeiro, para ele uma “Cidade Maravilhosa”. Trabalha com artesanato e produz mamulengos para o elenco de peças teatrais que apresenta no Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro. Passeando no jardim do Palácio do Catete, observava as serestas. Um dia pediu para cantar e se envolveu: “Isso aqui é uma terapia ocupacional. Num instante o tempo passa. Você renova a alma. Muito importante para a pessoa se distrair”.





Ivan Correia de Lima, ou Gogó de Ouro, nome artístico que adotou por sugestão de um grupo de fãs da Seresta do Museu, coleciona, no youtube, vídeos de apresentações próprias feitas em bares da cidade, no Forte de Copacabana, em shoppings e igrejas. Natural de Recife, mudou-se ainda criança, na década de 1940, para o Rio de Janeiro, quando o seu pai, envolvido com novo casamento, providenciou passagens de navio para que os sete filhos fossem morar em companhia da mãe. No Rio, instalaram-se primeiro no bairro de Acari, zona norte da cidade, e depois em São João de Meriti, na Baixada Fluminense, onde Gogó de Ouro mora até hoje. Quando em Recife, aos seis anos de idade já conhecia o batente, trabalhando na madrugada como entregador de pão. Mas o seu destino, ele diz, era a música. O pai tocava violão e com ele Gogó descobriu o prazer de cantar. A sua estreia foi no navio que o levou para território carioca, ainda criança, acompanhado por um conjunto regional. Tempos depois, com dezessete anos, cantaria no programa de calouros “Aí vem o pato”, da Rádio Nacional, e gaba-se de ter “tirado o trono” de muitos cantores. No programa de Ary Barroso, também se saiu bem, mas sem a sorte de cravar a nota máxima. Morando no Rio, cursou até o admissão e, jovem, iniciou vida profissional como pintor e laqueador. Aos dezoito anos ingressou no Exército e atuou junto às forças oficiais que se opunham à Campanha da Legalidade – mobilização civil e militar ocorrida após a renúncia de Jânio Quadros à Presidência da República, em 1961.⁶² De volta ao Rio, encontrou oportunidades de trabalho como cantor. Fez apresentações em vários espaços da cidade e gravou faixas de cds. Por sua trajetória musical, teve o seu nome registrado na Agenda “Vitoriosos”.⁶³ Entre os cantores que o inspiraram, Carlos Alberto, conhecido como o Rei do Bolero, teve Gogó de Ouro como artista de abertura em alguns de seus shows. Afirma ter um repertório de centenas de músicas. Conheceu a Seresta do Museu nos anos 2000, pelas mãos do violonista e cavaquinista Cezário, que conheceu nos caminhos musicais dessa vida. Era terça-feira e, ao ouvi-lo, Lourdes Ferraz falou: “Você não pode deixar de cantar”. “Aí passei a vir, né?”



Jair Mariani nasceu em Nova Estrela, Espírito Santo, mudando-se com o pai para Cachoeiro de Itapemirim, no mesmo estado. Lá, viveu a juventude e aprendeu a profissão de capoteiro, confeccionando e reformando estofamentos e revestimentos de carros. A certa altura, em 1940, considerou tentar a sorte em uma cidade maior, seguindo sozinho para o Rio

62 Liderada por Leonel Brizola, então governador do Rio Grande do Sul, a Campanha da Legalidade exigia a posse do vice-presidente João Goulart, contra uma articulação de rompimento da ordem jurídica que visava à convocação de novas eleições. (FERREIRA, 2016)

63 Trata-se da mesma Agenda em que Castanha foi mencionado, lançada em 2015, no marco do 450º aniversário da cidade do Rio de Janeiro.

de Janeiro, onde moravam alguns amigos. Logo se empregou como capoteiro, em oficinas onde passava as noites, até ser admitido em uma concessionária da Fábrica Nacional de Motores, com direito a moradia em local próximo. Na empresa, havia demandas para que Mariani fosse ao Palácio do Catete conversar com algumas autoridades políticas sobre serviços de capotagem em seus carros. Anos depois, voltaria ao Palácio, para conhecer a Seresta do Museu a convite do seresteiro Jotagê, colega de turma na Escola de Música Villa-Lobos. A sua primeira participação foi na seresta de Lourdes Ferraz, passando depois a frequentar também aos sábados. No evento, aproximou-se de Gabriel, que se tornou um parceiro de serestas na cidade. Desde criança, Jair gosta de cantar – “Eu nasci pensando em música, vivendo música” –, mas não era incentivado em casa. Mesmo assim, seguiu cantando, com participações no programa Caravana Musical, da Rádio Cachoeiro de Itapemirim. Hoje, a Seresta do Museu é parte especial do seu roteiro de cantorias.

João Pereira da Costa Filho, amazonense aventureiro, nascido na cidade de Manacapuru, foi criado em Manaus. Aos dezessete anos rodou o Brasil de carona com o irmão, dormindo em casas de estudantes e na rua. Após dois anos na estrada, fixaram residência na cidade do Rio. João estudou Direito, voltou para Manaus, casou, separou e retornou ao Rio de Janeiro. Trabalhou como corretor, vendedor e assessor de políticos. Mora nos arredores do Catete desde 1967, e criou o hábito de visitar jardins e parques públicos para ler, incluindo o jardim do Museu da República. Assim conheceu a Seresta, onde volta regularmente para passar o tempo. Observador, arrisca algumas impressões: “Além de assistir, os idosos participam das serestas, conhecem outras pessoas, trocam informações... Alguns até viajam juntos e se tornam amigos íntimos. Muitos desses idosos moram sozinhos e sinto que no dia que não tem seresta eles ficam desaperados. Creio que isso aqui salva um bocado de depressão”.

Jorge Mello é carioca, de São Cristóvão, centro do Rio. Com quatro anos perdeu o seu pai e aos onze começou a trabalhar com o tio na Feira de São Cristóvão. Aos catorze, empregou-se em uma fábrica de calçados e depois foi boy em um cartório. Acabou por prestar concurso para o Tribunal de Justiça, atuando como escrevente auxiliar e juramentado. Há 52 anos mora nos arredores do Museu da República, onde passeia com os filhos e a esposa, visitando exposições e outros eventos. Cantava em serestas no subúrbio do Rio, mas, após a morte da mãe, interrompeu a cantoria por mais de dez anos. Conheceu a Seresta do Vivi, no Montinho. Olhava e cantava baixinho, até que, incentivado a participar, voltou a cantar. Sua participação foi singular na Seresta do Museu por envolver o evento durante anos em ações beneficentes, realizadas no Museu e em casas de saúde e igrejas da cidade. Invariavelmente contava com a solidariedade



dos seresteiros do Palácio, e com apoio de figuras públicas. Assim, animada por Jorge, a Seresta foi, além de lazer, instrumento de solidariedade e de boas ações sociais na área da saúde, especialmente angariando recursos em apoio às crianças com câncer.



Jorge Miguel da Silva, ou Jorge Melodia, gosta da Seresta “pela coisa elementar, sem curso eletrônico, que reporta aos tempos das grandes serenatas”. Carioca de Higienópolis, bairro da zona norte do Rio, conhece o Museu da República desde a sua criação, em 1960, mas frequenta a Seresta do Museu desde março de 2019, por indicação de um amigo. A música entrou em sua vida no final da década de 1960, quando ainda cursava Direito na Universidade Gama Filho. Nessa época, acompanhava o programa de rádio “Os mais belos boleros para você e seus convidados”, inspirando-se para a composição dos próprios versos. Em 2007, recebeu a distinção de um certificado conferido pelo grupo Poetas del Mundo, sediado em Santiago do Chile. Jorge Melodia exerceu a advocacia até 2011, quando se aposentou. Tem se dedicado desde então exclusivamente à música, e hoje frequenta e se apresenta em vários espaços de seresta e samba, e integra o grupo musical Sambamba. Complementarmente, desenvolve trabalhos no campo da filosofia do envelhecimento, ministrando palestras dentro da temática do comportamento e da vida social do idoso.



José Adilson Werneck nasceu em Cataguases, Minas Gerais. Desde jovem vivenciou o meio musical como baterista. O seu primeiro contrato, aos vinte anos de idade, foi em turnê com Gregório Barrios. Depois, tocaria com outros grandes da música, como Cauby Peixoto, Zezé Gonzaga, Reginaldo Bessa e nas Orquestras Cuba Libre, Tabajara e do Mestre Cipó, participando também de várias gravações de jingles. Convidado para tocar em uma boate de Copacabana, estabeleceu-se na cidade do Rio. Estudou e dominou a leitura de partituras, o que lhe garantiu oportunidades em estúdio. Morava no Catete quando um de seus alunos pediu que o encontrasse no café do Museu da República, para ajudá-lo com uma partitura difícil. No Museu, acabou por também encontrar Kleber Matos, acompanhando Ditinha Viana ao violão. Ele conta que recebeu de Kleber a “ordem” de buscar o pandeiro em casa e voltar para tocar com eles, e que “ninguém em sã consciência se recusa a tocar com Kleber”! Assim, assumiu o pandeiro na seresta de Ditinha. Hoje, participa de quase todas as serestas do Museu, ausentando-se apenas quando algum trabalho o chama. Com os seresteiros Kleber e Clarice gravou cds e se apresentou em diferentes espaços da cidade.

Nascido em Piaçabuçu, Alagoas, **José Benedito de Alcântara**, conhecido como Bené, mudou-se para a cidade do Rio aos dezessete anos. Uma história de amor embalada por relações de poder e preconceito: sua mãe, Maria, lavadeira em fazenda da propriedade de uma família

rica de políticos alagoanos, envolveu-se com o filho do patrão, que não assumiu a paternidade de Bené. Tempos de muita dificuldade financeira atravessaram a vida de mãe e filho e, se ocorreram alguns gestos de caridade por parte da família de seu pai, eram sem continuidade e sem preocupação efetiva com renovar as oportunidades da vida de Bené, inclusive o compromisso de pagar os seus estudos não foi cumprido. Afinal, Bené encontrou o amor e o carinho de um pescador que o conhecia desde bebê, observando-o junto à sua mãe lavando roupas na beira do rio. Bené cresceu e o pescador insistiu por restabelecer relações entre ele e seu pai biológico, exigindo que procurasse o pai com frequência para pedir a sua benção, e levando-lhe peixes frescos de presente. Em alguma medida conseguiu sensibilizar a família, que passou a receber Bené em casa para almoçar e brincar com seus meio-irmãos. Depois, foi morar na cidade do Rio com a ajuda de vizinhos e alistou-se no Exército, firmando residência na Vila Militar. Tirou todos os seus documentos de identidade e a carteira de habilitação, o que lhe possibilitou trabalhar como motorista de caminhão e ônibus – no ofício, ficou famoso, pelo carinho dispensado aos passageiros e porque cantava durante os trajetos. Chegou a ser tema de reportagem do jornalista Tim Lopes e convidado a participar no programa de tv Domingão do Faustão. Por várias vezes, recebeu o prêmio de motorista modelo. Trabalhando e cantando na linha de ônibus Glória-Leblon, algumas passageiras o convidaram a conhecer a Seresta do Museu. Em Piaçabuçu, acordava todos os dias ouvindo o rádio de um bar em frente à sua casa; depois, frequentou o coral da igreja da cidade, chegando a acalantar o sonho de se tornar padre, mas foi desencorajado, por ser negro e filho de mãe solteira, em um ambiente social e político preconceituoso, moldado na desigualdade de direitos. Em 1995, foi ao Museu da República pela primeira vez e conheceu a seresta do Iderê. Afastou-se durante dez anos, por necessidade de trabalho, e retornou aposentado. Castanha havia substituído Iderê na condução da seresta. Hoje, sempre que pode, vai às serestas do Museu. É motorista autônomo em entregas de produtos alimentícios e desenvolve um trabalho social com músicos de rua, em parceria com o maestro Dudu Fagundes. É grato ao maestro por sua ajuda na produção das partituras de suas composições. Bené diz: “A música é um dom de Deus maravilhoso. Quando eu tô cantando, quero que as pessoas se sintam felizes; isso me traz também alegria e felicidade. Transmitindo alegria pra elas, às vezes to tirando elas de uma dificuldade na vida, e elas até esquecem dos problemas. Você sente a felicidade das pessoas no olhar, é uma coisa muito boa”.

O violonista **José Braz de Souza** é natural de Areia, cidade da Paraíba que teve o seu conjunto histórico e urbanístico tombado, em 2006, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Braz decidiu morar com o irmão no Rio de Janeiro nos anos 1970, em busca



de oportunidades de trabalho. Encontrou estabilidade profissional como taxista, porém, nas horas vagas, dedicava-se à música. Junto ao amigo e seresteiro Dalmo, seu vizinho em prédio no centro da cidade, participava de festas particulares e eventos de caridade. Nessas ocasiões, tocava violão e Dalmo cantava, e foi ele quem apresentou Braz à Seresta do Museu, logo correndo a notícia de que se tratava de um ótimo violonista. Os desdobramentos incluíram pequenos encontros musicais entre amigos no jardim do Palácio, e sua participação disputada em várias serestas.



José Geraldo Alves da Paz, conhecido como Jotagê, muito cedo acalentou o sonho de tocar violão. Pernambucano, de Recife, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro aos nove meses, estabelecendo-se em Nilópolis, na Baixada Fluminense. Trabalhou como *office boy*, dos doze aos dezessete anos, quando se apresentou para as obrigações militares. Comprou um violão, mas ouviu de um colega do quartel que nunca seria violonista por ser canhoto, o que o frustrou a ponto de se desfazer do instrumento. Muitos anos depois, ao ver Paul McCartney, também canhoto, tocando na TV, reconsiderou e comprou outro violão. Dessa vez, aprendeu a tocar e já possui um cd com canções autorais. Hoje, trabalha na Companhia de Docas do Rio de Janeiro, mas, paralelamente, dedica-se à música. Matriculou-se na Escola de Música Villa-Lobos por cinco anos e uma amiga que frequentava a Seresta do Museu falou sobre ele para Lourdinha Ferraz, que o convidou a tocar na seresta de terça-feira. Atualmente, Jotagê frequenta a Seresta do Museu também em outros dias da semana e diz: “É uma terapia, as pessoas chegam às vezes a agradecer por nós virmos aqui tocar e cantar”. Aproximou-se especialmente do seresteiro Gabriel, agradecido porque, ao contrário de outros instrumentistas, ele o acolheu sem disputar espaço na Seresta. Junto ao amigo, agora toca também em outros espaços da cidade.



José Souza de Paula, natural do Rio de Janeiro, não tem palavras para dizer da satisfação que sente em ver pessoas de idade cantando juntas, animadas, provando e partilhando felicidade. Morador do Catete desde os dez anos de idade, é vizinho e frequentador do Museu da República. Conheceu a Seresta do Vivi nos primórdios, no Montinho. Formou-se e atuou como advogado no serviço público estadual e como profissional autônomo, e a música sempre foi o seu maior entretenimento. Ele lembra, nos anos dourados da rádio no Brasil, de acompanhar várias programações, com interesse crescente. Aos setenta anos, aprendeu a tocar pandeiro, em sintonia com as primeiras influências da infância em Madureira, bairro da zona norte do Rio, lembrado como a terra do samba. Hoje, De Paula dedica-se inteiramente à música. Além de participar na Seresta do Museu, integra um grupo musical que se apresenta em asilos.

Justina Gomes da Silva, ou Tina Rosa, resume: “A Seresta é um lazer”. Natural da cidade

de Caxias, no Maranhão, Tina foi freira por muitos anos, mas, a certa altura, decidiu estudar Enfermagem em São Luís, formando-se e trabalhando no Hospital Geral do Maranhão. Viajou para o Rio de Janeiro de férias e se apaixonou pelo lugar. Em 1976, voltou para ficar. Aprovada em concurso para o município e para a Universidade Federal do Rio de Janeiro, atuou como enfermeira, dedicando-se paralelamente a uma segunda formação em Pedagogia. De música, sempre gostou. Cantava informalmente, no Maranhão, em clubes e rádios. No Rio, estava cantando em um clube quando conheceu a colega que lhe falou da Seresta do Museu. Foi conferir e em seguida convidada a gravar o seu primeiro cd, dedicado ao forró. Hoje, Tina Rosa contabiliza três cds gravados. Mora distante do Museu da República, em Lins de Vasconcelos, zona norte do Rio, mas frequenta regularmente a Seresta: “A gente conhece as pessoas, se diverte, revê os amigos”. Para Tina, a Seresta é também “uma maneira de todos reviverem um sonho que não foi realizado, o sonho de cantar”. E completa: “A Seresta renova a autoestima”.

Lídia Ferrão Gomes da Silva frequenta o Palácio do Catete desde que era a sede da Presidência da República. Carioca e moradora do bairro, quando adolescente estudou com o filho de um mordomo do Palácio, confidente de Getúlio Vargas. Para encontrá-lo, o acesso de Lídia ao jardim era autorizado. No dia da morte de Vargas, o seu amigo diria com convicção: “Acabaram de matar Getúlio”. Lídia frequenta serestas desde os doze anos. Na vila em que morava, as serestas contavam com a presença de Lupicínio Rodrigues, Orlando Silva e Nelson Gonçalves. Começou a participar da Seresta do Museu por volta de 1994. Não canta, mas adora dançar. As primeiras pessoas com quem estreitou contato foram Iderê e Rosário (que já não frequenta a Seresta). Lembra de perceber grupos apartados entre os seresteiros do Palácio e de procurar agir para agregá-los. Cedo, também, observou muita gente melancólica e deprimida na Seresta: “Nem todos vêm por conta da música”. Quanto a ela própria, afirma: “Eu venho por dois motivos: pra curtir e fazer amizades”.

Luiz Américo Rufino da Silva é artista plástico e adotou “Lucco” como nome artístico. Carioca, filho de nordestinos, vive no bairro do Catete há 65 anos. Frequenta o Museu da República desde que “ainda menino ia buscar manga no Catete com a mãe”. A música entrou em sua vida no período da ditadura pós golpe de 1964. Ele acompanhava os festivais da canção, entre 1965 e 1969, identificando-se com as canções de protesto e com músicos como Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil e João Gilberto. Frequentava o Beco das Garrafas⁶⁴ e inte-



64 Rua sem saída em Copacabana, que abrigou uma série de casas noturnas e que ganhou notoriedade nos anos 1950 e 1960.

grou o Movimento Tropicalista.⁶⁵ Conheceu a Seresta do Museu quando, surpreendido por um problema de coração, incorporou o hábito de se exercitar no jardim do Palácio. Diz que gosta mesmo é de dançar: “Sou o único que dança na seresta”. Percebe o Palácio do Catete como parte do “corredor cultural da cidade” e candidata-se a ser “o artista plástico do Museu”. Para ele: “A Seresta é um evento importantíssimo para todos, que deve crescer e ser incentivado”. Um evento que “é tudo, é terapia, é união para as pessoas que gostam de música”.



Luiz Paulo Leite nasceu no Rio de Janeiro e sempre morou no Catete. Frequentava o Palácio desde o segundo mandato presidencial de Getúlio Vargas, de quem se tornou amigo por frequentarem uma mesma pensão do bairro. Conta também que cantava com Vivi na frente do cinema do Museu da República, só eles dois, antes do início das serestas na instituição. À época, Luiz Paulo cantava em muitos lugares: no Tijuca Tênis Clube e no Clube da Aeronáutica, na Rádio Tupi e na Rádio Nacional, por exemplo. À Rádio Tupi, chegou acompanhando um amigo e inesperadamente foi chamado a cantar, de lá saindo com a conquista do primeiro lugar. Luiz Paulo também se lembra com carinho de apresentações feitas com o violonista Kleber Matos, que conheceu na Seresta do Museu. Ao lado da música, trabalhou no comércio e hoje atua como camelô, frequentando a Seresta do Museu mais assiduamente nos fins de semana. Percebe que o evento “significa muito pra muitas pessoas, que às vezes ficam em casa tristes, sozinhas, e que vêm pra seresta e encontram alguém, uma conhecida da mesma idade, que gosta de conversar. É muito bom, muito bacana”.



Manoel dos Santos, baiano da Ilha de Itaparica, tentou a sorte no Rio de Janeiro, em 1968, contando com a acolhida provisória de um amigo que morava na cidade. Empregou-se como vendedor na Casas da Banha e depois como taxista e pipoqueiro. Junto, tornou-se maratonista, colecionando medalhas como atleta. Fixou residência no Catete e, em fins dos anos 1990, o seu professor particular de violão recomendou que fosse ao Palácio do Catete, conhecer a seresta do Castanha. Manoel acatou a sugestão e hoje participa de todas as serestas do Museu e de outras mais. Para ele, serestar no Palácio alegra toda gente, “e pra quem canta é maravilhoso, uma grande terapia”!

Maria Alves Nascimento Mendes, conhecida como “Vilma”, nome também cogitado para ela quando nasceu, é natural de Pedro Alexandre, na Bahia. Por volta de 1968, após o fale-

65 O Movimento Tropicalista surge em meados dos anos 1960, reunindo artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Rogério Duprat, Tom Zé e Torquato Neto. Opondo-se à ideia de uma arte fundada em raízes puramente nacionais, propôs uma apropriação crítica da cultura internacional. (BASUALDO, 2007).

cimento de seus pais, morou no Rio de Janeiro com os tios e depois com suas primas (quando era encarregada de todas as obrigações da casa). Finalmente, morou em uma pensão com amigas. Saiu de lá para viver com o marido, com quem visitava o jardim do Museu da República, levando o filho para passear e assistindo de longe à Seresta do Vivi, no Montinho. Já conhecia Vivi, por frequentarem igrejas em comum, e, quando ficou viúva, o músico percebeu que Vilma estava muito triste e lhe disse: “Você não vai mais chorar, vou te levar nos eventos”. Depressiva, ela não queria sair de casa, mas acabou por ir com o amigo a eventos musicais em igrejas e outros. Depois, participou também dos passeios que Helen organizava. Na Seresta do Museu, conheceu o seu segundo marido, com quem viveu dez anos de felicidade, interrompidos bruscamente “quando a filha dele o levou para morar nos Estados Unidos”. Saudade e seresta são hoje palavras que se entrecruzam no mais íntimo sentimento de Vilma.

Para **Maria Antônia Bouzon Cruz**: “A Seresta do Museu é um paraíso. Todo mundo presta atenção em quem tá cantando, e canta junto.” Argentina, aos dois anos foi levada para a Espanha e aos oito para o Brasil, quando o pai acalentou o sonho de “fazer a América”.⁶⁶ Lembra-se que o Palácio do Catete ainda era “a residência de Getúlio Vargas” e todos os dias o presidente passava com seus guardas em frente à leiteria de seu pai, na rua do Catete. Depois, morou em outros bairros – Grajaú, Tijuca, Lagoa –, conhecendo a Seresta do Vivi, no coreto, durante passeio ao Museu da República. Hoje, aos sábados e domingos participa das serestas: “É sagrado”. Maria Antônia também frequenta uma casa para idosos em Botafogo, com tanto entretenimento que “quem conhece aquilo lá não quer mais morrer”. Poeta, com um livro publicado, ela também se dedica à pintura e impressiona no conhecimento da Astrologia. Domina o inglês e o espanhol e por isso conversa com turistas que visitam o Museu. Diz que ficam admirados com a Seresta, e que não há nada parecido em outra parte do mundo. Gosta quando interpreta “La vie en rose”, composta por Édith Piaf e Louis Guglielmi, e o público canta junto o “lararará”. Interpretando essa canção, já foi também premiada em evento no Hotel Ibis, em Copacabana. Porém, mais importante, ela diz, é a sua “paixão por gente”, e acrescenta: “O canto e a Astrologia me aproximam de todos”.

Maria Antônia Joselina estreou na Seresta do Museu cantando “Beijos Gelados”, gravada por Silvino. Natural de General Sampaio, no Ceará, foi registrada e criada em Sousa, na Paraíba. Aos treze anos, sofreu a violência de um sequestro que a afastou da família, condenando-a a



⁶⁶ Expressão que alude à forte imigração proveniente sobretudo da Europa e de alguns países asiáticos para a América Latina, em período que compreende desde os anos finais do século XIX aos primeiros anos da década de 1930. Sobre o assunto, ver FAUSTO, 1999.

passar longo período como cantora de um cabaré em Campina Grande. Conheceu um rapaz morador da rua, por quem se apaixonou e com quem teve dois filhos. Ele a ajudou a livrar-se do cabaré, mas a abandonou, fugindo com os filhos. Maria Antônia voltou para Sousa, onde viria a ter mais quatro filhos. Com a ajuda de freiras da cidade, viajou com sua prole para o Rio de Janeiro, já com emprego garantido no orfanato Lar Cantinho Feliz, em Vila Isabel, zona norte da cidade. Conheceu o Museu da República há cerca de dez anos, quando trabalhava na Glória, para uma senhora com quem costumava caminhar no jardim do Palácio do Catete. Sua primeira participação foi na seresta do Jorjão. Ela gosta muito das serestas e diz: “Dá pra explorar os neurônios da cabeça, porque na terceira idade endurece tudo. Aqui, dançamos e cantamos”. Faz questão de frisar que se sente uma pessoa muito feliz.



“Aqui é um lugar onde não entra bêbado, não entra adulto chutando bola”, disse **Maria Aparecida Oliveira**, que se mudou de Carangola, em Minas Gerais, para a cidade do Rio, com dezoito anos, contratada para tomar conta de uma menina órfã de mãe. Gostava de passear e dizia que conhecia mais o Rio do que as cariocas. Morando perto, sempre visitava o jardim do Museu da República e assim conheceu a Seresta do Vivi, no coreto. Conheceu também o seu esposo, e hoje eles são voluntários em eventos de Natal, todos os anos. Vestem-se de Mamãe e Papai Noel e visitam asilos e orfanatos, estendendo as programações ao jardim do Museu. Aparecida diz que cantava muito em Minas Gerais, mas, na Seresta do Museu, só aprecia. Enumera razões para frequentar o Palácio do Catete: “Gosto, pois moro perto e não vou para longe. Aqui tem muito idoso de cadeira de rodas, bengala, que já frequenta há anos, porque mora perto”; “É um lugar calmo, que não tem disse-me-disse. Se não gostar de um assunto você dá uma desculpa e sai de perto, que o espaço é grande e aberto”.



Maria Cecília Futscher Zamith é natural da cidade do Rio e cresceu sem abrir mão de serestar, cantando em festas e festivais. A música marcou profundamente as suas relações familiares e com os amigos, e foi pelas mãos de uma amiga que, em 2003, conheceu a Seresta do Museu, incorporando o evento à sua vida. Desde então, realizou dois shows solo no Cariocando, restaurante no Catete frequentado por muitos seresteiros do Palácio e que promove semanalmente uma noite de seresta. Em seus shows, Cecília foi acompanhada por músicos da casa, de grande profissionalismo e público cativo.

No curso do tempo, **Maria Del Carmen Sendom Ameijeiras**, a Mari, começou a ajudar Bia na organização de suas serestas, inclusive substituindo-a por um mês, em momento que ela precisou se ausentar por razões familiares. Mari nasceu em Compostela, na Espanha. Porém, quando a sua mãe ficou viúva, enfrentou muita dificuldade e acabou por aceitar que Mari fosse

para o Rio de Janeiro, morar com os avós, desfrutando melhores condições de vida. Mari era ainda criança e viajou de navio sozinha, entre estranhos, o coração apertado e a tristeza infinita de deixar para trás os familiares com quem até então vivia. O avô a esperou no cais do porto. Quando ele faleceu, Mari tinha onze anos, passou a morar com uma tia e ajudava a cuidar dos primos e na limpeza do apartamento. Certo dia, em 1968, durante uma festa típica promovida pelo Hospital Espanhol, conheceu Julio Ameijeiras Garcia e com ele se casou em 1971. Estabeleceram-se no Catete, onde vivem até hoje. Mari costumava levar a filha e depois os netos para passeios no jardim do Palácio. À época, observava de longe a Seresta, começando a frequentá-la efetivamente há cerca de quatro anos. Para ela, a seresta é uma “higiene mental”. Cuidadosa, gosta de se sentar um pouco afastada das rodas, “para poder conversar sem atrapalhar ninguém”.

Maria do Carmo Teixeira adora cantar. Nasceu na cidade de Regeneração, interior do Piauí, onde o seu pai “era a pessoa mais competente e boa de coração” e sua mãe “era um trovão”. Ela conta que morava em uma casa parecida com o Palácio do Catete, “sem os andares de cima”, mas que a família vivia com alguma dificuldade, porque o seu pai dividia o que tinha entre os cuidados de onze filhos e ajudas generalizadas a todos os necessitados da cidade. Desde muito jovem, Maria do Carmo gostava de dançar, e pequenina atuou em uma peça infantil, “roubando a cena”. Após o falecimento de seu pai, há cerca de vinte anos, mudou-se com amigos da família para a cidade do Rio, morando em Botafogo, zona sul da cidade, e trabalhando em um cartório. Casada, fixou residência nas proximidades do Museu da República e, quando se aposentou, ao final dos anos 1990, deu início a um curso de teatro, deixando ver que para ela a arte não era apenas brincadeira de criança. Participou de algumas peças, realizando o sonho de interpretar uma cigana, na ópera Carmen. Depois ingressou na UERJ, em curso de declamação, e soube do encontro de canto e poesia que a arteterapeuta Aristô Carvalho promovia no McDonald’s do Catete. No evento, conheceu alguns seresteiros do Palácio e, através deles, a Seresta do Museu. Pensou: “Se sou boa para declamar, talvez seja boa também para cantar”. Assim, pôs-se a cantar nas serestas do Castanha. Lembra que, de início, houve quem zombasse dela, mas persistiu, embora nervosa, porque havia também quem a apoiasse. Hoje, Maria do Carmo faz aulas de canto e associa a Seresta do Museu a uma experiência que mistura “lazer, autoestima e crescimento espiritual”.

Maria do Socorro Nunes Maranhão é natural de Recife, Pernambuco, e foi criada pela avó. Nos anos 1970, viajou sozinha para o Rio de Janeiro, a passeio, e ao chegar à cidade encontrou na lista telefônica o contato de uma tia. O seu primo lhe falou de uma vaga no Instituto



Militar de Engenharia-IME e Socorro candidatou-se. Ao chegar para a entrevista, ela observou um quadro na parede com os dizeres: “Curso de Pós-Graduação em Engenharia Nuclear”. Um coronel a recebeu e, ao toque de um telefone, solicitou que ela atendesse. Socorro não titubeou. Pegou o telefone e disse: “Seção de Energia Nuclear, boa tarde”! Assim foi contratada. Ela sentia saudade de sua terra natal e de sua família, mas fez novo teste profissional e durante dezesseis anos trabalhou na Nuclebrás. No IME, conheceu o pai de sua filha, mas a educou sozinha, com dificuldades, chegando a desistir do emprego e voltando para Recife. Retornou ao Rio, para proporcionar à filha a oportunidade de viver perto de seu pai. A essa altura, Socorro improvisava o sustento com trabalhos incertos de venda de roupas e outros artigos. Dedicada, lutou para que a filha tivesse boa formação escolar, cursando o CAP da Lagoa. Hoje a menina é médica e mora na Austrália. Para Socorro, a Seresta do Museu ajuda a suprir o vazio dessa distância. Conheceu a Seresta do Vivi, no Montinho, convidada por Marlene, falecida colega de trabalho da Nuclebrás: “Uma mulher muito fina, um pilar nas serestas”. Socorro lembra de sofrer com baixa autoestima, “por conta de todos os pesares da vida”, o que atrapalhou as suas primeiras performances cantando em público. A Seresta se tornou uma família para ela. Mora em Copacabana e nos dias de seresta desloca-se para o Catete. Entre os seus xodós, adora a “doçura da Bia” e lembra de Adão com admiração: “Se você não soubesse o tom da música, ele descobria”.



Maria Emília Alexandre Käpsell já fez uma apresentação solo no restaurante Cariocando, acompanhada pelos músicos da casa e com participação especial e querida de seu filho Alexandre, na percussão. Se o filho participa de suas vivências musicais, foi o seu pai, pianista e violonista, quem ensinou Emília a cantar. Durante anos, cantaram em casa, clubes e igrejas e quando ele partiu, em 1985, levou um pouco dela mesma e do seu cantar. Anos depois, em 2007, morando no Catete, conheceu a Seresta do Museu. Emília superou o bloqueio e a timidez, cantando e arriscando-se no tantã. O filho, por muitos anos, a acompanhou no violão. Juntos fizeram muitos amigos no Museu, entre eles a seresteira Marisete, que os levou ao Cariocando pela primeira vez. No restaurante, Emília conheceu Sandra Monteiro e formou com ela o “Mosai-cos”, seu primeiro grupo musical. Hoje, as duas integram o “Tom sobre Tom”, com outras dez componentes, apresentando-se em diversos espaços da cidade.



Uma experiência de superação, a Seresta do Museu foi essencial para que **Maria Emília Parreira** desse a volta por cima, após o falecimento de seu marido, em 2013. À época, Maria Emília não tinha muitas ocupações e já estava à beira de uma “pequena depressão”. Nascida em Açores, Portugal, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1975, para se casar com um conterrâneo que conhecera anos antes e que morava com a família em território carioca. Logo estabeleceram

residência no Catete e conheceram o Museu da República. Ela observava a Seresta do Vivi, nos primórdios, embora não frequentasse, porque o marido não gostava. E foi na Seresta que Maria Emília encontrou novo sentido para seguir a vida sem o parceiro. Tornou-se assídua, descobrindo que não só ela fora tocada pela fada-Seresta: “A maioria [na Seresta do Museu] são pessoas da terceira idade. Cansei de ver senhoras chegarem de cadeira de rodas, e aí começa a música e elas levantam, com a ajuda das pessoas que estão ao lado”.

Maria Helena Merlo Franco nasceu em Passo Fundo, no Rio Grande do Sul. Os seus pais não tinham boa situação financeira, mas eram muito carinhosos com as três filhas. Casou-se aos 22 anos e logo se mudou com o marido para Porto Alegre. Nova mudança ocorreria em 1986, quando ele passou em concurso para a Rede Ferroviária Federal, no Rio de Janeiro. A sua filha mais velha adora o Rio. Casou-se e tem um estúdio de pilates no Humaitá, zona sul carioca. A segunda filha não gosta da cidade. Casou-se e mora na Inglaterra, onde atua como professora universitária de jovens especiais. Ao se aposentar, o marido de Maria Helena comprou um sítio em Itaboraí, na Região Metropolitana do Rio, e lá moraram por dezenove anos até o susto de encontrá-lo sem vida, após súbito infarto. Maria Helena voltou então para o apartamento em que morara na cidade do Rio, desolada com o falecimento do marido e sentindo-se sozinha em uma cidade que nunca aprendeu a amar. Planejou voltar para o Sul, aceitando o convite de uma sobrinha. Mais uma vez, porém, a tristeza de uma perda repentina e imprevista: a sobrinha faleceu e Maria Helena decidiu por permanecer no Rio, com o apoio de um trabalho terapêutico. Conheceu a Seresta do Museu em passeio pelo jardim do Palácio do Catete, a convite de uma vizinha. Gostou da Seresta e costuma participar, embora não seja assídua.

Maria Isabel de Castro Menezes está convencida de que a Seresta do Museu é uma benção para todos, “uma coisa maravilhosa, organizada pelas próprias pessoas”. Carioca, brinca que sua família “veio junto de Estácio de Sá fundar o Rio”. Mora no Flamengo e sempre achou o Museu da República muito bonito, mas demorou a decidir visitá-lo. Em certa ocasião, enfrentando uma crise de depressão, soube da Seresta do Museu por uma amiga. Imaginou um lugar triste, com pessoas cantando, mas sem viço para a vida, como que assistindo o tempo passar e acabar. Muito depois, há cerca de quatro anos, finalmente Isabel foi à Seresta e se encantou. Ela conta que usava calmantes e que isso a deixou muito nervosa em sua estreia. No curso da Seresta, porém, superou o nervosismo. Hoje, além de dar aulas de inglês, Isabel faz aulas de canto e pensa em ser cantora um dia. “Não uma cantora famosa”, mas uma cantora madura para trabalhos musicais em bares e restaurantes. Acredita que “muitas pessoas que gostam de cantar, perdem a inibição na Seresta, e conseguem cantar, fazer o que querem fazer”.





Maria Madalena Tanus Abnader, sobrinha querida do seresteiro Miguel e amazonense como o tio, mudou-se de Manaus para o Rio de Janeiro na década de 1950, residindo com a família no Flamengo, bairro próximo ao Catete. Conheceu a Seresta do Museu durante passeio ao Palácio do Catete com sua irmã, Georgette. Era um domingo de Seresta do Vivi no coreto. As duas foram abordadas pela seresteira Marlene e tornaram-se cantoras assíduas. Georgette enfrentou problemas de saúde até o último esmorecer, em 2015. Hoje, é Madalena quem representa a bonita família seresteira, participando de todas as serestas. Para ela “a música é tudo”. Cultivou o prazer de cantar ouvindo o irmão ao violão, em Manaus, porém, encontra agora muito mais que prazer na música: “A Seresta é muito útil na vida da gente, é um lazer e você esquece tudo, se tá doente, se não tá, sei lá, uma calma de espírito, calma e tranquilidade”. Após o falecimento de Miguel, em fevereiro de 2019, Madalena mergulhou em profunda tristeza: ele era mais que um parente e parceiro na seresta; era o tio que amava e que não a deixava sentir-se só nesse mundo. Agora, a Seresta do Museu tornava-se também o lugar mais expressivo da sua saudade.



Maria Tereza Almeida Braga Speranza nasceu em Campos dos Goytacazes. Mudou-se para a cidade do Rio aos oito anos, morando no Catete e depois na Glória, bairro próximo. Sua filha, Bianca Almeida Braga Speranza, conta que a mãe combinava compromisso, sensibilidade e delicadeza em tudo. Quando se aposentou, deu vazão plena à sua veia artística, dedicando-se especialmente ao artesanato, ao canto coral e à poesia, tendo lançado, no Palácio do Catete, o livro de poemas “Doce Encontro da Vida”. Fez diversas figurações, em programas de TV, novelas, minisséries e filmes, e também anúncios. Começou a cantar na Seresta do Vivi por volta de 1995, no Montinho. Porém, um problema de saúde a levou em julho de 2008, deixando na comunidade do Catete a lembrança de uma mulher que viveu em festa, e que se vestia de Papai Noel nos Natais, distribuindo bombons a todos do bairro.



Desde criança, **Mario Pereira da Silva** cantava com o seu pai. Nasceu em Salvador da Bahia e viajou adulto para o Rio de Janeiro: “Para conhecer a cidade e, quem sabe, procurar trabalho”. Encontrou oportunidades no comércio, mas nunca negou convite para uma boa seresta. Ao lado de amigos seresteiros, começou a participar da Seresta do Museu. Para ele, o evento “representa tudo. Terapia, paz e união entre as pessoas”. Conheceu a seresteira Gercina, em uma programação musical na Praça Tiradentes, e há nove anos é seu vizinho e inquilino, no bairro de Santa Teresa, zona central do Rio.

Marisete de Castro Arcuri mudou-se com o marido para uma rua vizinha ao Palácio do Catete, em meados de 1990. Passando pela instituição, ouviu a cantoria de Vivi, no Monti-

nho. Desde então, entrou para o grupo de seresteiros do Palácio. Natural de Teresina, Piauí, aos 22 anos, formada professora, com muita insistência convenceu sua mãe a morar no Rio, junto aos irmãos que viviam na cidade. Porém, um deles sofreu um assalto com fatalidade e as duas retornaram para o Piauí. Muitas lágrimas depois, convenceria sua mãe novamente a fixar residência no Rio. Dessa vez, obteve bom emprego na Companhia Telefônica Brasileira e depois no Ministério da Aeronáutica. Em 2018, já viúva há alguns anos, presenciou a estreia do seresteiro Fernando no Museu. Apaixonaram-se.

Neusa Helena Lessa Dutra participa da Seresta do Museu especialmente nos fins de semana, mas nem sempre consegue conciliar com outros compromissos, sobretudo em função de sua prática espiritual. Nasceu em Visconde de Imbé, no município fluminense de Trajano de Moraes. Após o falecimento de seu pai, mudou-se com a mãe para Friburgo, na Região Serrana, e, nos anos 1970, passou a morar com sua madrinha na cidade do Rio, perto do Museu da República. Começou a frequentar alguns eventos promovidos no Museu, e conheceu a Seresta do Vivi, no Montinho. Ela diz: “A Seresta é um ponto de encontro. A maioria das pessoas que vêm não têm pra onde ir. E aqui no Museu tá tudo cercado, tudo bem organizado. Você aqui dentro não precisa ter medo de nada. Nunca mais parei de vir”.

Nicola Floriano Neto esteve no Palácio do Catete servindo ao Exército, em 1952. Ocupava-se da segurança local, em giros pelo jardim. Ele conta que certo dia teve oportunidade de perguntar pessoalmente a Getúlio Vargas o que o presidente sentiu quando o Uruguai venceu o Brasil por 2 x 1, na Copa do Mundo de 1950. “Senti o que todo o povo brasileiro sentiu”, disse Vargas, acrescentando: “Fosse eu o presidente na época, prendia o juiz safado”. Nicola gostou do que ouviu, convencido de que o Uruguai vencera aquela final “baixando o sarrafo” nos jogadores brasileiros. Para Nicola, natural de Pau Grande, Magé, terra do Garrincha, futebol tem que ser jogado, driblado, coisa de craques, não de brutamontes. No ano seguinte, voltaria ao Palácio, convidado pelo cantor Jorge Veiga, seu vizinho no bairro de Cachambi, zona norte da cidade. Nicola soube então que Vargas promovia regularmente eventos musicais no local, com estrelas da Rádio Nacional. Hoje, ele próprio canta em outros eventos seresteiros, reconhecendo-se como “um cantor amador”. Conheceu a Seresta do Museu pelas mãos do amigo e seresteiro Ney e a frequenta com a filha e a esposa. Para toda a família “são momentos de terapia”.

Oswaldo Pereira mora em Lins de Vasconcelos, zona norte carioca, mas nasceu e foi criado no Morro da Formiga, na Muda, região da Grande Tijuca. Conheceu a Seresta do Museu por meio de amigos, com quem toca em outras rodas da cidade. Quando criança, gostava de ir à casa de um vizinho ouvir rádio. A única condição era não fazer barulho e então ficava bem



quieto, ouvindo os programas e músicas. Muitos moradores do Morro da Formiga distinguiam-se no bongô, e Oswaldo logo se encantou com o instrumento. Adquiriu um e se aperfeiçoou, passando a tocar em missas e bailes, junto ao seu irmão clarinetista, e depois em serestas e rodas em geral. Oswaldo trabalha como ascensorista no Hospital da Ordem Terceira do Carmo, mas segue tocando bongô e percussão, em missas e vários eventos da cidade. A Seresta do Museu é um lugar, ele diz, em que se tem “muita alegria” e que faz questão de divulgar por onde se apresenta. “O ambiente do Museu é muito bom, ajuda muito”.



Para **Regina Moraes do Souto**, a Seresta do Museu “é uma verdadeira terapia”. Natural do Mato Grosso do Sul, Regina nasceu na unidade do Exército de Aquidauana, em que seu pai, militar, servia. Ele estava em campanha contra a Coluna Prestes⁶⁷, quando Regina veio ao mundo. Aos quatro anos de idade, mudou-se com a família para uma casa em Nilópolis, na Baixada Fluminense, conseguida pelo compadre de seu pai. O compadre, amigo e frequentador de sua casa, seria preso pelas forças policiais de Getúlio Vargas, acusado de comunista. Junto e sem qualquer fundamentação, prenderam o pai de Regina que, depois, acabou por ser absolvido e reintegrado ao Exército. Aquele tempo de radicalização, irracionalidade e autoritarismo afetaria ainda mais tragicamente o seu tio, policial que tirou a própria vida. No descompasso da política, eram a música e a dança, serestas e festas, que alegravam Regina. Começou a frequentar a Seresta do Museu, em 1992, a convite da amiga Luz Marcela, moradora do Catete e assistente social no Juizado de Menores em que Regina trabalhava como Comissária de Menores. A sua mãe estava então muito doente, e participar da Seresta do Vivi, no Montinho, tornou-se a distração de Regina aos domingos. Até hoje ela aprecia muito a Seresta, cantarolando baixinho todas as músicas.



Rogério Corrêa da Silva cedo se envolveu com a música, cultivando o prazer de cantar entre amigos, em serestas e festivais. As suas lembranças seresteiras mais saudosas remetem aos primeiros encontros de canto e poesia organizados no Instituto de Arquitetos do Brasil pela arteterapeuta Aristô Carvalho e às serestas promovidas à época da criação do Museu da Seresta e da Serenata, em Conservatória. Rogério guarda com apreço alguns registros de sua trajetória musical, que incluem dois álbuns repletos de homenagens recebidas como cantor seresteiro e também a conquista do 1º lugar no V Festival de Serestas Sílvio Caldas (Conservatória, 2002). Carioca, conheceu a Seresta do Museu em meados de 1991, através de um amigo. No início, era

67 Resumidamente, um movimento articulado a partir de insurreições tenentistas que instaurou uma campanha móvel, entre 1924 e 1927, em defesa de reformas sociais e econômicas redistributivas, percorrendo mais de 25 mil quilômetros pelos sertões do Brasil sob a liderança de Luís Carlos Prestes. (PRESTES, 1995).

Vivi, no Montinho, aos domingos; depois viu nascer e crescer oito serestas no jardim do Palácio.

Rubens Paulo é natural de Casimiro de Abreu, no estado do Rio. Ainda criança, perdeu o pai, que o havia presenteado com o seu primeiro bandolim. Em 1951, viajou para a cidade do Rio com uma amiga da família, na intenção de pedir emprego ao presidente Getúlio Vargas. Antes, porém, encontrou oportunidades no ramo da construção civil, o que lhe permitiu custear estudos em escolas de música. Em 1965, tornou-se membro do Sindicato dos Músicos Profissionais do Rio de Janeiro. Atuou como professor de saxofone e como operador de programação da Rádio Rio de Janeiro. A essa altura, tocava vários instrumentos de corda e sopro, mas foi o ofício de produção de partituras, segundo ele, que lhe abriu horizontes de trabalho ao lado de artistas renomados. Castanha também recorreu aos seus serviços de notação musical, em seguida convidando-o a conhecer a Seresta do Museu. Rubinho participa do evento desde 2012 e, para ele, a pessoa que vai à Seresta do Museu “naquele momento, ali, está fazendo uma terapia”. Ao lado da produção de partituras, Rubinho dedica-se também à produção de cds.

Ruy Pinto é poeta e escritor, “além de seresteiro, cantor e compositor”. Certo dia, no início dos anos 1990, cantava perto da Seresta do Vivi e o cavaquinista falou: “Cantar aí é fácil, vem cantar aqui”. Ruy aceitou o desafio e não mais deixou de participar. Natural de Aracaju, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1964. Morador do Catete, levava o filho ao jardim do Palácio. Depois, levou também a mãe, quando então conheceu a Seresta. Hoje, só não vai às serestas quando está viajando ou cuidando do neto. Coleciona homenagens e prêmios na área literária, inclusive internacional, tendo ganho concursos de quadrinhas e o título de Embaixador da Academia Francesa (recebido em cerimônia no hotel Copacabana Palace). Fez jus também aos prêmios Carlos Drummond de Andrade e Pablo Neruda, este por livro publicado no Chile. Para Ruy, a Seresta do Museu “é um refúgio ao qual a pessoa se habitua a ir nos fins de semana, para ouvir as músicas da sua vida, que dizem alguma coisa para ela: a música é uma terapia”.

Sérgio Pessanha Paulo conheceu a Seresta do Museu há cerca de três anos. De passagem pelo bairro do Catete, a trabalho, casualmente entrou no Museu da República, percebendo a movimentação da Seresta. Reconheceu colegas entre os instrumentistas e, desejando novos contatos no meio musical, passou a frequentar o evento. Serginho nasceu em Campos, no estado do Rio, e conta que veio para a cidade em busca de trabalho, “na cara e na coragem”. Atua como autônomo, em aplicações de papel de parede, piso emborrachado e piso de madeira. Sempre tocou em bandas, reconhecendo-se como músico *freelancer*. Crê que a dificuldade de se consolidar na carreira de músico tem relação com o fato de tocar de ouvido, quando a profissão é mais promissora para quem lê partitura. A partir da Seresta do Museu, passou a tocar também em



outros eventos. Para Serginho, a Seresta do Museu é uma oportunidade: “O músico precisa ser visto, para ser lembrado”. É também uma distração para todos os participantes idosos: “Tocar para eles faz muito bem. Antes de começar, já estão todos sentados ali me esperando”.

Sidney Vieira da Cunha é violonista e tem longa estrada em rodas de serestas. Há cerca de dez anos, ouviu de uma amiga moradora do Catete: “Por que você não vai à Seresta do Museu”? Ele foi e passou a frequentá-la aos sábados à tarde. Ney, como gosta de ser chamado, nasceu na cidade do Rio, em família de músicos. Filho de seresteiro e primo de Guilherme de Brito, parceiro de Nelson Cavaquinho, hoje Ney é considerado o seresteiro mais antigo de Conservatória. Algumas de suas mais de oitenta canções receberam placas na cidade e gravações em cd. Uma delas, “Minha morada”, composta em parceria com Juarez de Brito, foi trilha de documentário produzido por uma tv alemã. Ney integrou o jurado do XIV Festival de Seresta Chiquinha Gonzaga (RJ, 2015) e do I Festival de Seresta Silvio Caldas (Conservatória, 1998). Participou do show celebrativo do Centenário de Francisco Alves (Miguel Pereira, 1998) e do “Chá das Chiques” (RJ, Teatro dos 4) – série com cantoras de rádio idealizada por Miguel Falabella. Apresentou-se nas Rádios Nacional, Metropolitana e Imprensa FM. Recebeu da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro uma Menção de Congratulações e Aplausos, pelos serviços prestados à Música Popular Brasileira e às serestas.



A carioca **Solange Ferreira Martinho** foi vizinha e muito amiga da seresteira Maria Tereza. Por alguns anos morou em Itaipava, região serrana do Rio, onde lecionou na mesma escola em que estudou. Para ela, a arte é um modo de viver. Teatro, pintura, poesia e literatura preenchem cada um de seus dias e já deixaram em sua vida o legado de várias participações em peças, declamações, sete livros de poesia publicados e a criação de telas, inclusive premiadas. Ela também canta e compõe, possuindo três cds com interpretações próprias. Começou a frequentar a Seresta do Museu em meados de 1990, a convite de Maria Tereza, afastando-se logo que a amiga faleceu, em 2008. Entre as suas lembranças, guarda a certeza de que “a Seresta dá entusiasmo e vontade de viver. As pessoas deprimidas tiram o coração da sofrência”.



Valdelice Santana Alves, conhecida como **Alice**, por anos não teve ambiente para cantar, dançar e expressar sentimentos com liberdade. Hoje, garante: “Tudo que me dava vontade de fazer, agora eu tenho feito. Que beleza!”. Nascida na cidade mineira de Teotônio, gostava de passear no Rio de Janeiro porque era recebida por uma tia “liberal”, que permitia que ela fosse a um coreto em Madureira ouvir música e dançar. Amava festas de carnaval e juninas, mas os pais e depois o marido reprimiam qualquer impulso nessa direção. Quando jovem, ouvia música em um aparelho de rádio apelidado de Rabo Quente, porque esquentava, necessitando ficar



desligado por algum tempo até voltar a funcionar. Não podia cantar em casa, para não incomodar os vizinhos. Por isso, nas horas de faxina, encontrava um momento para se trancar em seu quarto e cantar baixinho, simulando o microfone com a vassoura. Casou-se aos dezoito anos e só passeava com o marido, de quem obteve a custo autorização para trabalhar em um berçário, como ajudante de enfermagem. Uma vizinha a apoiava, ficando com os seus filhos no horário do trabalho. Passados 38 anos de casada, Alice enfrentou a viuvez com desespero, sentindo-se muito só. Perturbada, via a imagem de seu marido em todos os lugares. Após dois anos, em 2004, uma amiga a levou para conhecer a Seresta do Museu. O primeiro contato foi na seresta do Castanha. Incentivada a cantar, com timidez, arriscou “Se acaso você chegasse”, de Lupicínio Rodrigues e Felisberto Martins. “Era o meu sonho. Realizei e tô realizando, com a graça de Deus, o meu sonho. Vir para o Palácio cantar. Aquelas tristezas, todas passaram, agora eu canto, eu danço.”. Canta e dança agora em diversos lugares, mas sempre volta à Seresta do Museu que, para ela, “representa muita alegria”!

O carioca **Valdir Pereira**, técnico de administração na Eletrobrás, frequentava a Seresta ao fim do trabalho, para assistir. Depois tomou coragem e começou a cantar. Morou por 37 anos com a esposa nos arredores do Museu da República e chegavam a brigar por ele querer ir regularmente à Seresta. Em 2018, Valdir ficou viúvo, mudou-se para mais distante, na zona norte carioca, mas segue com a rotina da Seresta do Museu, cada vez mais à vontade e com mais vontade. Ele conta que compôs quatro músicas, gravadas em LPs mistos, respectivamente por Tony Batista, Gilmax, Delamario e Luiz Augusto.

O carioca **Waldir Domingues Lopes** sempre morou perto do Palácio do Catete e lembra-se de ver, aos cinco anos, a movimentação do dia após o falecimento de Getúlio Vargas, com cavalarias e pessoas agitadas cruzando a rua do Catete. Aos cinquenta anos, perdeu a visão, em consequência de complicações do diabetes. Começou então a fazer teatro, no Instituto Benjamin Constant, e um curso de dança de salão; antes, trabalhava como motorista e guia turístico. Por volta de 2004, a sua mãe, que já frequentava a Seresta do Museu, convidou-o. Hoje, Waldir toca chocalho na Seresta, instrumento que aprendeu de ouvido participando do evento. Orgulha-se de integrar o grupo Anjos de Visão, promotor de campanhas de prevenção de doenças que possam levar à perda da visão, e dedica-se à causa dos direitos dos portadores de deficiência visual, participando em entrevistas e programas de TV. Para Waldir, a Seresta do Museu é uma “atividade excelente”, que o inspirou a começar a compor. “Quantas senhoras estariam em suas casas, deprimidas, e hoje estão aqui se divertindo”, ele diz, “é um lugar que tem segurança e as pessoas se divertem. Podem vir tranquilas porque sabem que não têm nada de bebida. Isso



aqui é excelente, não pode faltar”. Observa que, na Seresta, a música é um elemento de inclusão: “Tem senhoras de cadeiras de roda. Pra mim, essa inclusão é importante, pras pessoas me conhecerem, saberem que sou diferente, mas que essa diferença não perturba em nada. Quero me incluir, e que as pessoas saibam como agir comigo.”

O carioca **Waldyr Lima**, conhecido como Filé, foi velejador, conhecendo todo o Brasil e boa parte do mundo. Mora perto do Museu da República e desde que se aposentou frequenta, de terça-feira a domingo, as serestas realizadas na instituição. Para ele, a Seresta é um passatempo: “Uns gostam de cantar, eu gosto de ouvir”. Cooperativo, sempre ajuda na organização das cadeiras das serestas.

Wanda Maria Euzebio Domingos nasceu em Ubá, Minas Gerais, mas bem pequena viajou com a família para a cidade do Rio. Conheceu o Museu da República quando trabalhou como doméstica, no Catete. No caminho para o trabalho, “olhava o Museu”. Depois, passou a visitar a instituição, percebendo que havia alguma cantoria. Gosta muito de cantar, e só trabalha ouvindo rádio. Começou a assistir às serestas, fora da roda principal, sentada em um banco do jardim. Cantava baixinho, até que, há cerca de três anos, Lourdes Ferraz lhe disse “Nossa, você conhece todas as músicas, vem cantar na seresta”! Foi o marco zero de Wanda na Seresta do Museu. Para ela: “É uma distração. As pessoas fazem amizades, é um lazer. A gente conversa, a gente brinca... e o Museu é um lugar seguro”.

A carioca **Yole Martins Grillo** nasceu embalada na boa música. Filha de Roberto Martins, que, em parceria com artistas do calibre de Mário Rossi, Wilson Batista e Mario Lago, compôs marchinhas e canções inesquecíveis como “O cordão do puxa-saco”, “Cai, cai”, “Renúncia”, “Dá-me tuas mãos”, “Você conhece o pedreiro Waldemar?”, “Bodas de Prata”, “Favela” e muitas mais. Quando seu pai faleceu, em 1992, Vivi, que era seu admirador, decidiu fazer-lhe uma homenagem, e Yole foi avisada do projeto por amigos frequentadores da Seresta. Ela participou do evento, emocionou-se e só não o frequentou imediatamente porque o marido não se animava. Desde a viuvez, porém, frequenta várias serestas do Museu, e sua marca pessoal é interpretar as canções de seu pai.

Desde criança, a maranhense, de São Luiz, **Yone de Freitas Souza** descobriu na poesia um modo de traduzir os acontecimentos e sentimentos do mundo. Assim, o seu primeiro livro de poemas, lançado em 2007, foi o fruto esperado e desejado de toda uma vida de poeta. Quando o assunto é poesia, o currículo de Yone é extenso: regularmente, participa de grupos e eventos nessa área, tendo sido agraciada, nacional e internacionalmente, com troféus, medalhas, menções de honra e a publicação de seus poemas em antologias. O seu próximo livro está



praticamente no prelo. Yone mudou-se para o Rio de Janeiro em 1950, em virtude da transferência de trabalho do marido, e por muitos anos atuou como professora na Sociedade Pestalozzi, instituição de educação e assistência a crianças e jovens portadores de necessidades especiais. Porém, a poesia era o seu fazer privilegiado, em família e entre amigos e, junto, a música. Sua mãe a apelidou de “Minha Patativa” e a própria Yone diz: “Acho que quando nasci, eu não chorei, eu cantei!”. A filha, Sheila de Freitas Souza, também poetisa, formou-se musicista. Em 1965, a família se mudou para o Catete e conheceu o Museu da República. O primeiro contato seresteiro de Yone foi na Seresta do Vivi, no Montinho. À época, só assistia, muito tímida. Certo dia, porém, na seresta do Castanha, foi desafiada a cantar e se apresentou. Desde então, canta em todas as serestas do Museu e alhures, procurando “fazer da vida forte melodia”. Compositora, gravou um cd autoral e tem canções cotadas para cds de amigos. Yone diz que canta porque gosta de cantar e que a seresta é um lugar em que os participantes se expressam e fazem o que gostam de fazer. “Não há concorrência e cada um simplesmente canta dando o melhor de si. É lazer, descontração, que cria laços. A gente sente falta de quem não vem. É aquele abraço de ternura, de amizade”.



As fotos dessa sessão são detalhes de fotos de Mailson Santana, Flavio Cavalcante e acervo privado dos seresteiros.

Referências citadas

- A RAINHA DA VOZ:** Dalva de Oliveira. Caixa de CDs com encarte. Produção e texto de Hermínio Bello de Carvalho. Pesquisa de Paulo César de Andrade, 1997.
- ALBERTI,** Verena. *Manual de História Oral*. 3. ed. RJ: Ed. FGV, 2013.
- BASUALDO,** Carlos (Org.). *Tropicália: Uma revolução na cultura brasileira*. SP: Cosac Naif, 2007.
- BRUNO,** Maria Cristina (Coord.); ARAUJO, Marcelo Mattos; COUTINHO, Maria Inês Lopes (colabs.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: Textos e contextos de uma trajetória profissional*. SP: Pinacoteca do Estado, v 2, p. 123-126, 2010.
- CAMARGO,** Zeca. *Elza*. SP: Leya, 2018.
- CATROGA,** Fernando. Pátria e nação. In: *Coletânea de Textos da VII Jornada Setecentista*. Centro de Documentação e Pesquisa de História dos Domínios Portugueses, p. 13-30, 2007.
- CARVALHO,** Maria Alice Rezende de. Cidade, cidadania e o Rio de Janeiro. In: VERSIANI, Maria Helena (Curadoria). *Ciclo Cidadania em Debate*. RJ: Jauá Ed./Museu da República, 2009, p. 224-229.
- CASCUDO,** Fernando Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 10ª ed. SP: Global Ed., 2001.
- CHAGAS,** Mário; STORINO, Claudia. Os museus são bons para pensar, sentir e agir. *Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia*, n. 3, p. 6-9, 2007.
- CHAGAS,** Mário; BOGADO, Diana. A Museologia que não serve para a vida, não serve para nada: O museu das remoções como potência criativa e potência de resistência. In: CALABRE, Lia *et al.* *Memória das olimpíadas no Brasil: diálogos e olhares*. RJ: Fundação Casa de Rui Barbosa, p. 139-146, 2017.
- DURHAM,** Eunice. *A caminho da cidade*. SP: Perspectiva, 1984.
- FAOUR,** Rodrigo. *Ângela Maria: a eterna cantora do Brasil*. RJ: Ed. Record, 2015.
- FAUSTO,** Boris (Org.). *Fazer a América: A imigração em massa para a América Latina*. SP: Edusp, 1999.
- FERREIRA,** Jorge. Nacionalismo, democracia e reformas: As ideias políticas de Leonel Brizola (1961-1964). In: FREIRE, Américo; FERREIRA, Jorge. *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos (1961-1964 e 1979-2004)*. RJ: Civilização Brasileira, 2016, p. 23-51.
- FERRETTI,** Mundicarmo. *Na batida do baião, no balanço do forró*: Zedantas e Luiz Gonzaga. Recife:

- Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2012.
- FONSECA**, Emy Gayoso Monteiro da; **FERNANDES**, Neusa; **DUTRA**, Anésio Pereira. *Conservatória de ontem e de hoje*. RJ: Inepac, 1986.
- FOUCAULT**, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1999.
- GOLDENBERG**, Mirian. *A arte de pesquisar*. 8. ed. SP: Ed. Record, 2004.
- GOMES**, Angela Maria de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3. ed. RJ: Ed. FGV, 2005.
- JACOBSEN**, Jörn-Henrik *et al.* Why musical memory can be preserved in advanced Alzheimer's disease. *Brain*, vol. 138, p. 2.438–2.450, ago. 2015.
- LOPES**, Nei; **SIMAS**, Luiz Antonio. *Dicionário da História social do samba*. RJ: Civilização Brasileira, 2015.
- MELLO**, Cláudia Vaz Pupo de. *O movimento vital expressivo – sistema Rio Abierto na atenção primária em saúde: percepções dos usuários*. Mestrado Profissional. Ciências Médicas/Unicamp, 2012.
- MENDONÇA**, Thales B. Paes. Pequeno manual de como fazer uma seresta ou elementos para a definição de uma seresta ideal-típica. *Plural Pluriel*, n. 17, 2017.
- MOURA**, Roberto. *Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro*. Coleção MPB, RJ: Funarte, 1983.
- MOUTINHO**, Mário C. Definição Evolutiva de Sociomuseologia: proposta de reflexão. *Cadernos do Ceom*, v. 27, n. 41, p. 423-437, 2014.
- MUSICARIA BRASIL**. *Carmen Costa, 10 anos de saudades*, 2017.
- OSORIO**, Mauro; **RABELO**, Henrique; **VERSIANI**, Maria Helena. Trajetória e evolução recente da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. In: *Centralidades: perspectivas de políticas públicas*. Caderno Metropolitano. RJ: Câmara Metropolitana de Integração Governamental, 2017, p. 8-21.
- PERISSÉ**, Camille; **MARLI**, Mônica. Caminhos para uma melhor idade. *Retratos: A Revista do IBGE*, n. 16, p. 18-24, fev. 2019.
- PRESTES**, Anita Leocádia. *Uma Epopeia Brasileira: A Coluna Prestes*. SP: Ed. Moderna, 1995.
- PRIMO**, Judite. A museologia como instrumento estratégico nas políticas culturais contemporâneas. *Musas: Revista Brasileira de Museus e Museologia*, IPHAN, nº 2, p. 87-93, 2006.
- RIBEIRO**, Luiz César de Queiroz. Política urbana brasileira: avanços e desafios. In: **VERSIANI**, Maria Helena (Curadoria). *Ciclo Cidadania em Debate*. RJ: Jauá Ed./Museu da República, 2009,

p. 238-245.

ROSSI, Vincenzo. *La vida em movimiento* - el Sistema Rio Abierto: sanar los bloqueos emocionales. Buenos Aires: Editorial Kier, 2006.

SACKS, Oliver. *Alucinações musicais: relatos sobre a música e o cérebro.* SP: Companhia das Letras, 2007.

SAROLDI, Luiz Carlos; MOREIRA, Sônia Virgínia. *Rádio Nacional: O Brasil em Sintonia.* RJ: Jorge Zahar Editor, 1984.

SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuza Homem de. *A canção no tempo. 85 anos de músicas brasileiras.* 2 vols. SP: Editora 34, 1997; 1998.

SILVA, Francisco Pereira da. *Villa-Lobos.* Coleção A vida dos grandes brasileiros (supervisão de Américo Jacobina Lacombe), vol. 10, SP: Editora Três, 1974.

SOUZA, Valéria Gomes de. *A seresta e a serenata nas cidades de Conservatória e Niterói, no estado do Rio de Janeiro.* Mestrado, Unirio, 2010.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.* SP: DIFEL, 1980. Tradução de Livia de Oliveira.

VELOSO, Verônica; SOUSA, Luís Otávio de. *TIMÓTEO, Aguinaldo.* CPDOC/FGV, 2009.

VERSIANI, Maria Helena. *Correio Político: Os brasileiros escrevem a democracia (1985-1988).* RJ: Ed. Contra Capa. 2014.

VERSIANI, Maria Helena. *Criar, Ver e Pensar: um acervo para a República.* RJ: Garamond, 2018.

VIANA, Ditinha. *Da era do rádio aos dias atuais.* RJ: Editora Litteris, 1996.

VIANA, Ditinha. *Contos cariocas.* RJ: Editora Quartet, 2016.





Neste livro, impresso no Rio de Janeiro em 2020, foram utilizadas a família de fontes Gentium Book e o software de diagramação Adobe InDesign.

“Este livro celebra o fratrimônio, a herança que se constrói e se partilha entre irmãos e amigos. E também celebra a museofilia, o amor e a amizade pelo espaço museal, em movimento, em permanente construção e reconstrução.”

Mario Chagas

DIRETOR DO MUSEU DA REPÚBLICA